



CONGRESSO INTERNACIONAL DE FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

ENCONTRO NACIONAL DO GT PSICOLOGIA
& FENOMENOLOGIA - ANPEPP

19 E 20
WISH NATAL RESORT | SETEMBRO
2019

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E
LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

ANAIIS

2019 VOL II
19 e 20/set/2019 Natal-RN
www.nucleopoiesis.com.br

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ANPEPP

UFERN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE



ORGANIZAÇÃO:

Amanda Rocha
ASSESSORA DE EVENTOS CORPORATIVOS



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

Prof. Dr. José Daniel Diniz Melo (Reitor)
Prof. Dr. Henio Ferreira de Miranda (Vice-reitor)

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA

Prof.^a Dr.^a Maria das Graças Soares Rodrigues (Diretora)
Prof. Dr. Josenildo Soares Bezerra (Vice-diretor)

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA – DEPSI

Prof. Dr. Jader Ferreira Leite (Chefe)
Prof.^a Dr.^a Cândida Maria Bezerra Dantas (Vice-chefe)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI

Prof.^a Dr.^a Izabel Augusta Hazin Pires (Coordenadora)
Prof.^a Dr.^a Ilana Lemos de Paiva (Vice-coordenadora)

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Prof.^a Dr.^a Maria da Apresentação Barreto (Coordenadora)
Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Rios Simoni (Vice-coordenadora)

GRUPO DE ESTUDOS SUBJETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO - GESDH/UFRN

Prof.^a Dr.^a Elza Dutra (Líder)
Prof.^a Dr.^a Ana Karina Silva Azevedo (Vice-líder)

PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E INFORMAÇÕES

Núcleo de Psicologia Fenomenológica – POIESIS
Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano - GESDH/UFRN
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI/UFRN
Amanda Rocha Assessoria de Eventos

HOME PAGE

www.nucleopoiesis.com.br

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - ANPEPP

GRUPO DE TRABALHO PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA

Profa. Dra. Elza Dutra - UFRN (Coordenadora)
Profa. Dra. Vera Engler Cury – PUC-Campinas (Vice-coordenadora)



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

MEMBROS DO GRUPO DE TRABALHO PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA DA ANPEPP

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Ana Maria Monte Coelho Frota (Universidade Federal do Ceará)

Elza Dutra (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Fernando Gastal de Castro (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Georges Daniel Janja Bloc Boris (Universidade de Fortaleza)

Josemar de Campos Maciel (Universidade Católica Dom Bosco)

Monica Botelho Alvim (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Roberto Novaes de Sá (Universidade Federal Fluminense)

Vera Engler Cury (Pontifícia Universidade Católica de Campinas)

Virginia Moreira (Universidade de Fortaleza)

COMISSÃO ORGANIZADORA

COMISSÃO GERAL

Elza Dutra (Presidente)

Ana Andréa Barbosa Maux

Ana Karina Silva Azevedo

Alisson de Oliveira Santos

Cíntia Guedes Bezerra

Cynara Carvalho de Abreu

Gabriela Gibson Cunha

Ianny Felinto Medeiros de Azevedo

Kadidja Suelen de Lucena Santos

Malu Nunes de Oliveira

Maria Vanessa Morais da Silva

Melina Séfora Souza Rebouças

Symone Fernandes de Melo

COMISSÃO CIENTÍFICA

Ana Andréa Barbosa Maux

Ana Karina Silva Azevedo

Cíntia Guedes Bezerra

Cynara Carvalho de Abreu

Elza Dutra

Melina Séfora Souza Rebouças

Symone Fernandes de Melo

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO DOS ANAIS

Ana Andréa Barbosa Maux

Cynara Carvalho de Abreu



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

Cíntia Guedes Bezerra
Maria Vanessa Morais da Silva
Melina Séfora Souza Rebouças

SECRETARIA GERAL
Ana Andréa Barbosa Maux
Cíntia Guedes Bezerra
Kadidja Suelen de Lucena Santos
Melina Séfora Souza Rebouças

COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO
Elza Dutra
Ítalo Amorim
Kadidja Suelen de Lucena Santos
Malu Nunes de Oliveira

MONITORES
Alisson de Oliveira Santos
Gabriela Gibson Cunha
Ianny Felinto Medeiros de Azevedo
Malu Nunes de Oliveira
Maria Vanessa Morais da Silva

COBERTURA FOTOGRÁFICA
Marcos Barbosa da Silva (Cobertura fotográfica)

REALIZAÇÃO
Núcleo de Psicologia Fenomenológica - POIESIS
Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano – GESDH/UFRN
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia - ANPEPP
Grupo de Trabalho Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP

APOIO
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA
Departamento de Psicologia - DEPSI
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPsi
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia - ANPEPP

ORGANIZAÇÃO
Amanda Rocha Assessoria de Eventos



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL**
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Congresso Internacional de Fenomenologia existencial (2. : 2019 : Natal, RN)

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia existencial [e do] Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP [recurso eletrônico] : sofrimento, existência e liberdade em tempos de crise. - Natal, RN: UFRN, 2019.

109 p. : PDF.

Modo de acesso: <http://www.nucleopoiesis.com.br/congressos>

Eventos realizados em 19 e 20 de setembro de 2019 no Wish Natal Resort.

1. Fenomenologia existencial - Congressos. 2. Psicologia fenomenológico-existencial - Congressos. I. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. II. Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia.

RN/UF/BCZM

CDU 165.62

Elaborado por Ana Cristina Cavalcanti Tinôco– CRB-15/262



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

SUMÁRIO

TRABALHOS APRESENTADOS

SESSÃO TEMÁTICA – PRÁTICAS CLÍNICAS, CONTEMPORANEIDADE E SAÚDE.....	18
A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO NOS GRUPOS DE APOIO AOS ENLUTADOS POR SITUAÇÃO DE SUICÍDIO	18
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa	
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo	
A FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN NA LEITURA DA PRÁTICA PSICOLÓGICA EM GRUPO TERAPÊUTICO.....	19
Maria Luiza Tavares Silva	
A IDIONOMIA E A ANTAGONOMIA NA EXPERIÊNCIA VIVIDA DE MAURÍCIO	20
Victor Monteiro	
Adriane Silveira	
Rosa Brito	
Virginia Moreira	
A INTERSUBJETIVIDADE NA LUDOTERAPIA: UMA COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA DE CRIANÇAS E PSICOTERAPEUTAS.....	21
Mharianni Ciarlini de Sousa Bezerra	
Vera Engler Cury	
A MORTE ANTES DO NASCER: EXPERIÊNCIA DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE DIANTE DO ÓBITO FETAL INTRAUTERINO	22
Andréia Lucynara dos Santos Lima	
Symone Fernandes de Melo	
Flávio Fernandes Fontes	
Ana Andrea Barbosa Maux	
A NOÇÃO DE LINGUAGEM NA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY: ELEMENTOS PARA A PSICOTERAPIA COM CRIANÇAS.....	23
Willyan Mota	
Rosa Angela Cortez de Brito	
Lucas Bloc	
Virginia Moreira	



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

A PRÁTICA PSICOLÓGICA COM FAMÍLIAS: RESSONÂNCIAS DA HERMENÊUTICA EXISTENCIAL	24
Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite	
A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA NA PSICOTERAPIA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA COM CRIANÇAS: UM ESTUDO DE CASO	25
Rosa Angela Cortez de Brito	
Virginia Moreira	
AÇÃO CLÍNICA NO VIVER COTIDIANO EM DIÁLOGO COM POVOS DA TERRA	26
Suely Emilia de Barros Santos	
André Monteiro Costa	
Clarissa de Oliveira Gomes Marques da Cunha	
Rosângela Estevão Alves Falcão	
Wanessa da Silva Gomes	
ACOLHENDO QUEM PRECISA NO MOMENTO NECESSÁRIO: EXPERIÊNCIA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO NO SEPA/FACISA/UFRN	27
Luciana Fernandes de Medeiros	
Caroliny Barbosa de Farias	
Isabelly Cristina Soares de Oliveira	
Évilla Karielly Fernandes	
Jeane Magazili de Oliveira	
ACPE CRISES PSICOLÓGICAS AGUDAS: ATITUDE EMPÁTICA NO MANEJO CLÍNICO DE VIVÊNCIAS EXTREMAS DE SOFRIMENTO	28
Guilherme Wykrota Tostes	
Vera Engler Cury	
AGORA EU PRECISO DELA... ELA ME FAZ EXISTIR: A EXPERIÊNCIA DE CORPO VIVIDO NA ANOREXIA	29
Márcia Helena Nogueira	
Lucas Bloc	
Virginia Moreira	
AGRESSIVIDADE INFANTIL: UM SINTOMA NO PROCESSO DE LUTO EM CRIANÇAS NA LUDOTERAPIA	30
Maria Eloiza Lopes dos Santos	
Carina Cavalcanti de Souza	
Carla Karina Barbosa	
ANÁLISE DE UMA SITUAÇÃO CLÍNICA INDIVIDUAL EM SITUAÇÃO DE SUICÍDIO ...	31
Myriam Moreira Protasio	



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo	
CORPO EM RISCO, ANGÚSTIA A SALVO: REFLEXÕES CLÍNICAS SOBRE VIVÊNCIAS DE PÂNICO	32
Andréia Elisa Garcia de Oliveira	
CUIDAR E SER CUIDADO COMO EXPERIÊNCIAS DE ENCONTRO	33
Andréia Elisa Garcia de Oliveira	
Vera Engler Cury	
DA DOR A POSSIBILIDADE DE SUICÍDIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO CLÍNICO FENOMENOLÓGICO	34
Malu Nunes de Oliveira	
DEMANDA INICIAL DE SUJEITOS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO EM UM SERVIÇO DE EMERGÊNCIA PSICOLÓGICA	35
Sueyne Maria Soares Schramm	
Edmundo José Morais Rocha	
Liana Albano Cavalcante	
Angela Cardoso Andrade Timoteo da Silva	
EM QUE SE REALIZA O TERAPEUTA? UM ESTUDO SOBRE ÉTICA E EFICÁCIA EM PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA	36
Jeciana das Virgens Botelho	
FENOMENOLOGIA CLÍNICA DA ANSIEDADE NA INFÂNCIA	37
Camila Pereira de Souza	
Virginia Moreira	
FENOMENOLOGIA CRÍTICA E MORADIA NO BRASIL: A CLÍNICA COMO PRÁTICA POLÍTICO-SOCIAL EM OCUPAÇÕES DE MORADIA	38
Batsheva Aschermann Siqueira	
Heloisa Yzumida	
Luis Jardim	
Maíra Clíni	
Andreia Badan Fischer	
HUMANISMO, FENOMENOLOGIA E EXISTENCIALISMO: APROXIMAÇÕES E IMPLICAÇÕES NA PSICOLOGIA CLÍNICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	39
Mharianni Ciarlini de Sousa Bezerra	
Nadini Brandão de Sousa Takaki	
Vera Engler Cury	
KIERKEGAARD E A CLÍNICA PSICOLÓGICA: A ANGÚSTIA FORMADORA PELA FÉ EM PACIÊNCIA	40



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

Maitê Sartori Vieira	
O ADENTRAR NO CAMPO COMPREENSIVO SOBRE A ESCOLHA DA PROFISSÃO NA CONTEMPORANEIDADE	41
Julianne Dantas de Oliveira Pimentel	
Cynara Carvalho de Abreu	
O COMPORTAMENTO SUICIDA NA LITERATURA E NA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL DE SARTRE.....	42
Carlos Ming-Wau	
Georges Daniel Janja Bloc Boris	
Anna Karynne Melo	
O FATO, A FALTA E O FAZER DA CLÍNICA NO HORIZONTE DA LIBERDADE	43
Danielle Pisani de Freitas	
O FENÔMENO DA MORTE DA CRIANÇA E SEUS SENTIDOS: UMA INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL	44
Maira Prieto Bento Dourado	
O FILME ORAÇÕES PARA BOBBY NUMA PERSPECTIVA HEIDEGGERIANA	45
Igor Leonardo da Silva Pinheiro	
Gabriela da Silva Andrade	
Luana Lisboa da Costa Silva	
Sulamita Delfino Paulino Da Silva	
O PLANTÃO PSICOLÓGICO E A ERA DA TÉCNICA	46
Rafael Yoles	
O PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA ESTUDANTES DE PSICOLOGIA COMO RECURSO TERAPÊUTICO DE ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL.....	47
Laís Leite Rolim	
Sandra Souza da Silva	
O QUE É PLANTÃO PSICOLÓGICO? (RE)CONSTRUINDO SENTIDOS EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO.....	48
Maria Vanessa Moraes da Silva	
Melina Séfora Souza Rebouças	
O SENTIDO DO CUIDADO NA CLÍNICA PSICOLÓGICA INFANTIL	49
Lucas Bloc	
Rosa Ângela Cortez De Brito	
Virginia Moreira	
O SUICÍDIO NO CONTEXTO ESCOLAR: APONTAMENTOS E REFLEXÕES	50



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

Elaine Lopez Feijoo Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo	
ORIENTAR PARA DESORIENTAÇÃO? UMA PERSPECTIVA PSICOLÓGICA DE ANÁLISE DE CARREIRA NA PÓS-MODERNIDADE	51
Julianne Dantas de Oliveira Pimentel Cynara Carvalho de Abreu	
OS SENTIDOS DE HABITAR NA EXPERIÊNCIA DE SER-CRIANÇA EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL	52
Amanda Melo Queiroz da Costa Symone Fernandes de Melo Patrícia Karla de Souza e Silva	
PENSAMENTO CLÍNICO EM PSICOTERAPIA: CONTRIBUIÇÕES DE KIERKEGAARD	53
Myriam Moreira Protasio	
PLANTÃO COM APHETO: RELATO DE UMA EXPERIENCIA HUMANISTA FENOMENOLÓGICA.....	54
Liliane Brandão Carvalho Virginia Moreira	
PLANTÃO PSICOLÓGICO NO SEMIÁRIDO NORDESTINO: PERSPECTIVAS, AVANÇOS E DESAFIOS NA ITINERÂNCIA DO CUIDADO COM UNIVERSITÁRIOS.....	55
Sílvia Raquel Santos de Moraes Shirley Macedo Vieira de Melo Melina de Carvalho Pereira	
PROCESSOS DECISÓRIOS DE ENCAMINHAR PACIENTES PARA A PSIQUIATRIA NAS SITUAÇÕES CLÍNICAS PSICOTERAPÊUTICAS.....	56
Juliana Moreira da Silva Andrade Ana Andréa Barbosa Maux	
PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO COLABORATIVO: TECENDO REFLEXÕES A RESPEITO DA AÇÃO CLÍNICA DO PSICÓLOGO	57
Débora Victor Aragão Alves Giselle Oliveira Santos Suely Emilia de Barros Santos	
PSICOLOGIA HOSPITALAR NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	58
Liana Albano Cavalcante Fernanda Azevedo de Souza Angela Cardoso Andrade	



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

PSICOTERAPIA HUMANISTA E FENOMENOLÓGICA NO ATENDIMENTO A PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO	59
Gisella Mouta Fadda	
Vera Engler Cury	
QUEM ESTAMOS FORMANDO E A QUEM ESTAMOS ASSISTINDO? REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS NA GESTÃO DE UM SERVIÇO-ESCOLA.....	60
Patricia Karla de Souza e Silva	
Ana Andrea Barbosa Maux	
Symone Fernandes de Melo	
REFLETINDO SOBRE OS IMPACTOS DO HORIZONTE CONTEMPORÂNEO NO “SER ADOLESCENTE”	61
Milena Rodrigues Souza e Silva	
Melina Séfora Souza Rebouças	
REFLEXÕES SOBRE PLANTÃO PSICOLÓGICO A PESSOAS COM IDEAÇÃO SUICIDA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	62
Manuella Bila de Melo	
Melina Séfora Souza Rebouças	
Symone Fernandes de Melo	
REPERCUSSÕES DO USO DE PSICOTRÓPICOS NO SERVIÇO BÁSICO DE SAÚDE: DIÁLOGO COM A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA	63
Ana Paula Galdino de Oliveira	
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
RINOCERONTES: UMA EXPERIÊNCIA DE PLANTÃO PSICOLÓGICO EM PERÍODO ELEITORAL.....	64
Malu Nunes de Oliveira	
Anderson Andrade Silva	
SENTIDOS DE SER MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA: SOBRE ESCUTA EM PLANTÃO PSICOLÓGICO NUMA DELEGACIA ESPECIALIZADA.....	65
Caroline da Costa Oliveira	
Ana Karina Silva Azevedo	
SER MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NO SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA	66
Luana Bilro Pereira de Araújo	
Manuella Bila de Melo	
Symone Fernandes de Melo	
Patrícia Karla de Souza Silva	



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

SER-NERVOSA: DESVELANDO OS SENTIDOS ACERCA DO SOFRIMENTO DE MULHERES COM TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS.....	67
Isabelly Cristina Soares de Oliveira	
Luciana Fernandes de Medeiros	
SOBRE O PLANTÃO PSICOLÓGICO EM UMA DELEGACIA DA MULHER EM NATAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	68
Marinna Rezende de Lucena Marinho	
Isadora Letícia Silvestre Martins	
Glaucia Vivana Campos Xavier	
Jenair Alves da Silva	
Ana Karina Silva Azevedo	
SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL - ENTRE ÁLCOOL, DROGAS E PSICOFÁRMACOS: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA	69
Lorena Léa Braga	
TENTATIVAS DE SUICÍDIO EM PROFESSORES: UMA REVISÃO TEÓRICA.....	70
Andréa Carla Ferreira de Oliveira	
Gláucia Fernanda Soares Cabral	
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
TESTEMUNHAS DE UM SUICÍDIO: UM ESTUDO COM COMERCIANTES NAS IMEDIAÇÕES DA PONTE NEWTON NAVARRO.....	71
Amanda Melo Queiroz da Costa	
Ana Karina Silva de Azevedo	
Olga Maria Hawes Fernandes de Oliveira	
Caroline da Costa Oliveira	
SESSÃO TEMÁTICA – FENOMENOLOGIA, PESQUISA E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA	72
A ARTE DA DOCÊNCIA EM PSICOLOGIA CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....	72
Délio Henrique Delfino de Oliveira	
A CULPA MATERNA E O IDEAL DE MÃE EM SITUAÇÕES DE ABUSO SEXUAL INFANTIL	73
Gabriela Gibson Cunha	
Elza Maria do Socorro Dutra	
A ENTREVISTA NARRATIVA COMO POSSIBILIDADE DE “MOSTRAÇÃO” DO FENÔMENO	74



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

Fernanda Cabral	
Angela Cardoso Andrade	
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
A EXPERIÊNCIA DE ADOÇÃO DE FILHOS EM FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO	75
Gessica Raquel Clemente Rodrigues	
Ana Andréa Barbosa Maux	
Geovânia da Silva Toscano	
A MORTE COMO ESCOLHA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE O SUICÍDIO ..	76
Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo	
Elza Maria do Socorro Dutra	
A TENTATIVA DE SUICÍDIO À LUZ DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA EM UMA CIDADE DO NORDESTE	77
Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo	
Elza Maria do Socorro Dutra	
AS RODAS DE CONVERSA COMO PRODUÇÃO DE DADOS EM PESQUISA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA	78
Déborah Adriana Sá Capozzoli	
Ana Patrícia de Souza Amaral	
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
DIÁRIO DE CAMPO: INQUIETAÇÕES, REFLEXÕES E DISPOSIÇÕES AFETIVAS	79
Andrea Carla Ferreira de Oliveira	
Pedro Pereira Cavalcante Filho	
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
ESPAÇO, HISTÓRIA E RELAÇÃO E SEU LUGAR EM NARRATIVAS DE PESQUISAS FENOMENOLÓGICAS	80
Andréia Elisa Garcia de Oliveira	
Vera Engler Cury	
FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO EM SAÚDE MENTAL	81
João Marcos de Araújo Leite	
Anna Karynne Melo	
Virgínia Moreira	
FENOMENOLOGIA CRÍTICA E O GESTO ANTROPOFÁGICO	82
Maíra Mendes Clini	
Luis Eduardo França Jardim	



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

Daniele Elisa Silva Brito	
Lívia Mendes Miyasato	
Heloisa Yzumida	
HISTÓRIAS DE QUEM CUIDA: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A VIVÊNCIA DE CUIDADORES INFORMAIS DE IDOSOS	83
Gessica Raquel Clemente Rodrigues	
Ana Andréa Barbosa Maux	
MÉTODO FENOMENOLÓGICO E VERSÕES DE SENTIDO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PSICOTERAPEUTAS INICIANTES	84
Devid Dos Santos Oliveira	
Juliana Farias Santiago	
Lana Sobral De Oliveira	
Lucas Guimarães Bloc	
MINHA VIDA É O MAR: TESTEMUNHOS DE PESCADORES SOBRE OS SUICÍDIOS NA PONTE NEWTON NAVARRO	85
Olga Maria Hawes Fernandes de Oliveira	
Ana Karina Silva Azevedo	
Tamiris Rasec Dantas Aguiar	
Thayse Lira Santana	
Caroline da Costa Oliveira	
PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO COLABORATIVO: CAMINHO DE REFLEXÕES ACERCA DA AÇÃO CLÍNICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	86
Débora Victor Aragão Alves	
Giselle Oliveira Santos	
Suely Emilia de Barros Santos	
PSICOLOGIA, GRUPOS E FENOMENOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO CONTEXTO DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO	87
Jenair Alves da Silva	
Marinna Rezende de Lucena Marinho	
Cynara Carvalho de Abreu	
UM OLHAR INFANTIL: NARRATIVAS DE CRIANÇAS SOBRE A VIVÊNCIA DO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL	88
Manuella Bila de Melo	
Symone Fernandes de Melo	
Clara Maria Melo dos Santos	



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA POR PSICÓLOGOS RESIDENTES.....	89
Mharianni Ciarlini de Sousa Bezerra	
Vera Engler Cury	
UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA CLÍNICA NA CLÍNICA ESCOLA DE FISIOTERAPIA DA FACISA/UFRN	90
Caroliny Barbosa de Farias	
Isabelly Cristina Soares de Oliveira	
Luciana Fernandes de Medeiros	
UMA PESQUISA FENOMENOLÓGICA SOBRE SUICÍDIO: IMPLICAÇÕES ÉTICAS E EXISTENCIAIS DO PESQUISADOR	91
Elizabeth Avelino Rabelo	
VERSÕES DE SENTIDO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE PSICOLOGIA HUMANISTA.....	92
Patrícia Regina Bueno Incerpe	
VIVÊNCIAS DE PACIENTES COM DOR CRÔNICA NÃO ONCOLÓGICA: UM ESTUDO CLÍNICO-QUALITATIVO.....	93
Daniela Dantas Lima	
Egberto Ribeiro Turato	
VIVÊNCIAS DE PESSOAS AUTISTAS ADULTAS EM SEUS RELACIONAMENTOS	94
Gisella Mouta Fadda	
Vera Engler Cury	
SESSÃO TEMÁTICA – DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES	95
A EXPERIÊNCIA DE SER PROFESSOR DE PSICOLOGIA EM UMA ESCOLA TÉCNICA DE ENFERMAGEM: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS	95
Alisson de Oliveira Santos	
Ana Andréa Barbosa Maux	
A INTENCIONALIDADE DA CONSCIÊNCIA HUSSERLIANA, A LIBERDADE PARA APRENDER ROGERIANA E O AUTOCUIDADO DISCENTE	96
Ciro de Almeida Sampaio	
A MONSTER CALLS: O MONSTRO EXISTENCIAL CONFIGURADO PELA PSICOTERAPIA	97
Daniela Dantas Lima	
ATENDIMENTO MULTIPROFISSIONAL A CRIANÇAS COM MICROCEFALIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB OLHAR DA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL	98
Caroliny Barbosa de Farias	



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

Isabelly Cristina Soares de Oliveira	
ESPAÇO URBANO, IDEAL DO EU, DIFERENÇA E ALTERIDADE	99
Washington Ramos dos Santos Junior	
IDEAL DO EU E MITOLOGIA: CRONOS, BABEL, ULISSES	100
Washington Ramos dos Santos Junior	
PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA COM CRIANÇAS EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: ATRAVESSAMENTOS FENOMENOLÓGICOS POSSÍVEIS.....	101
Ingrid de Carvalho Lavor	
REFLEXÕES DA OBRA O ESTRANGEIRO À LUZ DA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL HEIDEGGERIANA	102
Lucas Matheus de Lima Silva	
Maria Eduarda Delgado Silva	
Délio Henrique Delfino de Oliveira	
UM ENCONTRO COM O AUTISMO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA CONTADA SOB O ENFOQUE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	103
Isabelly Cristina Soares de Oliveira	
VIVÊNCIAS DE ESTAGIÁRIOS SOBRE A PRÁTICA DE FISIOTERAPIA NEUROFUNCIONAL.....	104
Nadini Brandão de Sousa Takaki	
Vera Engler Cury	
SESSÃO TEMÁTICA – PRÁTICAS FENOMENOLÓGICAS, VIOLÊNCIA E POLÍTICAS PÚBLICAS	105
ATENDIMENTO A MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: A EXPERIÊNCIA DE PROFISSIONAIS DE UM CREAS.....	105
Patrícia Regina Bueno Incerpe	
Vera Engler Cury	
FENOMENOLOGIA CRÍTICA - SAÚDE MENTAL, INFÂNCIA E JUVENTUDE	106
Heloisa Yzumida	
Maíra Mendes Clini	
Lívia Mandes Miyasato	
Daniele Elisa França Jardim	
Rafael Yoles	
FENOMENOLOGIA CRÍTICA – REFLEXÕES PARA O ENFRENTAMENTO E ACOLHIMENTO DE QUESTÕES RELACIONADAS AO RACISMO.....	107
Daniele Elisa Silva Brito	



**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP**

SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

Maíra Mendes Clini

Luis Eduardo França Jardim

Heloísa Yzumida

Rafael Yoles

FENOMENOLOGIA CRÍTICA: A CLÍNICA COMO PRÁTICA POLÍTICO-SOCIAL A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS NO PERÍODO DAS ELEIÇÕES 108

Rafael Yoles

Lívia Mendes Miyasato

Luís Eduardo França Jardim

Maíra Mendes Clini

Batsheva Aschermann Siqueira

NÃO É PORQUE SOMOS HOMENS QUE NÃO PODEMOS CUIDAR: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOB A ADOÇÃO HOMOAFETIVA 109

Gessica Raquel Clemente Rodrigues

Ana Andréa Barbosa Maux

Geovânia da Silva Toscano

PÓS-ABRIGAMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA 110

Kadidja Suelen de Lucena Santos

Elza Dutra

Ana Karina Silva Azevedo



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

SESSÃO TEMÁTICA – PRÁTICAS CLÍNICAS, CONTEMPORANEIDADE E SAÚDE

**A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO NOS GRUPOS DE APOIO AOS
ENLUTADOS POR SITUAÇÃO DE SUICÍDIO**

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa
IFEN

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
IFEN / UERJ
Bolsista UERJ

Pretendemos desenvolver um estudo que possa investigar como a experiência do suicídio de um parente ou pessoa próxima pode afetar a existência de seus familiares e amigos, e como a atuação do psicólogo clínico treinado para atuar frente a situações de suicídio contribui no enfrentamento dessa experiência impactante, nos grupos de apoio para enlutados por esse tipo de morte. E também refletir sobre como as questões hegemônicas que prescrevem o mundo sedimentado pela lógica da técnica podem afetar a experiência dos enlutados por um suicídio. O impacto de um suicídio não só repercute na existência daquele que desistiu da vida, como também em toda sua rede de relacionamentos. Estudos mostram que a cada tentativa de suicídio, de cinco a dez pessoas ao redor são profundamente afetadas, acarretando consequências emocionais, sociais e econômicas. Encontrar as causas que levam ao suicídio tem se mostrado muito distante dessa experiência que, na maioria das vezes, desperta perplexidade. Parece que a existência na sua concretude não é alcançada e por isso pouco se pode falar sobre o que se passa nesse acontecimento. E para os enlutados, aceitar e conviver com a explicação da ciência, do senso comum ou da religião tem se mostrado insuficiente e, na maioria das vezes, ineficiente para abarcar a gama de sentimentos e afetos que envolvem esta situação. Torna-se imperativo que esse grupo de pessoas que são afetadas por um episódio de suicídio, também receba atenção especializada principalmente com a criação de grupos de apoio aos sobreviventes ao suicídio. A atuação profissional em grupos dirigida aos sobreviventes de um suicídio possibilita que um contingente significativo de pessoas possa usufruir dos benefícios que a atividade em grupo proporciona aos seus membros.

Palavras-chave: Suicídio, Grupo, Luto, Psicologia fenomenológico-hermenêutica, Sobrevivente.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

A FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN NA LEITURA DA PRÁTICA PSICOLÓGICA EM GRUPO TERAPÊUTICO

Maria Luiza Tavares Silva
Universidade Estadual da Paraíba

Edith Stein é figura singular da filosofia do século XX, a quem atribui-se legado teórico extenso e consistente que hoje flui de maneira crescente no Brasil e no mundo, tendo um plural alcance nas ciências sociais e da saúde. A autora se propôs a conceber a unidade complexa que é a pessoa humana, recorrendo à fenomenologia anti-reducionista de Husserl, sustentando uma postura de estudo dentro de uma relação viva, onde um eu busca a essência de um tu. Sua antropologia filosófica entende a pessoa humana como figura individual vinculada a uma estrutura social, sendo a pessoa humana o centro de interesse do estudo steiniano, por meio da análise sobre a empatia - como um ato de conhecimento do outro -, pelo qual se dá a constituição da totalidade do ser. Com o objetivo central de elucidar e promover uma atuação psicológica perante ao homem, cuja experiência de sofrimento é singular, bem como é singular e imutável sua constituição, este é o fundamento teórico sobre qual foram feitas as leituras apresentadas no presente trabalho, que consiste em uma prática voluntária de atenção psicológica à um grupo terapêutico na ISMI SOCIAL, uma casa de acolhimento para acompanhantes de pacientes graves e gravíssimos do Hospital de Trauma de Campina Grande, na Paraíba. No registro de diário de campo das atividades neste grupo, vê-se elucidadas concepções steinianas entre as quais evidenciamos a noção de comunidade, constituindo a visão de completude do homem, as relações em que ocorre o ato da empatia, que é especificamente humano e resguarda a possibilidade de se sentir útil perante a dor do outro. Verifica-se, contudo, que o método fenomenológico favorece o encontro rigoroso com a subjetividade, não obstante, fundamenta a atuação psicológica nas diversas modalidades de atendimento e situações de sofrimento do homem, visto que a substância individual, segundo a perspectiva steiniana, a dimensão espiritual, que não é coisa, e sim alguém, mantém-se vivo e capaz de identificar o conjunto de elementos singulares do todo e reunir os atos particulares da unidade, desenvolvimento e destino que envolve o seu ser pessoa.

Palavras-chave: Fenomenologia, Edith Stein, Psicologia, Grupo.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

A IDIONOMIA E A ANTAGONOMIA NA EXPERIÊNCIA VIVIDA DE MAURÍCIO

Victor Monteiro
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Adriane Silveira
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Rosa Brito
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Virginia Moreira
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

No campo da psicopatologia fenomenológica, a esquizofrenia se caracteriza como uma patologia de profundas perturbações na experiência de si, do mundo e dos outros. Tais alterações se apresentam como condições de possibilidade à experiência da esquizofrenia, e só podem ser compreendidas através da relação direta com o sujeito. Partindo deste referencial, discutimos o caso de Maurício, um paciente com o diagnóstico de esquizofrenia acompanhado por alunos do estágio básico na graduação em psicologia. Nesse estudo, de natureza qualitativa, utilizamos entrevistas semiestruturadas, de tipo anamnese. Realizamos três encontros com o paciente, os quais tiveram como prioridade compreender sua história de vida e suas experiências nos encontros. Internado em um hospital de Fortaleza, Maurício era um homem de 47 anos com histórico de diversas internações compulsórias. Reconhecia-se como a reencarnação de Jesus Cristo e acreditava estar internado por existirem pessoas que não gostavam de sua pregação. Se afirmava como um ser infinitamente bom e, como forma de apresentar isso, mudou seu nome para Bomrício. Seu discurso se voltava recorrentemente à temática religiosa e à descrição de suas características e poderes celestiais. No decorrer das entrevistas, chegou a considerar convictamente que estava sendo entrevistado para que o ajudássemos na pregação de sua palavra. O vivido de Maurício nos remete aos movimentos de re-orientação existencial da idionomia - a sensação de extrema excepcionalidade em relação ao mundo e aos outros - e da antagonomia - a oposição aos saberes do senso comum, percebendo os outros como adversários ao cumprimento de seu propósito. Compreendemos que Maurício assumiu estas posturas ao construir uma percepção de si mesmo como um messias injustamente preso por aqueles que não aceitam sua palavra, reivindicando seu caráter divino. Trazia constantemente descrições de suas habilidades sobrenaturais e da bondade de sua família, salientando marcas de distinção em relação ao mundo e aos outros. Consideramos que compreender o vivido esquizofrênico de Maurício foi um verdadeiro desafio, na medida em que esse vivido se orienta por sentidos díspares à racionalidade do senso comum. Enaltecemos a importância da atitude fenomenológica na condução deste processo, o que nos permitiu acessar parte do mundo vivido de Maurício.

Palavras-chave: Esquizofrenia, Psicopatologia Fenomenológica, Idionomia, Antagonomia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**A INTERSUBJETIVIDADE NA LUDOTERAPIA: UMA COMPREENSÃO DA
EXPERIÊNCIA DE CRIANÇAS E PSICOTERAPEUTAS**

Mharianni Ciarlini de Sousa Bezerra

Doutoranda em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas / Professora Assistente
da Universidade Federal do Piauí

Bolsista Pontifícia Universidade Católica de Campinas / CAPES II

Vera Engler Cury

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de
Campinas

Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de doutorado que tem como foco o fenômeno do encontro inter-humano que se desenvolve na clínica psicológica com crianças e se originou da seguinte questão: Como o encontro intersubjetivo, desencadeado no contexto da ludoterapia, se constitui e é significado por clientes e terapeutas após o término do processo psicoterapêutico? Configura-se como uma pesquisa qualitativa, orientada pela perspectiva fenomenológica husserliana, cujo objetivo é compreender fenomenologicamente a experiência vivida no acontecer clínico da ludoterapia por psicoterapeutas humanistas e crianças. Os norteadores teóricos adotados na concepção de encontro inter-humano são a fenomenologia de Husserl e Stein, além da Abordagem Centrada na Pessoa como representante da Psicologia Humanista. Os participantes são psicólogos com experiência como ludoterapeutas e crianças de 7 a 10 anos que vivenciaram a condição de psicoterapia por um período determinado. Os encontros dialógicos com cada participante foram iniciados com a apresentação de uma questão norteadora pela pesquisadora, que primou pelas atitudes de compreensão empática e autenticidade nesse processo de aproximação. Desse modo, propiciou a livre expressão dos participantes e o contato com seus conteúdos vivenciais particulares, atendendo aos critérios éticos da pesquisa com seres humanos. Após cada encontro dialógico, foi escrita uma narrativa compreensiva pela pesquisadora sobre os conteúdos vivenciais abordados. Concluída a investigação, uma narrativa síntese deverá reunir os elementos que compõem a estrutura essencial do fenômeno. Na atual fase da pesquisa, entende-se que todo encontro inter-humano guarda em si as possibilidades para se tornar intersubjetivo. Mas, primeiramente, deve ocorrer o contato psicológico entre os envolvidos, abrindo caminho para que se estabeleça uma relação dialógica propiciadora de trocas sensíveis e existenciais. Suspeita-se que o ambiente propiciado na psicoterapia de orientação humanista potencializa o acontecimento desse tipo de relação devido ao seu compromisso com o desenvolvimento do self, sua visão holística da pessoa humana, seu modo de cuidar do processo de mudança e a motivação para realizar todo potencial humano. Espera-se contribuir com o conhecimento científico sobre a relação que se estabelece na clínica, especialmente para quem vivencia esse processo e os psicólogos que enveredam por este campo.

Palavras-chave: Fenomenologia, Psicoterapia, Ludoterapia, Intersubjetividade.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

A MORTE ANTES DO NASCER: EXPERIÊNCIA DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE DIANTE DO ÓBITO FETAL INTRAUTERINO

Andréia Lucynara dos Santos Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Symone Fernandes de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Flávio Fernandes Fontes
Faculdade de Ciências da Saúde do Trairí-UFRN

Ana Andrea Barbosa Maux
UNIFACEX

O óbito fetal é aquele ocorrido em qualquer período gestacional e a assistência nesses casos ocorre multiprofissionalmente. A partir da perspectiva de Martin Heidegger (1889-1976), abre-se a possibilidade de uma compreensão existencial sobre os processos de vida e morte na maternidade. O objetivo da pesquisa é compreender a experiência de profissionais de saúde diante do óbito fetal intrauterino em uma maternidade. A aproximação do fenômeno se deu a partir da Fenomenologia hermenêutica heideggeriana. A pesquisa foi realizada com três profissionais de saúde: uma enfermeira, uma médica e uma assistente social. Partimos de uma questão disparadora: Você poderia compartilhar a sua experiência em situações de morte fetal na maternidade? A análise foi realizada com base em três elementos: redução fenomenológica, descrição dos vetores internos ao fenômeno e explicitação das experiências. As narrativas lançaram luz sobre os seguintes fenômenos: tonalidades afetivas no trabalho com OFIU; caminhos de cuidado na relação com a família; o lugar da espiritualidade na prática profissional; o confronto com a finitude; a relevância do saber de ofício e a tensão entre a técnica e a techné no trabalho em saúde. Assim, foi possível dar visibilidade a uma temática de difícil lida no contexto hospitalar, auxiliando na construção de espaços de diálogo e de aprimoramento do trabalho assistencial em situações de óbito fetal.

Palavras-chave: Morte fetal, Profissionais de saúde, Fenomenologia existencial.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**A NOÇÃO DE LINGUAGEM NA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY:
ELEMENTOS PARA A PSICOTERAPIA COM CRIANÇAS**

Willyan Mota
UNIFOR

Rosa Angela Cortez de Brito
UNIFOR

Lucas Bloc
UNIFOR

Virginia Moreira
UNIFOR

A psicoterapia com crianças é uma intervenção que busca trazer alívio para as diversas formas de sofrimento que podem comprometer a criança em suas relações e atividades cotidianas. Segundo a Organização Mundial de Saúde, ela deve ser estratégia primeira de cuidado para tratamento com crianças. Entre as peculiaridades na intervenção com crianças, está o desenvolvimento da comunicação verbal e a organização específica da linguagem durante a infância. Nos cursos na Sorbonne, entre os anos de 1949 e 1952, Merleau-Ponty se dedicou ao estudo da linguagem na infância. Através da fenomenologia, refletiu criticamente sobre os diversos campos de estudos da infância. Este estudo tem por objetivo discutir, através de uma revisão narrativa de literatura, as possíveis contribuições da noção de linguagem na infância na fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicoterapia com crianças. Compreendemos que a fundamentação em Merleau-Ponty pode contribuir para a psicoterapia infantil propiciando um entendimento diferente dos estudos tradicionais em psicologia e psicoterapia infantil, aproximando o psicoterapeuta do fenômeno vivido, pois o autor apresenta uma noção de criança pautada em uma visão positiva. A linguagem da criança não é inferior, mas diferente. A criança não é tomada por aquilo que lhe falta, mas vista como um ser com total capacidade, onde todas as possibilidades estão ali desde o início. A linguagem, tal como vista no adulto, não consiste em uma evolução ou ganho, mas em um certo empobrecimento, pois recorta os sentidos totais que estão para além dos significados e significantes. Assim, a criança não carece de comunicação por não possuir o domínio da fala instaurado como no adulto, mas possui seu próprio modo de se comunicar, rico e completo de sentidos. Enquanto o adulto vê de modo segmentado, a criança apreende de modo total. Concluímos que se faz necessário ao psicoterapeuta estar atento à relação, tomando a criança em seu próprio universo para o desenvolvimento de um processo capaz de trazer alívio a suas questões, sempre considerando os sentidos que emergem por meio de seu modo próprio de se comunicar.

Palavras-chave: Merleau-Ponty, Linguagem, Psicoterapia, Criança, Fenomenologia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**A PRÁTICA PSICOLÓGICA COM FAMÍLIAS: RESSONÂNCIAS DA HERMENÊUTICA
EXISTENCIAL**

Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite
Universidade Católica de Pernambuco

O presente estudo busca tecer compreensões acerca da prática psicológica com famílias, caminho já iniciado no trabalho de tese da autora. As inquietações que a guiaram nessa direção surgem a partir de sua prática clínica no encontro junto àqueles que procuravam pelo atendimento psicológico em serviços-escolas e no acompanhamento de famílias enquanto psicóloga de uma casa de acolhimento na cidade do Recife. Tais situações apontavam, na prática, para a insuficiência do paradigma técnico-cientificista para acompanhar tais demandas, assim como o limite das perspectivas intrapsíquicas e individualistas para compreender o sofrimento que ali se desvelava. Com o intuito de ampliar a compreensão acerca desse fazer, recorre a pressuposto extra-psicológicos da hermenêutica existencial na medida em que tal diálogo revela-se frutífero ao aproximar-se da compreensão da existência humana em seu sentido mais originário, privilegiando-se, principalmente, as compreensões do ser do homem enquanto ser-em, ser-com e cuidado. Assume, ainda, a compreensão gadameriana de Fusão de Horizontes e Conversação. Tal caminho possibilita vislumbrar uma prática psicológica não mais focada em pressupostos prescritivos, mas como possibilidade dos membros de uma família pôr-se em reflexão no jogo compreensivo, possibilitando ver e rever o modo como estão cuidando de ser em família, e como tal modo reverbera singularmente em cada um. Tal caminho lança aquele que acompanha a família nesse jogo compreensivo a assumir um direcionamento que sustente o caminho da pergunta, não correndo o risco de assumir nenhum horizonte compreensivo em detrimento de todos os outros que constituem a família. Apesar de não poder garantir o caminho que será percorrido, tal prática visa a possibilidade dos membros da família encontrarem outros modos de ser em família, na medida que se aproximam dos modos como estão conduzindo suas existências em tal contexto, abrindo-se para uma conversação (conversa-em-ação).

Palavras-chave: Ação clínica, Prática psicológica, Fenomenologia existencial.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA NA PSICOTERAPIA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA
COM CRIANÇAS: UM ESTUDO DE CASO**

Rosa Angela Cortez de Brito
Universidade de Fortaleza
Bolsista DPDI - Universidade de Fortaleza

Virginia Moreira
Universidade de Fortaleza

A psicoterapia infantil tem origem nas psicoterapias com adultos. Contudo, não se constitui como transposição do modelo interventivo para a criança. Peculiaridades diferenciam a psicoterapia infantil: idade, participação familiar, razões dos adultos para os atendimentos, forma de comunicação. As crianças, muitas vezes, não reconhecem ou não concordam com as queixas da família. Cabe aos familiares a decisão pela necessidade, início e manutenção da psicoterapia infantil. A psicoterapia humanista-fenomenológica com crianças é compreendida como encontro intersubjetivo, que acontece na imediaticidade, de forma espontânea e criativa e enfatiza a qualidade da relação psicoterapeuta-criança. Nessa intervenção, a participação familiar é fundamental e se desenvolve através de uma relação de parceria, em benefício da criança. O objetivo desse trabalho é discutir, a partir de um estudo de caso, a relação com a família na psicoterapia humanista-fenomenológica com crianças. O contato com a família de Mateus (nomes fictícios) ocorreu via encontros clínicos e escrita de relatos descritivos ao final dos encontros. Também ocorreram conversas informais e contatos por aplicativos de mensagens, registrados nos relatos descritivos. Mateus, 8 anos, faz psicoterapia há 8 meses. Sua família buscou psicoterapia por conta de suas dificuldades de leitura, de tolerância à frustração e de desenvolvimento da autonomia. A família de Mateus tem participado da psicoterapia, de forma presencial e virtual: a mãe, Antônia, participa dos encontros clínicos com a psicoterapeuta; Joaquim, o pai, o leva todas as semanas à psicoterapia e interage com a psicoterapeuta na sala de espera, em conversas que ocorrem antes ou após os atendimentos. A psicoterapeuta e Antônia também conversaram em um aplicativo de mensagens, onde emergiram elementos relativos à psicoterapia. Compreendemos esses contatos como extensão do setting clínico, já que os contatos com os pais demonstraram intensa participação no acompanhamento de Mateus. Tomando como base as atitudes facilitadoras e as intervenções fenomenológicas da psicoterapia humanista-fenomenológica, identificamos o psicoterapeuta como instrumento da relação familiar, para além do contato com a criança. Tendo em vista que o processo psicoterapêutico ocorre na interseção com o mundo, concluímos que na psicoterapia humanista-fenomenológica a participação familiar intensiva se constitui como um elemento fundamental no processo da criança em atendimento.

Palavras-chave: Fenomenologia, Psicoterapia, Psicoterapia com crianças, Relação com a família, Psicoterapia humanista-fenomenológica.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

AÇÃO CLÍNICA NO VIVER COTIDIANO EM DIÁLOGO COM POVOS DA TERRA

Suely Emilia de Barros Santos
UPE – Campus Garanhuns

André Monteiro Costa
FIOCRUZ/PE

Clarissa de Oliveira Gomes Marques da Cunha
UPE – Campus Arcoverde

Rosângela Estevão Alves Falcão
UPE – Campus Garanhuns

Wanessa da Silva Gomes
UPE – Campus Garanhuns

Este relato de experiência propõe a refletir sobre a ação clínica de psicólogos em arru(a)ção, ou seja, olharmos para a atitude de se inclinar ao outro desbravando e percorrendo caminhos possíveis para uma intervenção interdisciplinar no viver cotidiano daqueles que sofrem existencialmente, com questões relativas ao direito às suas terras e a vivência de suas tradições – os povos da terra. Tomando a fenomenologia existencial como marco de referência, este trabalho nasce da experiência com povos quilombolas em Garanhuns/PE, e com camponeses afetados pela transposição do rio São Francisco em Sertânia/PE, através de dois programas de extensão universitária: “Um Pé de Saúde” e “transVERgente”. Nosso objetivo é realizar uma contação de experiências, evidenciando a compreensão de que a saúde pode ser pensada como direito social e humano, condição para o direito à vida, revelando-se como um modo possível de pensar os desafios provenientes de situações de violação de direitos humanos, ambientais e sociais, em especial ao deparamos-nos com o sofrimento de uma população que se encontra em luta permanente pelo reconhecimento de suas terras e tradições, e sob o impacto da presença dos grandes empreendimentos no seu cotidiano. Ao tomarmos a cartografia clínica como método de intervenção/investigação, apontamos para a importância de um compartilhar de experiências entre o saber científico e o saber popular/tradicional. A ação clínica no viver cotidiano mostra-se como possibilidade de cuidado com os povos da terra, realçando a relação direta do homem com o mundo, e que essa coexistência expressa os modos como os moradores estão ligados culturalmente, socialmente e existencialmente ao mundo que habitam. Nessa caminhada, revela-se a importância da atenção psicológica não se voltar para uma tentativa de eliminar o sofrimento, mas acompanhar o outro a se apropriar do sentido que dá ao sofrimento existencial vivido no dia a dia, no conviver com outros. Pomos ainda em discussão a importância de uma práxis profissional desterritorializada, que toma o viver cotidiano como um aspecto de alta complexidade pois nos convoca a estarmos em trânsito por espaços coletivamente habitados, repensando nossa atitude e o nosso fazer de ofício.

Palavras-chave: Ação Clínica, Viver Cotidiano, Povos da Terra, Sofrimento, Saúde.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**ACOLHENDO QUEM PRECISA NO MOMENTO NECESSÁRIO: EXPERIÊNCIA DO
PLANTÃO PSICOLÓGICO NO SEPA/FACISA/UFRN**

Luciana Fernandes de Medeiros
FACISA/UFRN

Caroliny Barbosa de Farias
FACISA/UFRN

Isabelly Cristina Soares de Oliveira
FACISA/UFRN

Évilla Karielly Fernandes
FACISA/UFRN

Jeane Magazili de Oliveira
FACISA/UFRN
Bolsista Proex/UFRN

O Plantão Psicológico é uma modalidade da prática clínica contemporânea que consiste em um atendimento emergencial diante de uma situação de crise do sofrimento psíquico. Considerando a necessidade de um serviço como esse em Santa Cruz/RN, foi desenvolvido o projeto de extensão “Cuidar da existência: Plantão Psicológico e psicoterapia na Facisa/UFRN”, sob a perspectiva fenomenológica-existencial. Dessa maneira, o presente trabalho tem como objetivo descrever a experiência dos discentes sobre sua participação nesse projeto de extensão e analisar as contribuições para a promoção de saúde mental da comunidade. O projeto está em ação desde 2018, sendo desenvolvido por discentes do curso de Psicologia com supervisão quinzenal pelos coordenadores do projeto, que são psicólogos. Pessoas de todas as faixas etárias, incluindo crianças e idosos, fazem parte do público-alvo do projeto. Em 2018, foram atendidas 141 pessoas. Em 2019, quase 30 atendimentos até o mês de abril. Alguns discentes relatam que a possibilidade do encontro com aquilo que é inesperado pode ser angustiante, mas as supervisões em grupo proporcionam troca de experiências e mobilização da angústia. Ao mesmo tempo, percebem a necessidade de ler, estudar, se preparar melhor para o acolhimento das pessoas em crise. Consideram que o caráter de indeterminação do atendimento se liga ao pensar proposto pela fenomenologia que, enquanto perspectiva teórico-metodológica, também propõe a realização de um encontro indeterminado em uma relação paulatinamente construída entre seres em abertura. Um relacionar-se livre, incerto, onde a única exatidão é a busca pela amenização de uma situação de sofrimento. É inevitável que, só a partir de uma dimensão do não-saber, é possível o pleno reconhecimento do outro enquanto um ser de potencialidades e responsabilidades, um ser-nomundo. Observa-se que muitos casos se debruçam em um sofrimento existencial de pessoas que buscam serem acolhidas em suas necessidades por encontrarem-se restritas dentro do seu horizonte de possibilidades e limitadas pelo seu poder-ser. Conclui-se, então, que o plantão psicológico se apresenta como uma estratégia de cuidado importante, se constituindo como um espaço de escuta e acolhimento, para um momento em que o sofrimento está em seu ápice.

Palavras-chave: plantão psicológico, fenomenologia-existencial, serviço-escola, extensão.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**ACP E CRISES PSICOLÓGICAS AGUDAS: ATITUDE EMPÁTICA NO MANEJO CLÍNICO
DE VIVÊNCIAS EXTREMAS DE SOFRIMENTO**

Guilherme Wykrota Tostes
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Bolsista CAPES

Vera Engler Cury
PUC - Campinas

O objetivo desse trabalho é relatar a experiência de utilização da atitude empática como estratégia no manejo clínico de vivências extremas de sofrimento psicológico em situação de internação psiquiátrica. Publicações recentes têm apontado que a área da saúde mental vive atualmente um momento histórico de significativas ambivalências devido a premissas epistemológicas e metodológicas. Um período em que a psiquiatria determinada pelo paradigma biológico corre o risco de se tornar apenas biologicista, no sentido proposto por Eugenio Borgna, na medida em que os atos psíquicos são compreendidos exclusivamente a partir de alterações neurofisiológicas. Diante da prevalência do paradigma biológico como lógica para a compreensão do sofrimento humano, a Fenomenologia acabou sendo reduzida apenas a uma contribuição nosológica, sendo utilizada exclusivamente com a intenção de favorecer a coleta de sinais e sintomas necessária à classificação dos transtornos mentais que demandam medicação. Nossa experiência clínica ao longo de mais de 10 anos de atuação numa instituição psiquiátrica não demonstrou um cenário diferente desse. Durante esse período verificou-se que a equipe terapêutica utilizava o recurso medicamentoso em diversas situações que poderiam, também, ter sido manejadas por intervenções psicoterapêuticas. Tais atuações ocorriam, inclusive, no contexto das situações de crise, durante as quais médicos psiquiatras, enfermeiros e técnicos de enfermagem, não lançavam mão de outras alternativas que não a contenção física e/ou medicamentosa. Diante dessa constatação, a equipe de psicologia buscou auxiliar em tais circunstâncias, utilizando como recurso principal disponibilizar ao paciente uma atitude de compreensão empática nos moldes propostos pela Abordagem Centrada no Cliente, desenvolvida pelo psicólogo norte americano, Carl R. Rogers. Tais intervenções mostraram-se tão eficazes no processo de estabilização da pessoa em crise, ou sofrimento intenso, que a instituição hospitalar adotou como protocolo operacional padrão, a presença de um psicólogo plantonista, antes de qualquer outra tentativa de contenção medicamentosa ou física, enquanto primeiro profissional a atuar junto à enfermagem em situações de sofrimento extremo que muitas vezes são acompanhadas de atuações psicomotoras de hetero ou autoagressividade. Este trabalho pretende descrever e refletir sobre essa experiência inovadora a partir dos norteadores teóricos e epistemológicos da fenomenologia de Husserl e da Psicologia Humanista.

Palavras-chave: compreensão empática, crise psicológica aguda, fenomenologia, abordagem centrada no cliente, plantão psicológico.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**AGORA EU PRECISO DELA... ELA ME FAZ EXISTIR: A EXPERIÊNCIA DE CORPO
VIVIDO NA ANOREXIA**

Márcia Helena Nogueira
Universidade de Fortaleza

Lucas Bloc
Universidade de Fortaleza

Virginia Moreira
Universidade de Fortaleza
Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq - PQ - 1D

A anorexia nervosa é caracterizada como um sério transtorno psiquiátrico que afeta principalmente adolescentes do sexo feminino e possui elevada taxa de mortalidade bruta, altos índices de suicídio e comprometimento na fisiologia corporal. Além de uma perspectiva nosológica, consideramos um olhar crítico que implique um modo de compreensão do sujeito não apenas objetificado, mas percebendo-o em sua relação mundana através de sua experiência vivida. Este trabalho objetiva compreender o corpo vivido na anorexia nervosa a partir da experiência de Gisele, investigando a experiência do fenômeno anoréxico trazido por ela como algo difícil de acessar, partindo de um desconhecimento vivenciado por ela ou pessoas com quem se relaciona, do que seja a anorexia, não só em relação ao diagnóstico, mas principalmente, pela impossibilidade de aproximação dos significados que atravessam Gisele em seu processo de adoecimento. Realizamos uma pesquisa qualitativa partindo de entrevistas com a paciente assistida em um programa especializado em atendimento aos transtornos alimentares. Foi utilizado o método fenomenológico crítico proposto por Moreira e inspirado na fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty. Na fala da paciente, a anorexia nervosa se mostra como uma experiência em que o corpo é descrito como elemento objetificado onde a patologia se inscreve e se expressa. Em alguns momentos, a condição de adoecimento que apresenta a coloca em uma posição de certa impotência frente à vida, certa incapacidade de lidar com questões emocionais importantes, que a impedem de experimentar seu corpo em suas diversas possibilidades, no sentido da perspectiva de Merleau-Ponty da experiência de ambiguidade vivida no corpo. Concluímos que, para Gisele, a anorexia aparece como uma patologia apenas quando ela recebe o diagnóstico ao iniciar o acompanhamento profissional, pois a opção pelo não comer tinha, para ela, anteriormente um significado diferente. Ela optava por um referencial de corpo emagrecido em um funcionamento muito particular, um corpo anoréxico que compreendido também a partir de uma fenomenologia do corpo vivido, terá relevante contribuição em um novo modo de enxergar a anorexia nervosa não somente na perspectiva de um transtorno psiquiátrico, mas como um fenômeno que atravessa o vivido de Gisele como condição de possibilidade de existir no mundo.

Palavras-chave: Anorexia nervosa, Fenomenologia, Merleau-Ponty, Corpo vivido.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**AGRESSIVIDADE INFANTIL: UM SINTOMA NO PROCESSO DE LUTO EM CRIANÇAS
NA LUDOTERAPIA**

Maria Eloiza Lopes dos Santos
Universidade Potiguar - UNP

Carina Cavalcanti de Souza
Universidade Potiguar - UNP

Carla Karina Barbosa
Universidade Potiguar - UNP

Este trabalho tem o objetivo de apresentar um relato de experiência no campo profissional da psicologia clínica infantil, com embasamento teórico na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP de Carl Rogers. A ludoterapia na ACP é um atendimento psicoterapêutico que propõe atitudes facilitadoras necessárias para o crescimento: a compreensão empática, a congruência e a aceitação positiva incondicional. A linguagem mais comum e mais utilizada com crianças é o brincar, visto que é uma comunicação natural no desenvolvimento humano. Um dos objetivos da ludoterapia é auxiliar no crescimento da criança, no despertar do seu autoconhecimento, aprendendo a respeitar a si mesma e experimentar novos sentimentos. Para isso, se faz necessário a criação de um vínculo, na qual ela se sinta confortável e segura o suficiente para vivenciar todas as suas emoções e todas as partes do seu eu. Foi a partir deste aporte teórico que tive auxílio para o processo psicoterapêutico. O caso aborda a vivência de uma criança de 5 anos, sexo masculino, que perdeu sua mãe vítima de Câncer, onde o mesmo acompanhou todo o processo de enfermidade e que em dezembro de 2018 veio a óbito. Em processo de luto em elaboração, a criança começa a apresentar comportamentos de agressividade, principalmente no meio familiar. Após iniciar a psicoterapia na sala de ludoterapia, o mesmo expõe suas dificuldades através das produções gráficas e brincadeiras como a bola e o boliche sempre com expressão de agressividade, revelando no decorrer das sessões por meio dos desenhos seus sentimentos. Foi proporcionado, um ambiente acolhedor de forma que ela pudesse expressar seus sentimentos e atitudes que foram bloqueados em função do acontecimento, construindo, um clima relacional de liberdade e confiança auxiliando-a para novas descobertas e contribuindo para seu autoconhecimento. Portanto, a partir desta prática, foi possível constatar a relevante contribuição para a vida acadêmica e para a preparação da atividade profissional, colaborando para um novo olhar acerca do universo infantil, bem como suas vivências e diferentes reações emocionais na contemporaneidade. Os sentimentos vivenciados permitiram alertar a condição de implacabilidade que os envolve, reafirmando a necessidade de se buscar caminhos que promovam mudanças.

Palavras-chave: Ludoterapia, Agressividade, Processo de Luto, Abordagem Centrada na Pessoa.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

ANÁLISE DE UMA SITUAÇÃO CLÍNICA INDIVIDUAL EM SITUAÇÃO DE SUICÍDIO

Myriam Moreira Protasio
UERJ / IFEN
Bolsista FAPERJ

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
UERJ / IFEN

O suicídio entre jovens tem aumentado nos últimos anos, figurando cada vez mais na mídia. Citamos como exemplo o número 149 da Revista Piauí, de fevereiro de 2019, onde é citado que, de acordo com a OMS, em 2016 o suicídio figurou como a segunda razão mais comum de óbitos entre adolescentes e jovens de 15 a 29 anos no mundo, e no Brasil se revelou a quarta causa de morte nessa mesma faixa etária. Entre os muitos motivos associados ao desejo ou mesmo ao ato de tirar a própria vida, o desespero é tema recorrente na literatura dedicada ao tema, que muitas vezes estabelece uma correlação causal entre o que comumente entendemos como desespero, um sentimento de que estamos sem saída, e a decisão por tirar a própria vida. Esta investigação quer mostrar de que modo expressões de desespero aparecem no discurso clínico de um jovem que apresenta pensamentos suicidas. Será realizada a análise existencial do discurso de modo a levantar a modalidade e as circunstâncias em que aparece a experiência de desespero e como se articula ao desejo de tirar a própria vida. As reflexões de Kierkegaard sobre o desespero são o referencial teórico que esclarecerá sobre a experiência deste jovem. O interesse por essa temática surgiu numa primeira pesquisa sobre suicídio, quando expressões de desespero apareceram de forma relevante no discurso de pessoas que se encontravam em dúvida entre viver ou morrer. Em um segundo momento da pesquisa analisou-se, à luz do pensamento de Kierkegaard, as expressões que caracterizavam o desesperar em atendimentos clínicos realizados no Núcleo de Atendimento Clínico a Pessoas em Risco de Suicídio do SPA da UERJ no segundo semestre de 2017. Chegou-se à conclusão que desespero não é um sentimento que possa ser extirpado, mas a própria condição do homem que não pode decidir a situação em que existe e com a qual sempre se articula, de um modo ou de outro.

Palavras-chave: Suicídio, Desespero, Análise existencial, Sören Kierkegaard.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

CORPO EM RISCO, ANGÚSTIA A SALVO: REFLEXÕES CLÍNICAS SOBRE VIVÊNCIAS DE PÂNICO

Andréia Elisa Garcia de Oliveira

Ser & Saber - Consultório privado e espaço de estudos em Psicologia

A condição de pânico, transtorno de ansiedade comum na atualidade, possui formas de manifestação que revelam características da pós-modernidade, tais como: sensação difusa de ameaça; desejo de exercer controle sobre situações e sentimentos (próprios e alheios); expectativa de soluções rápidas e definitivas. A estes elementos, acrescentam-se características pessoais que revelam dificuldades na intersecção entre temporalidade, espacialidade e corporalidade, culminando em situações de crise que desafiam a clínica psicológica contemporânea. Afastando-nos da consideração das manifestações de pânico como sintomas e buscando compreendê-las como fenômenos que revelam modos de ser em sofrimento, pretende-se tecer algumas contribuições para o entendimento do que acontece com a pessoa no momento da crise. Serão discutidos elementos que emergiram a partir de observações clínicas, no contexto de um consultório privado na cidade de Campinas-SP. Como fonte de compreensão, foram consideradas vivências descritas por clientes, diagnosticados com Transtorno do Pânico e em tratamento medicamentoso, concomitante com a psicoterapia. Não serão relatados os casos em si, mas reflexões da psicoterapeuta, a partir da percepção de certa universalidade nas vivências limitantes descritas pelos clientes. Esses elementos incluem: cisão do self no enfrentamento do mal-estar, distanciando o psiquismo da corporalidade e evitando o contato com a angústia; sensação de desconfiança em si; percepção de estados de falência corporal ou psíquica como reveladoras do modo de ser da pessoa; e a função da intersubjetividade como elemento protetivo ante a ocorrência de crises. A experiência clínica indica que quando a pessoa se reintegra na vivência do sofrimento, pode reconhecer que a origem de seu mal-estar é da ordem do psíquico e não exclusivamente do corporal. Tais observações ajudam a revelar a forma como a dupla psicoterapeuta-cliente pode construir uma relação na qual a pessoa se sinta segura para aperceber-se nas sensações que emergem na crise, como também para começar a dar-se conta de que, embora o sofrimento seja intenso, seu corpo vai bem e ela pode explorá-lo de diferentes formas para recuperar, aos poucos, a confiança em si. Quando esse processo avança, a ansiedade começa a ser transposta para o campo da simbolização/verbalização e as sensações corporais deixam de ser necessárias.

Palavras-chave: Transtorno do pânico, vivências, corporalidade, psicoterapia fenomenológica humanista.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

CUIDAR E SER CUIDADO COMO EXPERIÊNCIAS DE ENCONTRO

Andréia Elisa Garcia de Oliveira
PUC-Campinas

Vera Engler Cury
PUC-Campinas

A partir de pesquisas realizadas (mestrado e doutorado), nas quais se investigou fenomenologicamente as experiências de cuidar e ser cuidado em contextos de assistência à saúde, a partir de encontros com profissionais e pacientes, respectivamente, foi possível identificar lacunas na qualidade das relações vividas entre eles. Queixas, frustrações, bem como comparações e elogios mencionados pelos participantes de ambas as pesquisas podem nos ajudar a melhor compreender a dificuldade que os serviços de saúde encontram em promover uma assistência humanizada aos pacientes. Ficou claro que genuínos encontros entre profissionais e pacientes não acontecem apenas a partir de diretrizes de humanização que visem pré-definir padrões relacionais. Compreender como se dão as relações de cuidado, a partir das experiências pessoais daqueles que cuidam ou dos que são alvo deste cuidado, nos ajudou a delinear quais elementos são apontados por estas pessoas como responsáveis por encontros e desencontros nas relações assistenciais. Assim, nosso objetivo é apresentar um recorte das duas pesquisas a fim de elencar os elementos apontados pelos dois grupos de participantes, distinguindo-os entre os que facilitam ou dificultam a ocorrência de relações interpessoais em contextos de saúde. Há características nos modos de estar com o outro que tornam as pessoas capazes de afirmar a presença do outro como tal, pelo reconhecimento de sua singularidade ou, pelo contrário, de destituí-los simbolicamente desta condição, levando-os à sensação de desumanização tanto no cuidar como no ser cuidado. Tais elementos serão discutidos a partir das contribuições teóricas de Miguel Mahfoud, Romano Guardini e Les Todres a respeito da centralidade do Encontro para relações fundantes e sustentadoras da condição humana. Pretende-se abordar as relações de cuidado, não numa perspectiva teórica ou filosófica, mas encarnada no mundo da vida que se revelou a partir das vivências dos participantes das duas pesquisas. Espera-se que tal digressão reflexiva acerca dos resultados que emergiram de estudos fenomenológicos possa contribuir com pessoas envolvidas em relações de cuidado em contextos assistenciais, bem como com a formação de profissionais de saúde.

Palavras-chave: cuidado, experiência, pesquisa fenomenológica, encontro, humanização



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**DA DOR A POSSIBILIDADE DE SUICÍDIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM
PROCESSO PSICOTERAPEUTICO CLÍNICO FENOMENOLÓGICO**

Malu Nunes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho apresenta reflexões fenomenológico-existenciais sobre o atendimento de uma paciente que se encontra em processo psicoterapêutico sob queixa de depressão e ideação suicida. O objetivo é trazer à luz a experiência de uma mulher que chegou ao consultório após um longo movimento de negar-se a si mesma. Para a Psicologia Fenomenológica com enfoque na Analítica da Existência, a psicoterapia aparece como uma disponibilidade de se lançar no desconhecido, de originariamente poder ser-com-o-outro. Para a paciente, entre todos os sintomas, confrontar-se com os pensamentos sobre morte aparentou ser o mais doloroso. Cristã, simpatizante do espiritismo kardecista, tem fortes crenças sobre a continuidade da vida após a morte. Independentemente disso, a ideia de que morrer era melhor do que continuar na dor é recorrente. “Viver tem sido uma queda sem fim, tão solitária que nem as paredes e o chão se faziam presentes”, relatou em uma das sessões. Pode-se pensar como a angústia surge através do temor diante do nada, e reflete a condição de ser-para-a-morte que impulsiona o Dasein para a possibilidade de dois destinos: ser-si-mesmo ou considerar a morte como saída diante da falta de sentido do Ser. A administração dos fármacos para o tratamento de sua condição existencial de sofrimento é temática presente durante os encontros, assim como a experiência dura de internamento psiquiátrico que vivenciou, desvelando uma profunda tristeza em se perceber sujeita a um diagnóstico e sob testes fracassados de usos de diversos psicotrópicos. A necessidade de afastamento do trabalho, de demandar tutela de seus familiares, e se manter sob os olhos da psiquiatra e da psicóloga, colocam a paciente constantemente em confronto com suas próprias questões. Como considerações finais, é importante ressaltar a necessidade de reflexão sobre como a sociedade e os profissionais de saúde vêm tratando tais processos de adoecimento e diagnosticando o sofrimento. Para a paciente, compreender os movimentos que limitam sua experiência desvelou a possibilidade de poder lidar com algumas privações, ações antes nunca praticadas por ela, e, dia após dia, fazer escolhas das atividades prioritárias – e fazê-las aos poucos – para que possa também se ocupar de si.

Palavras-chave: Psicoterapia, Daseinsanalyse, Fenomenologia-existencial, Analítica da Existência.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**DEMANDA INICIAL DE SUJEITOS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO EM UM SERVIÇO DE
EMERGÊNCIA PSICOLÓGICA**

Sueyne Maria Soares Schramm
Universidade de Fortaleza

Edmundo José Morais Rocha
Diretor do Espaço Dasein (Estudos e Pesquisas em Ciências Humanas da Saúde)
Professor de Pós-Graduação

Liana Albano Cavalcante
Universidade de Fortaleza

Angela Cardoso Andrade Timoteo da Silva
Universidade de Fortaleza

O estudo versa sobre a caracterização sociodemográfica e demanda inicial de sujeitos em sofrimento psíquico emergencial, atendidos no Plantão Psicológico (PP) do Serviço de Psicologia Aplicada do Núcleo de Atenção Médica Integrada da Universidade de Fortaleza. Esse serviço tem como norteador de sua prática a Fenomenologia Existencial. Os objetivos desse estudo são identificar as demandas psicológicas como queixas iniciais para o serviço, a frequência de sessões e o fluxo de encaminhamentos. A pesquisa é de natureza quantitativa, cujo delineamento metodológico foi descritivo e exploratório. A análise e tabulação dos dados, como os gráficos e tabelas, foram processados pelo software SPSS, num total de 124 pacientes atendidos, no período de agosto de 2018 a junho de 2019. Os resultados demonstram que 57% dos pacientes apresentam sintomas mistos de depressão e ansiedade, 29% TDAH, agressividade e ansiedade, 6% depressão grave, automutilação e ideação suicida, 3% transtorno de personalidade borderline e ideação suicida, 3% luto, 1% violência doméstica. Referente ao plantão, 68% obtiveram um atendimento, 9% 5 sessões, 12% 3 sessões, 6% 2 e 4 sessões e 1% 6 sessões. Quanto a indicação terapêutica 31% foram indicados para a avaliação neuropsicodiagnóstica, 27% psicoterapia individual, 23% psicoterapia e acompanhamento psiquiátrico e 1% psicoterapia grupal e acompanhamento psiquiátrico. No total, 82% dos pacientes foram encaminhados e 18% dos pacientes o processo foi encerrado. Neste cenário, os modos de viver na contemporaneidade acenam para o crescimento significativo de pessoas em sofrimento psíquico intenso e que necessitam de atendimento emergencial para o seu agravo. Numa era do imperativo da produtividade e do “hiperaceleramento”, a impessoalidade vivida nos relacionamentos acentuam o isolamento e a individualização máxima. A partir da compreensão heideggeriana sobre a “era da técnica” e do “pensamento calculante”, entendemos que a condição humana em seu devir se encontra ameaçada em seus modos de existir, carecendo do “pensamento meditante” como forma de afastamento da lógica moderna que subjaz à paralização do Ser frente suas possibilidades de significação existencial. Conclui-se que a formação do psicólogo plantonista deve estar alinhada aos fenômenos tecnificantes da era moderna.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Emergência Psicológica, Fenomenologia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**EM QUE SE REALIZA O TERAPEUTA? UM ESTUDO SOBRE ÉTICA E EFICÁCIA EM
PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA**

Jeciana das Virgens Botelho
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

INTRODUÇÃO: Esse estudo visa refletir sobre questões que fundamentam o realizar do terapeuta fenomenólogo, considerando seu lugar em um contexto cultural capitalista, que aparece pela necessidade de controle das relações visando uma produtividade lucrativa. Observa-se que essa cultura de eficiência dos resultados recai também sobre as práticas psicoterápicas, exigindo, destas, parâmetros de objetivação e eficácia. Diante disso, seria possível enquadrar a psicoterapia nas determinações capitais? Em que ética se fundaria uma relação terapêutica nesse contexto? Para pensar tais perguntas, utilizo a problemática do paciente resistente, este que “dificulta” a eficácia da relação.

DESENVOLVIMENTO: O fundamento da psicoterapia é seu estranhamento, que recai como apelo afetivo tanto ao terapeuta quanto ao paciente. A pessoa que resiste ao processo, seja pela falta de cooperação ou completa passividade, desperta no terapeuta sentimentos de extremo estranhamento de si. Na necessidade de resolução dessa angústia, muitas vezes esses sentimentos são lançados contra o próprio paciente, como se ele fosse o problema que inviabiliza a relação, esquecendo-se de que, na verdade, são justamente os aprisionamentos existenciais que motivam e justificam a psicoterapia, em vez de atrapalhá-la. Portanto, o paciente resistente pode ser analisado como um convite ao terapeuta para repensar a própria ética; as questões fundamentais que sustentam o seu fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Qualquer forma de controle dos resultados em psicoterapia vai de encontro a esse movimento e reforça dispositivos supressores do acontecimento existencial. Também, é impossível para nós, terapeutas, dimensionarmos as implicações da atuação na vida do outro. Nessa perspectiva, a realização terapêutica não reside, fundamentalmente, nas interpretações, aplicação de instrumentos, controle de “sintomas” ou quaisquer técnicas determinadas de antemão. Mas, acontece no apelo afetivo: no desenvolvimento de uma intimidade. Enfim, a realização terapêutica fenomenológica não se submete à eficácia capital, mas aparece pela vivência da pura e singular ética do terapeuta. Acontece na compreensão e vivência de sua própria intencionalidade, antes mesmo do encontro material com o outro: em cada momento que o terapeuta busca a si mesmo, questiona-se, em rigor fenomenológico, de suas disposições afetivas: condições que apresentam tanto os limites quanto as potências de abertura para o mundo.

Palavras-chave: Clínica fenomenológica, Ética, Psicoterapia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

FENOMENOLOGIA CLÍNICA DA ANSIEDADE NA INFÂNCIA

Camila Pereira de Souza
Universidade de Fortaleza
Bolsista CAPES

Virginia Moreira
Universidade de Fortaleza

A ansiedade é um fenômeno que se encontra na base de nossa existência como disposição afetiva fundamental. É uma reação propriamente humana e pode ser vivida de forma dolorosa, pungente, angustiante e que perturba nossa existência. Este fator culmina na associação da ansiedade a uma condição patológica demarcada como transtorno pela Psiquiatria. A incidência dos transtornos de ansiedade na população está entre as mais altas, correspondendo a 264 milhões de pessoas ao redor do globo. Sua prevalência entre crianças, no Brasil, é de 13%. A acentuada presença dos quadros de ansiedade na infância pode acarretar em problemas para a criança no âmbito social, familiar e escolar, além de ocasionar novos quadros psicopatológicos na vida adulta. Neste trabalho, utilizaremos a lente da fenomenologia clínica de inspiração merleau-pontyana com a finalidade de compreender o fenômeno da ansiedade na infância. Realizamos pesquisa qualitativa, por meio da elaboração de revisão de literatura de autores da fenomenologia clínica sobre a temática da ansiedade na infância. Buscamos em bases de dados científicas, tais como Scielo, Pepsic, BVS, Ebsco Host e Portal de Periódicos Capes, publicações sobre ansiedade, infância e fenomenologia, utilizando estes termos como descritores para a coleta dos dados. A infância é demarcada pelo processo de descobrimento do mundo, em que a criança dá seus primeiros passos, literal e metaforicamente, descobrindo a si mesma, ao outrem e ao mundo. Para além de um fenômeno universal, a infância é constituída no entrelaçamento ambíguo da criança com o mundo e com a cultura. Ao invés de representar este mundo, ela está imersa nele, sendo sua própria experiência no sentido pré-reflexivo. A ansiedade na infância emerge atrelada ao modo de vida contemporâneo, o qual é marcado pela era da aceleração e do desempenho. A infância, vivida nesse contexto cultural, encontra-se cada vez mais adoecida, e o aprisionamento dos modos de ser criança compõe um terreno fértil para a proliferação do fenômeno da ansiedade. Compreender a infância entrelaçada ao mundo e a cultura, resgatando a ambiguidade da experiência de ser criança, é um passo importante para nos aproximarmos dos fenômenos de adoecimento que a cercam, tais como a ansiedade.

Palavras-chave: Fenomenologia, Infância, Ansiedade.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**FENOMENOLOGIA CRÍTICA E MORADIA NO BRASIL: A CLÍNICA COMO PRÁTICA
POLÍTICO-SOCIAL EM OCUPAÇÕES DE MORADIA**

Batsheva Aschermann Siqueira
Sedes Sapientae

Heloisa Yzumida
Sedes Sapientae

Luis Jardim
Sedes Sapientae

Maíra Clíni
Sedes Sapientae

Andreia Badan Fischer
PUCSP

O presente estudo pretende apresentar um trabalho clínico desenvolvido em duas ocupações de moradia e um olhar crítico sobre a questão da moradia e da desigualdade social no Brasil que decorreu dessa experiência. O trabalho clínico foi desenvolvido em duas ocupações parceiras e tinha como proposta acolher as famílias e moradores, assim como investigar sobre a singularidade e contexto da vivência das pessoas que vivem em ocupações de moradia, compreendendo as famílias e suas relações nesse espaço a partir de suas próprias narrativas. Todo o caminho percorrido está fundamentado na fenomenologia crítica, perspectiva que orienta tanto nossa inserção nas ocupações como o modo de nos aproximar das narrativas dos moradores e moradoras. Encontramos na prática da Cartografia Clínica e do Plantão Psicológico uma inspiração para o trabalho ali desenvolvido, considerando a necessidade de compreender o espaço e as vivências que o compõe como algo intrínseco para uma clínica político-social. Nosso trabalho permitiu o contato com diferentes aspectos do cotidiano das ocupações e proporcionou um olhar sobre a existência dessa luta e dessas pessoas, existência essa que é radicalmente atravessada pelo preconceito e estigmatização por estarem nessa condição de vulnerabilidade, por serem pobres e em grande maioria negras. Por fim, analisamos a necessidade de compreender historicamente o contexto latino-americano e o cenário político atual para construção de uma clínica político-social em ocupações de moradia.

Palavras-chave: Fenomenologia crítica, Clínica, Moradia, Ocupações de moradia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**HUMANISMO, FENOMENOLOGIA E EXISTENCIALISMO: APROXIMAÇÕES E
IMPLICAÇÕES NA PSICOLOGIA CLÍNICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

Mharianni Ciarlini de Sousa Bezerra
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Bolsista Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS)

Nadini Brandão de Sousa Takaki
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)
Bolsista (PUC-Campinas)

Vera Engler Cury
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS)

A Psicologia contemporânea está marcada por ramificações teóricas e metodológicas que guardam especificidades do amplo espectro da clínica psicológica. Este trabalho tem como enfoque seus diversos enquadres, especialmente aqueles que remetem às abordagens consoantes à Terceira Força em Psicologia. Partiu-se da questão: Como os pensamentos fenomenológico, existencialista e humanista estão associados nos delineamentos atuais dos métodos psicoterapêuticos implementados no Brasil? Configura-se como um estudo teórico, cujo objetivo é analisar as relações entre Fenomenologia, Existencialismo e Humanismo na Psicologia brasileira contemporânea, discutindo os modos de aproximação dessas correntes e como elas influenciam a prática da psicoterapia. O Movimento Humanista originário reúne os princípios fundamentais encontrados no nascedouro das correntes filosóficas ligadas à Psicologia Humanista, apesar de divergirem drasticamente em certas ideias. A concepção libertária que orienta ou motiva a noção de devir humano presente em cada uma delas demarca um modo experiencial de agir e de se relacionar direcionado à autonomia, à integridade humana e sua capacidade criativa. No entanto, a maneira de compreender o processo psicoterapêutico e a relação homem-mundo variam conforme a ênfase epistemológica existencialista ou fenomenológica. Entende-se que as diversas nomenclaturas das abordagens, associando as referidas correntes à atuação clínica, representam tendências ideológicas próprias da Psicologia ocidental moderna e sua difusão em âmbito nacional. É importante ressaltar que as abordagens mais difundidas são adotadas por diversos núcleos de formação de psicoterapeutas e por uma parcela significativa de cursos de graduação de psicólogos, sendo associadas a métodos clínicos correlatos. Dessa maneira, contribuem para a perpetuação da noção difusa em torno da Terceira Força. Vale lembrar que, desde o fim da década de 1990, a Associação Americana de Psicologia pesquisa e discute sobre identificação, formação e disseminação de tratamentos psicológicos empiricamente sustentados. No Brasil, a implementação desse tipo de pesquisa ocorre de modo pontual e não sistemático em relação aos conselhos de classe e associações profissionais. Mediante o presente estudo, aponta-se a necessidade de uma atualização do conhecimento sobre os métodos psicoterapêuticos, especialmente para psicoterapeutas em formação, elucidando os modos de colaboração entre algumas das principais correntes de pensamento que influenciam a clínica psicológica.

Palavras-chave: Fenomenologia, Existencialismo, Humanismo, Psicologia Clínica, Psicoterapia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**KIERKEGAARD E A CLÍNICA PSICOLÓGICA: A ANGÚSTIA FORMADORA PELA FÉ
EM PACIÊNCIA**

Maitê Sartori Vieira
Bolsista CAPES

Propomos nesta pesquisa uma investigação sobre a relação entre angústia, fé e paciência enquanto um caminho para a aproximação de si mesmo na clínica psicológica. Haufniensis, pseudônimo de Kierkegaard, em "O conceito de angústia", traz uma importante contribuição à psicoterapia ao investigar a angústia como um aspecto constitutivo da existência e sempre atrelada ao caráter mais próprio do homem. A angústia é a "realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade", é o mostrar-se da liberdade para si mesma na possibilidade. A angústia devolve para o homem o que há de mais fundamental em sua existência, a liberdade diante das possibilidades sempre em jogo no existir. Entretanto, apenas a angústia formadora pela fé, em paciência, realmente aproxima o indivíduo de si mesmo. A fé é entendida como um mergulho nas indeterminações da existência, no mistério próprio da vida, nas possibilidades que sempre se abrem no existir. É estar diante deste horizonte e mergulhar, aceitando e aguardando em paciência. A paciência, neste processo, dá a tonalidade do aguardo. Um aguardar simplesmente pelo aguardar, não por algo determinado, mas sim pelo modo como a vida pode se dar, no tempo e na madeira dela. A clínica psicológica sob inspiração kierkegaardiana se encaminha para um cuidado na qual a atmosfera da angústia, fé e paciência se mostram extremamente relevantes devido ao seu caráter único de aproximação do indivíduo consigo mesmo. A paciência e a fé nos ajudam a pensar em um cuidado clínico que exige uma demora junto às questões, embora o mundo contemporâneo nos demande continuamente o contrário. A paciência pode ser confundida com passividade, mas apenas se pode estar nessa atmosfera com árduo esforço, uma insistência no aguardar atento, sem se deixar tomar pelo saber técnico afinado pela vontade de controle. O aguardar da clínica é um aguardar que cuida, suspendendo as próprias expectativas e deixando o outro ser a partir de si mesmo. Um cuidado atento que busca manter aberto o campo das possibilidades despertado pela angústia formadora pela fé em paciência.

Palavras-chave: clínica psicológica, angústia, fé, paciência, indivíduo.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**O ADENTRAR NO CAMPO COMPREENSIVO SOBRE A ESCOLHA DA PROFISSÃO NA
CONTEMPORANEIDADE**

Julianne Dantas de Oliveira Pimentel
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cynara Carvalho de Abreu
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A discussão sobre a questão da escolha pela profissão há algum tempo se estabelece no contexto da inserção no mercado de trabalho. Debate-se sobre a elaboração e o ajuste sobre a melhor escolha a ser realizada e sobre um percurso ideal que promova a capacidade de “resolver” tal dilema, baseados em entendimentos do mais adequado caminho para a melhor decisão possível. Tem-se como panorama a predominância da técnica, que possibilita o vislumbre de horizontes restritos para questões que fazemos através do nosso exercício do cotidiano. Neste trabalho buscamos pontos de encontro entre questionamentos filosóficos e sociais a respeito da contemporaneidade, no que concerne à realidade que oferta um meio instável, impróprio e impessoal para exercer a liberdade do ser do homem. Por isso, teve-se como objetivo construir uma compreensão sobre o contexto atual em que se realizam as escolhas pela profissão, refletindo sobre conceitos como liberdade, ética, contemporaneidade, técnica e pós-modernidade. Assim, torna-se importante a compreensão dos variados aspectos envolvidos na escolha da profissão por quem vivencia este momento. As “soluções” e moldes em formas de perfis profissionais fixos que são impostos como alternativas de repostas a questão da escolha esbarram nas concepções de profissão e trabalho que estão em constante mudança, influenciados pela sociedade. Percebe-se não haver mais lugar para rigidez neste caminho, mas sim, a necessidade de construir discussões que tragam à tona diversos elementos envolvidos na percepção sobre o pensar acerca de uma profissão, numa busca de maior apropriação e responsabilização sobre escolhas no sujeito que atravessa esta experiência. O retorno à filosofia surge então como uma alternativa, mediante o dito atual da cientificidade, pois emerge como forma de olhar o ser do homem em sua autenticidade. Olhar para o fenômeno da escolha permite pensar em novas formas de ver e agir nesta realidade na prática psicológica. Assim, foi possível adentrar nos significados do campo compreensivo da existência na contemporaneidade através do desvelamento de sentidos, perpassando a escolha profissional e chegando ao entendimento que o ato de refletir é o que possibilita trazer luz ao que é ocultado na liquidez das relações atuais.

Palavras-chave: Escolha profissional, Pós-modernidade, Contemporaneidade.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**O COMPORTAMENTO SUICIDA NA LITERATURA E NA FENOMENOLOGIA
EXISTENCIAL DE SARTRE**

Carlos Ming-Wau
Universidade de Fortaleza
Bolsista FUNCAP - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Georges Daniel Janja Bloc Boris
Universidade de Fortaleza

Anna Karynne Melo
Universidade de Fortaleza

O comportamento suicida é um processo que se inicia com a ideação, planejamento, tentativa até a morte por suicídio e muitos casos são acompanhados de automutilação. É um importante problema de saúde pública considerado multifatorial e complexo. Para a Organização Mundial de Saúde, anualmente ocorrem cerca de 800 mil suicídios no mundo, ou seja, 1 suicídio a cada 3 segundos e 1 tentativa a cada 40 segundos. Desse modo, objetivamos discutir o comportamento suicida na literatura e na fenomenologia existencial de Sartre. Para o filósofo, a morte finaliza o projeto de ser: a partir do momento em que o para-si - consciência - morre, ele cai no abismo do em-si, tornando-se uma coisa entre outras tantas no mundo. Nesse abismo, ocorre o aniquilamento das possibilidades de futuro. Assim, Sartre enfatiza a absurdidade da morte. Por conseguinte, Sartre compreende o suicídio como um absurdo que aniquila as possibilidades de vir a ser, pois antecipar a morte de forma voluntária pode ser uma tentativa de fugir do sofrimento, da solidão ou de situações de fracasso, não sendo considerado projeto. Sartre chega a chamá-lo de o último ato da vida porque os projetos de ser são destruídos com a negação de todo e qualquer porvir possível. Desse modo, alguns personagens da literatura sartriana apresentam comportamentos suicidas, como Roquentin e o Autodidata, em “A Náusea”, Paul Hilbert, em “Erostrato”, e Rirette, em “Intimidade”. Nenhum desses personagens morreu por suicídio, embora Roquentin pensou na própria morte e se cortou com um canivete, o Autodidata teve ideação de suicídio e Rirette pensou na morte como forma de fugir do sofrimento. Paul Hilbert planejou uma chacina seguida de suicídio: com seu revólver, ele mata uma pessoa, mas não consegue atirar em si mesmo, entregando-se à polícia. A partir desses personagens, compreendemos que o comportamento suicida foi visualizado como uma possível saída para dar conta do sofrimento existencial vivenciado. Finalmente, inspirados em Sartre, destacamos que o comportamento suicida não se reduz a fatos isolados, dado seu caráter multifatorial e complexo, mas ao conjunto de circunstâncias sócio-históricas que se impõem aos questionamentos sobre o sentido da vida.

Palavras-chave: Comportamento suicida, Suicídio, Fenomenologia Existencial, Sartre.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

O FATO, A FALTA E O FAZER DA CLÍNICA NO HORIZONTE DA LIBERDADE

Danielle Pisani de Freitas
Associação Brasileira de Daseinsanalyse - ABD

Partindo de uma compreensão Heideggeriana acerca do existir humano, pretendo pensar o modo como as restrições fáticas do nosso tempo, bem como as faltas inexoráveis à existência histórica de cada paciente, podem guardar a possibilidade do exercício da liberdade que funda o mundo de Dasein e orienta o fazer da daseinsanalyse clínica. Iniciarei esta fala indicando brevemente o modo como Heidegger descreve ontologicamente o movimento de realização da liberdade humana, diferenciando-o do modo como costumamos compreender o ser livre no cotidiano. Em seu texto "Sobre a essência do fundamento", Heidegger nos mostra a liberdade como sendo a própria abertura de Dasein, unidade entre excesso e restrição que faz mundo. Após situar o fenômeno da liberdade na ontologia Heideggeriana, enfocarei o modo como este se imbrica na clínica daseinsanalítica. No contexto da clínica, os fatos e as faltas que compõe o enredo da história dos nossos pacientes se mostram por um lado como intransponíveis e imutáveis, por outro, como vinculados ao seu significado atual, vulnerável à temporalidade em movimento inerente ao existir humano. Neste contexto de vulnerabilidade e restrição, como procurar pela liberdade própria a cada paciente? Como o pôr-se-em-obra em parceria na clínica daseinsanalítica pode libertar? Através de exemplos de episódios clínicos, de referências literárias e de aproximações fenomenológicas pretendo apontar um horizonte a partir do qual estas questões podem se nortear.

Palavras-chave: Daseinsanalyse, clínica, liberdade, facticidade, Heidegger.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**O FENÔMENO DA MORTE DA CRIANÇA E SEUS SENTIDOS: UMA INVESTIGAÇÃO
FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL**

Maira Prieto Bento Dourado
Universidade Federal do Sul da Bahia
Bolsista FAPESB

O presente trabalho expõe a pesquisa de mestrado da autora, que investigou os sentidos da morte da criança para aqueles que com ela conviveram, à luz da noção de morte do filósofo Martin Heidegger. De caráter qualitativo e exploratório, utilizou a fenomenologia como método e entrevistas de explicitação como postura interventiva. Estas foram realizadas com duas mães, em Porto Seguro - BA, mostrou-se uma importante interseção entre a psicologia e as propostas heideggerianas, onde dois Daseins encontram-se sem abertura. A entrevista de explicitação de Pierre e Vermersch visa conduzir o entrevistado à busca dos sentidos mais próprios da experiência vivida. O distanciamento desta mostra-se como modo de ser passível de sustentar a potência das sensações. Torna-se necessário dar forma para que fique palatável à experiência do sofrimento e da dor. O cuidado, no prisma heideggeriano, nos permite pensar as vivências do fenômeno da morte como mobilizadoras ônticas de construção de sentidos fundamentada, investiga o Dasein, um ente ôntico-ontológico, filosofia que fundamenta a Daseinsanálise e da qual a psicologia Fenomenológico Existencial se apropriou. A compreensão de morte e de criança é orientada por essa perspectiva antinatural e não positivista, toma a criança tal qual o Dasein, determinado ao seu poder ser e determinado a morrer sem ter determinado o seu quando. As mães entrevistadas apontaram que a perda da criança é vivenciada no cotidiano de modo singular, sobrevivem à morte da criança, e vivenciam dia-a-dia a sensação de não a ter mais, revelando sentimentos como: tristeza, raiva, sofrimento, resiliência e culpa. Em resposta ao objetivo desta pesquisa, compreendemos que os sentidos da morte de cada criança estão intimamente ligados ao modo como cada um se relacionava com sua criança em vida, atravessados pela cultura e experiência de vida anterior à maternidade. Ampliou o campo de investigação quando pensamos em sociedade e cultura onde as relações são, em certa medida, direcionadas por uma visão de homem – determinada pela ciência moderna – o qual tem sua existência determinada por um modo ou por outro.

Palavras-chave: Morte da criança, Sentidos, Psicologia fenomenológico-existencial, Heidegger.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

O FILME ORAÇÕES PARA BOBBY NUMA PERSPECTIVA HEIDEGGERIANA

Igor Leonardo da Silva Pinheiro
UFRN

Gabriela da Silva Andrade
UFRN

Luana Lisboa da Costa Silva
UFRN

Sulamita Delfino Paulino Da Silva
UFRN

O presente trabalho propõe uma análise do filme “Orações para Bobby” (2009) a fim de refletir sobre questões acerca do fenômeno do suicídio e a multiplicidade de questões desencadeadas por ele. Apetecemos sua construção dispondo da hermenêutica heideggeriana. O enredo do filme está posto à frente da analítica, da qual extraímos significações diversas. Entretanto, momentos específicos foram selecionados para exemplificação do existencialismo de Heidegger, a fim de refletir acerca do fenômeno do suicídio e as resultantes deste para o contexto social no qual o indivíduo estava inserido. Trouxemos momentos que giram em torno dos motivos ligados ao suicídio de Bobby e dos efeitos deste à sua mãe. Relacionado à situação de Bobby, observamos que após uma série de eventos ele se mostra tendendo gradativamente à perda de noção da temporalidade, vivendo unicamente o presente. Presente no qual havia apenas o sofrimento de uma vida imersa na impessoalidade. As crenças familiares e religiosas eram tidas como verdade, sendo o Dasein inerentemente Ser-com vemos o surgimento do que Heidegger denomina “carga” ou “peso do ser”, o qual Bobby recusara-se a carregar por mais tempo. Um dos momentos chave do filme mostra-se após o suicídio de Bobby. O ato de autoextermínio causa um grande impacto na estabilidade emocional de Mary, e conseqüentemente, interfere na sua vida cotidiana. Ao ascender da impessoalidade, alguns questionamentos invadem a personagem e nos levam a compreensão que a experiência de sentir a perda do filho impulsionou Mary à vida, considerando que a personagem apenas procurou informações a partir da vivência da experiência do luto, a qual proporcionou uma mudança na sua forma de cuidar. Por fim, trazemos o entendimento que a narrativa do filme exemplifica uma situação de suicídio, a qual reverberou tão fortemente em uma determinada família a ponto de proporcionar diversas ressignificações. Encontramos também a compreensão do ato de autoextermínio como um fenômeno individual e multifacetado, uma possibilidade, mesmo que paradoxal, de existência do Dasein. Fenômeno, o qual não deve ser reduzido a explicações superficiais e imediatistas, mas sim ser visto como resultante de um contexto de sofrimento existencial e cuidado como tal.

Palavras-chave: Suicídio, Análise, Heidegger, Filme.



O PLANTÃO PSICOLÓGICO E A ERA DA TÉCNICA

Rafael Yoles
USP

O presente trabalho visa a reflexão acerca do Plantão Psicológico como modalidade clínica na contemporaneidade. Em um mundo mergulhado em valores como eficiência e eficácia, facilmente o Plantão Psicológico recai em um lugar fantasioso em que demandas imediatas serão resolvidas rapidamente. Que espaço é esse do atendimento em Plantão, a partir da disponibilidade dos plantonistas, que possibilita uma quebra desse paradigma e a emergência de uma escuta e linguagem poética em que o outro possa apropriar-se como narrador de si mesmo e de sua própria história, proporcionando um momento de compreensão da experiência? A prática de Plantão Psicológico acontece no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) desde a década de 1960, época em que o Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) foi implantado, inspirada pela proposta humanista da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers. Atualmente, o Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia e Fenomenologia Existencial (LEFE), ampliando esta abordagem sob a perspectiva fenomenológica-existencial, promove o serviço na clínica-escola, oferecendo atendimento com a participação de psicólogos e alunos (graduação e pós-graduação). A partir de experiências vividas pelo pesquisador e descritas em diário de bordo, tem como objetivo aproximar-se do fenômeno do atendimento em Plantão Psicológico e de como este se insere no contexto da “Era da Técnica”, tal como descrito por Martin Heidegger, buscando-se compreender as relações entre o desenvolvimento da questão trazida pelo paciente, a postura e a relação entre os plantonistas, as supervisões no meio e ao fim do atendimento, entre outros aspectos que o atendimento abarca, trazendo contribuições para a atuação profissional.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Era da Técnica, Fenomenologia-existencial, Martin Heidegger.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**O PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA ESTUDANTES DE PSICOLOGIA COMO RECURSO
TERAPÊUTICO DE ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL**

Laís Leite Rolim
Bolsista UFPB

Sandra Souza da Silva
Bolsista UFPB

Trata-se de um relato de experiência do serviço de Plantão Psicológico para estudantes do curso de Psicologia da UFPB como recurso terapêutico de atenção à saúde mental. Como intervenção emergencial de escuta, o plantão se apresenta como uma modalidade de cuidado ao futuro profissional psi diante das diversas demandas da vivência universitária. Tem como objetivo escutar a pessoa no momento de sua emergência, buscando clarear sua demanda. O referencial teórico é a Abordagem Centrada na Pessoa, por meio das atitudes facilitadoras, como, aceitação incondicional, empatia e autenticidade. O serviço funciona na Clínica-Escola de Psicologia da UFPB e é divulgado, a cada semestre, nas salas de aula e também por panfletos virtuais em aplicativos de mensagens, além de e-mail. Os atendimentos são realizados por psicólogas vinculadas ao projeto. O aluno tem possibilidade de ser atendido 3 vezes a cada semestre para fins emergenciais. Em 2018, foram realizados 48 atendimentos. A angústia é a principal queixa apresentada. A pressão acadêmica tem trazido sofrimento psíquico. Os alunos temem não corresponder às demandas solicitadas pelos docentes. Verificou-se a dificuldade em encontrar equilíbrio quanto ao cumprimento das atividades acadêmicas e a autocobrança do desempenho. Na atualidade, a entrada na universidade traz uma grande mudança de vida nos estudantes, com nova rotina de estudos e novas convivências diárias. Para alguns, a mudança é ainda maior, pois são naturais de outras cidades/estados. Longe dos parentes e da vida anterior, têm que se adaptarem à nova rotina, muitas vezes dividindo moradia com outras pessoas. Queixam-se de solidão e desamparo, e, na maioria das vezes, não podem pagar um acompanhamento psicoterápico. Uma das dificuldades relatadas é a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso. Essa fase abarca um momento de saída do mundo acadêmico e transição para a entrada no mercado de trabalho. Nesse momento, surge a ansiedade sobre a incerteza de seu próprio futuro, além da angústia frente ao início da vida profissional. Por fim, destaca-se a importância do plantão para estudantes e a necessidade de implementar e ampliar espaços de escuta que promovam o acolhimento do aluno em sofrimento psíquico emergencial, sem necessidade de agendamento.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Estudantes, Saúde Mental.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

O QUE É PLANTÃO PSICOLÓGICO? (RE)CONSTRUINDO SENTIDOS EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Maria Vanessa Morais da Silva
UFRN

Melina Séfora Souza Rebouças
UFRN

O presente trabalho trata de um relato de experiência de estágio curricular do quarto ano do curso de Psicologia em um Hospital Universitário Materno-Infantil. O objetivo deste relato é falar sobre a trajetória percorrida durante essa vivência, os desafios, reflexões e afetações com a possibilidade de atuação da Psicologia no ambiente hospitalar, vislumbrando o plantão psicológico, não apenas como uma modalidade de atuação, mas também como uma ação clínica, uma postura e uma atitude ética. Assim, construindo e (re)construindo sentidos que permeiam essa temática, sob um olhar da perspectiva fenomenológico-existencial. Essa perspectiva considera a experiência como cerne da investigação e compreensão da existência humana, evidenciando a forma como o homem percebe os fenômenos que se mostram, assim como o desvelar dos sentidos e experiências em coexistência no mundo. O hospital é um lugar de imprevisibilidades, habitar esse espaço é estar aberto ao encontro com o inesperado. Nesse cenário, predomina-se também uma linguagem técnico-científica e rebuscada, muitas vezes de difícil compreensão; essa não compreensibilidade é um lugar de angústia, entretanto, inúmeras vezes coloca-nos em movimento. A atitude clínica experienciada no plantão permitiu pensar a atuação de uma forma mais ética do que técnica, mesmo dentro de um ambiente hospitalar onde impera o saber biomédico, biologizante e objetificado. Essa postura de atuação descortinou outros e novos sentidos do que pode ser plantão psicológico, (re)significando essa modalidade como uma arte de ser-psicóloga, de ser-no-mundo. Ser plantonista não é uma mera ocupação técnica. Refere-se a uma postura de abertura diante do outro, um modo de ser que se configura na nossa própria existência. O plantão psicológico é uma prática que rompe com as prescrições técnicas do fazer psicológico e se coloca disponível para os outros, seja qual for a sua necessidade. É nesse encontro, com aquele que sofre, deixando-se ser tocado e afetado por esse entrelaçar de histórias, vividas e recontadas, que a atitude de plantão psicológico acontece. Esta experiência traz uma importante contribuição para estudantes e profissionais recém-formados por mostrar a prática como realmente ela é, além de desvelar o mais importante nesse modo de cuidar: o estar com o outro.

Palavras-chave: Plantão psicológico, Hospital, Ação clínica, Fenomenologia existencial.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

O SENTIDO DO CUIDADO NA CLÍNICA PSICOLÓGICA INFANTIL

Lucas Bloc
Universidade de Fortaleza

Rosa Ângela Cortez De Brito
Universidade de Fortaleza

Virginia Moreira
Universidade de Fortaleza

A clínica infantil, em suas diferentes possibilidades, possui imensos desafios diante do sofrimento vivido pelas crianças e da exacerbação do discurso patológico que tem rodeado a infância. Os diagnósticos e a medicalização têm, frequentemente, norteados as intervenções no âmbito infantil. Esta apresentação tem como objetivo discutir, sob um viés fenomenológico, o sentido do cuidado na clínica psicológica infantil. Conceito importante na tradição fenomenológica, o cuidado se apresenta como uma forma de se ocupar do outro, de estar-com, de se preocupar. Trata-se de um elemento de base capaz de orientar e instituir um modo de atenção efetivo à infância de inspiração fenomenológica. Reconhecendo a especificidade da infância, situamos o cuidado na atenção à saúde como referência ao modo de estar com a criança e, ainda que possa e tenha que assumir, em alguns momentos, um caráter substitutivo, visa-se um tipo de cuidado que foque na compreensão da criança como capaz de construir sua autonomia e, progressiva e constitutivamente, cuidar de si. Este cuidado, que permite o desenvolvimento de modelos de atenção em saúde, foca na compreensão da experiência vivida e no desvelamento de seus sentidos no Lebenswelt (mundo vivido) da criança, buscando construir um espaço de expressão do sofrimento e de ressignificação de suas experiências. Cuidar da criança, em uma perspectiva fenomenológica, significa preservar seu lugar de “sujeito” e facilitar seu processo de crescimento a partir de um horizonte de possibilidades que se apresenta sem se aprisionar em prescrições e diagnósticos.

Palavras-chave: infância, cuidado, clínica psicológica, fenomenologia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

O SUICÍDIO NO CONTEXTO ESCOLAR: APONTAMENTOS E REFLEXÕES

Elaine Lopez Feijoo
IFEN

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
UERJ/ IFEN
Bolsista Cnpq

A partir do filme *Monsieur Lazhar – O que traz boas novas* – (filme é resultado de uma peça de teatro, lançado em 2012, do cineasta canadense Philippe Falardeau (embora canadense, os temas escola, família e educação são universais), mostraremos as questões que afetam alunos (entre 12 e 14 anos), professores e direção quando um suicídio ocorre na escola. Tensões e conflitos, bem como segredo, sentimento de culpa e culpabilização comumente aparecem nessas situações. O filme mostra justamente situações em que esses sentimentos e conflitos aparecem em escolas em que o Núcleo de Atendimento Clínico (IFEN – Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro) foi solicitado para atuar em situações em que o suicídio ocorreu na escola. Com o filme em questão queremos ilustrar o modo de experimentar o luto presente nos diferentes segmentos escolares: direção, professores, alunos, inspetores e os demais profissionais inseridos nesse contexto escolar. Na figura do Professor Lazhar com a sua sensibilidade, podemos pensar a tarefa do profissional de psicologia nas situações de posvenção. Esclarecimentos sobre se devemos ou não falar sobre a temática do suicídio que ocorreu naquele contexto; como o tema deve ser abordado; o que fazer frente a algum membro da instituição que entre em crise durante a atuação de posvenção serão esclarecidos por meio de nossa experiência nesse tipo de atuação. Falar sobre morte, luto e suicídio ainda são temas tabus na sociedade atualmente?

Palavras-chave: Posvenção, suicídio infanto-juvenil, Escola.



ORIENTAR PARA DESORIENTAÇÃO? UMA PERSPECTIVA PSICOLÓGICA DE ANÁLISE DE CARREIRA NA PÓS-MODERNIDADE

Julianne Dantas de Oliveira Pimentel
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cynara Carvalho de Abreu
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

As diversidades da contemporaneidade se entrelaçam nas vivências das relações de trabalho. A busca de sentido em uma ocupação está mais visível, mostrando que as pessoas procuram também por significados nos espaços profissionais que ocupam. As decisões de carreira passam a ser mais responsabilizadas ao próprio sujeito, enquanto em um passado – não muito distante – tal atribuição era das próprias organizações, que ofereciam trajetórias profissionais estáveis e duradouras. Porém, as transformações na pós-modernidade repercutiram em necessidades de inovação, criatividade e mudanças nas perspectivas de se pensar os caminhos no trabalho ao longo da vida, o que repercute na necessidade de novos posicionamentos ao sujeito. Assim, tem-se como objetivo questionar o papel do psicólogo neste movimento, à medida que, na condição de “orientador” acaba por ocupar um lugar de detentor do conhecimento sobre o melhor caminho a ser percorrido por aquele que busca a orientação de carreira. Dessa forma, a partir do ato de questionar a realidade vigente, numa perspectiva crítica e aprofundada em Martin Heidegger e estudiosos afins, compreende-se que a noção de carreira enquanto uma trajetória de acontecimentos sucessivos rumo ao sucesso é um dito imperado pelo rigor da técnica. É importante, a partir da prática psicológica, incluir-se numa movimentação sem destino certo final, colocando-se à parte desta cultura “agorista” já descrita por Bauman. Vê-se como oportuno ao profissional optar por propiciar desvelamentos que abrem portas às escolhas, decisões e a tomada de consciência as inúmeras possibilidades que residem neste futuro abrangido na carreira de uma pessoa – portanto, orientar para a desorientação. Chega-se ao entendimento de que não é possível dar fim a angústia perceptível no período de inserção profissional, bem como na continuidade da trajetória de carreira ao longo da vida. A atitude do psicólogo mostra-se num caminhar lado a lado, sem antecipações e pré-julgamentos. As possibilidades tornam-se claras através da oferta de espaços de reflexão diante as vivências do ser na contemporaneidade, constituindo-se enquanto alternativas para auxiliar processos de escolhas, tendo como plano de fundo a abrangência de um horizonte de possibilidades inscritos na própria existência, envolvida na temporalidade originária de cada um.

Palavras-chave: Carreira, Orientação, Pós-modernidade.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

OS SENTIDOS DE HABITAR NA EXPERIÊNCIA DE SER-CRIANÇA EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

Amanda Melo Queiroz da Costa
UFRN

Symone Fernandes de Melo
UFRN

Patrícia Karla de Souza e Silva
UFRN

O presente relato refere-se a uma experiência clínica com uma criança sob medida protetiva de Acolhimento Institucional. Trata-se de medida judicial, prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA e aplicável a crianças e adolescentes em situação de violação de direitos. A partir da experiência clínica em foco, busca-se compreender a experiência de ser-criança em situação de acolhimento e conhecer os sentidos de habitar neste contexto, desvelados a partir de seu universo expressivo. A experiência clínica deu-se no âmbito do projeto de extensão denominado Projeto Acolher, que propõe atenção psicológica a crianças em acolhimento, na modalidade de Ludoterapia – psicoterapia por meio do brincar, no serviço-escola de Psicologia da UFRN. A criança atendida, no decurso de um ano, foi um menino de 7 anos de idade, acolhido juntamente com seus irmãos, após ter presenciado o assassinato do pai e por estar em situação de violência psicológica e negligência. Ao tomar a concepção de historicidade trazida por Heidegger, parte-se de uma leitura sobre o acolhimento institucional no Brasil, com o intuito de compreender o horizonte histórico de sentido em que se situa o ser, uma criança institucionalizada na contemporaneidade. As reflexões feitas por Heidegger acerca do habitar são centrais no relato, partindo-se de uma perspectiva ontológica, para além da literalidade da habitação. A angústia, como marca desse habitar, revelou-se no processo da criança, pelo não saber em relação ao vivido, pelo afastamento dos adultos que constituíram a sua experiência de ser-com e pela inospitalidade da morada em uma instituição. A partir dos encontros, foi possível acompanhar a criança na tematização da condição humana de finitude e se aproximar da trama de sentidos suscitados em sua experiência no mundo, que provocou disposições afetivas frente às quais reage, ora com raiva e agressão, ora de forma passiva. A partir da experiência, pôde ser constatada a importância de uma atenção individualizada à criança acolhida, de modo a proporcionar a esta uma experiência de cuidado antepositivo, que a coloque frente às possibilidades do vir-a-ser.

Palavras-chave: Acolhimento institucional, Criança, Clínica, Habitar, Historicidade.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

PENSAMENTO CLÍNICO EM PSICOTERAPIA: CONTRIBUIÇÕES DE KIERKEGAARD

Myriam Moreira Protasio
UERJ / IFEN
Bolsista FAPERJ

O objetivo deste trabalho é fundamentar a construção de um pensamento clínico que sustente a ação participativa no ambiente clínico, no qual o psicoterapeuta e analisando se deixam educar pelo possível, que se abre ali mesmo na relação clínica. Partindo de reflexões suscitadas por textos de Sören Kierkegaard, serão considerados dois pilares: possibilidade e edificação. A noção de possibilidade é desenvolvida por Kierkegaard tanto no texto Conceitode Angústia como em Desespero Humano, em tensão com a noção de necessidade e de conquista de si. Essa discussão tem amplas implicações para psicologia e para a constituição do que estamos denominando pensamento clínico. Para Kierkegaard não há separação entre pensar e ser, o que significa dizer que o pensamento clínico sustenta o próprio modo como a relação clínica se estabelece. O ponto de partida é que a existência se abre como possibilidade para possibilidade e que é possível deixar-se educar no curso desta abertura na existência, uma vez que, em sua concretude cotidiana, esta indeterminação sempre nos devolve a nós mesmos enquanto tensão com a medida de nossa própria existência. Deste movimento constante de medir-se e deixar-se educar (a escola da angústia) é que se sustenta aquilo que Kierkegaard, na voz de Anticlimacus, refere como edificação. As questões levantadas pertencem ao domínio da psicologia clínica e busca considerar essa clínica para além de um conjunto de elementos objetivos a serem mapeados e dominados por um profissional devidamente preparado

Palavras-chave: psicologia clínica, pensamento clínico, Sören Kierkegaard, edificação, possibilidade.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**PLANTÃO COM APHETO: RELATO DE UMA EXPERIENCIA HUMANISTA
FENOMENOLÓGICA**

Liliane Brandão Carvalho
Universidade de Fortaleza

Virginia Moreira
Universidade de Fortaleza

O Plantão com Apheto surge como uma atividade de extensão na perspectiva de um tripé entre academia-serviço-comunidade do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO) no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA/NAMI) da Universidade de Fortaleza. Configurado como uma prática de atenção à saúde da população usuária do SUS, compõe uma das equipes do serviço de plantão psicológico do SPA/NAMI, contribuindo como campo de prática tanto para alunos da ênfase de clínica e intervenções em saúde do curso de psicologia quanto recém-formados e como exercício da responsabilidade social desta Universidade. Objetiva oferecer um serviço de atendimento terapêutico pelo APHETO em caráter de urgência, na modalidade de plantão psicológico a partir de um referencial humanista fenomenológico; proporcionar ao aluno estagiário a oportunidade de aprendizagem nessa prática de cuidado; e criar um espaço de pesquisa-extensão para alunos e professores do APHETO. Embasado pela lente humanista fenomenológica que revisita a compreensão tradicional do psicológico para entendê-lo como mundano, nesse plantão aquele que busca o serviço é reconhecido como sempre atravessado por sua história e seu mundo. Não há demandas que sejam exclusivamente psicológicas, há sempre demandas mundanas vividas em uma relação entre usuário, plantonista e as características sócio-políticas, culturais e, portanto, ideológicas que os constituem. A equipe, cuja atuação do plantonista, de modo inovador, é marcada por sessão de atendimento único, sem duração de tempo pré-determinado, segue com atividades desde agosto de 2018, com uma média de cinco atendimentos semanais às segundas-feiras, tendo maior procura de crianças, adolescentes e adultos, e menos de idosos. Desde seu início, o serviço já disponibilizou 114 atendimentos. Consideramos o Plantão com Apheto como uma prática contemporânea de produção de cuidados no contexto institucional de uma clínica-escola, possibilitador de espaços de escuta e acolhimento às pessoas no momento exato ou mais próximo possível de suas necessidades emergenciais. Esta intervenção contribui, ainda, para o aumento de produções sobre plantão psicológico em uma perspectiva humanista fenomenológica.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Clínica Humanista Fenomenológica, Saúde Mental, Cuidado, Estratégia de Intervenção.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**PLANTÃO PSICOLÓGICO NO SEMIÁRIDO NORDESTINO: PERSPECTIVAS, AVANÇOS
E DESAFIOS NA ITINERÂNCIA DO CUIDADO COM UNIVERSITÁRIOS**

Sílvia Raquel Santos de Moraes
Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF

Shirley Macedo Vieira de Melo
Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF

Melina de Carvalho Pereira
Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF

O plantão é uma modalidade de atenção psicológica para acolher demandas emergentes/urgentes de pessoas em situação de sofrimento (MORAIS, MACIEL, ANJOS e PEREIRA, 2017). No semiárido nordestino, o Centro de Estudos e Práticas em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco tem recebido demandas relacionadas a fatores de risco na vida de universitários, tais como história de vida, distância de casa/família, vulnerabilidade socioeconômica, pressões da cultura de alta performance, desamparo, assédio, ausência de redes de apoio, exigências acadêmicas, precarização das universidades, violação de direitos, dificuldades de aprendizagem, comportamentos suicidas e autolesivos, medicalização do sofrimento. Diante disso, criou-se o Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário do Semiárido (NuCEU), que oferta diversas atividades para Instituições de Ensino Superior públicas e privadas da região, dentre elas, o plantão psicológico itinerante, realizado por estagiários e estudantes extensionistas de Psicologia, sob a supervisão de professoras psicólogas. Assim, o objetivo desse relato é descrever/tematizar essa atividade e suas contribuições para o cuidado com esses universitários. A itinerância consiste na abertura/deslocamento da equipe para a localidade pactuada, oferecendo escuta clínica fenomenológica. Os plantonistas atendem em duplas, com supervisão simultânea durante a acontecimento do cuidado. A procura é voluntária e os atendimentos ocorrem em salas de aula ou local confortável escolhido pelo estudante. Percebemos que os universitários silenciam um sofrimento insuportável, visto enfrentarem solidão, dificuldade de compartilhar questões pessoais e vazio de sentido (MACÊDO, 2018). Deparamos com desafios como falta de insumos institucionais (veículos, bolsas, recursos para divulgação) e de investimento para psicólogos nos campi, mas avançamos diante da potência mobilizadora dos encontros e do reconhecimento dos universitários, além da possibilidade de ressignificação do sofrimento. Como perspectivas, almejamos que o serviço contribua para ações de cuidado como micropolíticas cotidianas imersas em redes solidárias no contexto acadêmico. A experiência ensinou a redimensionar o lugar tradicionalmente atribuído ao psicólogo, pois nos aproxima da comunidade e do espaço onde a vida acontece em ato, democratizando a poiesis da escuta clínica para além do instituído. Assim, defendemos que o plantão também é um modo de ser cuidado por onde passamos, convivemos e atuamos.

Palavras-chave: Plantão psicológico, Cuidado, Sofrimento Universitário, sofrimento, Ensino superior.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**PROCESSOS DECISÓRIOS DE ENCAMINHAR PACIENTES PARA A PSIQUIATRIA NAS
SITUAÇÕES CLÍNICAS PSICOTERAPÊUTICAS**

Juliana Moreira da Silva Andrade
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ana Andréa Barbosa Maux
UNIFACEX

Na prática clínica, por vezes surge a necessidade de que o psicoterapeuta reflita sobre a decisão de encaminhar o paciente para atendimento psiquiátrico, compreendendo inclusive o impacto de seu papel. Assim, este trabalho objetiva apresentar e discutir os principais elementos presentes nesse momento reflexivo do psicoterapeuta a partir de três situações clínicas. No primeiro caso, o encaminhamento ao psiquiatra foi realizado, visando facilitar e melhorar o processo psicoterapêutico e o resultado se mostrou positivo. No segundo caso, o encaminhamento foi adiado, pois a paciente sinalizou que atribuía o significado de loucura a tal possibilidade, passando em seguida a investir mais na psicoterapia e apresentando melhoras significativas. No terceiro caso era o paciente que convocava à psicoterapeuta que o encaminhasse ao psiquiatra, alegando precisar aliviar seu sofrimento e esquecer o que estava passando. A psicoterapeuta decidiu pelo não encaminhamento. Após um ano de psicoterapia, o paciente refletiu que foi a melhor decisão. Nos três casos, alguns elementos estiveram em questão: a consciência sobre o horizonte histórico atual, pois a psicoterapeuta experimentou essas decisões diante da pressão de ser-no-mundo-com-os-outros na era da técnica, a qual convoca ao controle, eficácia, rapidez, ao não sofrimento e à medicalização da vida. Assim, em alguns momentos, apostou no apoio psiquiátrico-psicofarmacológico e, em outros, não. Outro elemento observado foi a qualidade do processo psicoterapêutico, colocando a psicoterapeuta à prova e experimentação quanto a sua perspectiva fenomenológica-existencial de homem e de mundo que sustenta o processo e a postura profissional, bem como, o cuidado terapêutico consigo mesma em supervisões e psicoterapia pessoal. Por último, esteve em questão a relação entre psicologia e psiquiatria, submetendo a psicoterapeuta às reflexões sobre os pré-conceitos e distanciamentos presentes da psicologia para com a psiquiatria. Ora recriminando-a, evitando-a ou mesmo desconhecendo-a parcialmente, ora entregando os pacientes como tábua de salvação ou como forma de lidar com a própria angústia e pressa profissional. Nesse ponto em especial, percebeu-se que é preciso buscar maiores conhecimentos acerca do campo psiquiátrico e psicofarmacológico e ter uma postura de abertura à tal área, realizando aproximação crítica para melhor promover o cuidado psicoterapêutico integral.

Palavras-chave: psicoterapia, fenomenologia-existencial, psiquiatria, psicofarmacologia, clínica.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO COLABORATIVO: TECENDO REFLEXÕES A
RESPEITO DA AÇÃO CLÍNICA DO PSICÓLOGO**

Débora Victor Aragão Alves
Universidade de Pernambuco

Giselle Oliveira Santos
Universidade de Pernambuco

Suely Emilia de Barros Santos
Universidade de Pernambuco

Este trabalho surge da experiência de atendimento grupal na modalidade de prática psicológica do Psicodiagnóstico Interventivo Colaborativo (PIC), possibilitada pelo estágio no Serviço Escola de Psicologia da Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns, SAP/UPE, com o intuito de refletir acerca da ação clínica do profissional de Psicologia no âmbito do PIC. Trata-se de um relato de experiência numa perspectiva fenomenológica existencial ao lúmen heideggeriano, cujas narrativas, escritas em diários de bordo das estagiárias, foram interpretadas hermeneuticamente. Foram selecionados 4 adolescentes, entre 12 e 14 anos, que se encontravam na lista de espera para atendimento psicológico, seguindo o critério de aproximação com relação à faixa etária. Realizaram-se 14 encontros, ocorrendo uma sessão semanal, com os adolescentes, ou com os adolescentes e responsáveis, ou somente com os responsáveis. O trabalho grupal priorizado pelo PIC pôs em evidência seu caráter colaborativo frente ao compartilhamento das narrativas entre os participantes. Assim, atentamos para a importância de o trabalho ser realizado em coparticipação com os responsáveis pelos adolescentes, destacando a necessidade de, por vezes, haver encontros com os adolescentes e responsáveis juntos, processo que foi definido a partir do movimento do grupo, assim como houve a possibilidade de se pensar as participações nas sessões seguintes a serem realizadas. A partir do encontro com os clientes, puderam se revelar aspectos como: a problemática que envolve o adolescente e seu entrelaçamento com a dinâmica familiar e social, ressaltando a importância do envolvimento destes atores nos atendimentos, bem como a relevância do atendimento grupal, no que concerne ao compartilhamento de experiências com outros, e, ainda, a expectativa dos familiares por um diagnóstico psicopatológico. A experiência revelou a dimensão colaborativa enquanto possibilitadora da problematização acerca da compreensão sobre o lugar do cliente enquanto alguém passivo, que receberia um diagnóstico; bem como do psicólogo como detentor de um suposto saber sobre o outro; como também contribuiu para pensar a ação clínica do profissional de Psicologia como um espaço de desconstrução da noção de diagnóstico atrelada ao modelo próprio das ciências naturais, fomentando o diálogo acerca da despatologização dos modos de existir.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico interventivo colaborativo, Ação clínica, Grupo.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**PSICOLOGIA HOSPITALAR NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA
EXISTENCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Liana Albano Cavalcante
Universidade de Fortaleza

Fernanda Azevedo de Souza
Universidade de Fortaleza

Angela Cardoso Andrade
Universidade de Fortaleza

A hospitalização, dependendo do tempo de internação, pode afetar e mobilizar significativamente o modo de experienciar a vida, principalmente quando o paciente passa por longos períodos, devido suas condições clínicas, com a esperança de receber a alta-hospitalar ou até mesmo sob cuidados paliativos, até o fim de vida. Nesse contexto, a importância do papel do psicólogo torna-se fundamental no cuidado ao paciente e seus familiares. Para além da doença que a acomete, a pessoa nessas condições necessita ser escutada e acolhida frente ao arsenal de dúvidas, angústias e sofrimento psíquico frente às incertezas no seu devir. O psicólogo hospitalar, cuja prática tem como referência a “Einfühlung”, o “ser-com”, possibilita a ambiência necessária para a ressignificação e compreensão da experiência nessa condição existencial. Contudo, é relevante que o profissional de psicologia possa ter a redução fenomenológica como princípio ético fundante. Este estudo tem como objetivo central relatar a experiência da prática psicológica numa perspectiva fenomenológica existencial, em uma Unidade de Cuidados Especiais – UCE – de um hospital público em Fortaleza-CE. O percurso metodológico adotado compreende a descrição de casos-clínicos sob a lente Fenomenológica. Para esse fim, alguns autores foram destacados para a problematização do fenômeno em evidência. A Ontologia Fundamental de Martin Heidegger assume o principal vértice de interlocução, sobretudo pelos indicativos formais que concebem a condição humana como abertura existencial. O contexto que envolve o relato dessa experiência desenvolve-se na UCE de um Hospital Geral considerado de nível secundário. A UCE recebe pacientes de perfil UTI, ou seja, pacientes egressos da unidade de tratamento intensivo. Contudo, encontram-se estáveis, havendo a necessidade da equipe em tempo integral e da presença do acompanhante, devido aos cuidados diferenciados, pois muitos pacientes estão em ventilação mecânica, traqueostomizados, necessitando de sonda de alimentação, entre outros procedimentos que, em sua maioria, são invasivos. Conclui-se que a ação clínica na prática do psicólogo hospitalar reside no desenvolvimento de uma escuta que possibilite a “situação hermenêutica”, ou seja, o relacionamento como abertura da condição humana e acolhimento do novo, a partir da compreensão existencial.

Palavras-chave: Psicologia Hospitalar; Unidade de Cuidados Especiais; Fenomenologia Existencial



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**PSICOTERAPIA HUMANISTA E FENOMENOLÓGICA NO ATENDIMENTO A PESSOAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO**

Gisella Mouta Fadda

Bolsista Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

Décadas passaram-se desde que o autismo, atualmente denominado como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), foi relatado pela primeira vez como uma síndrome peculiar que merecia atenção de médicos, psicólogos e pesquisadores. As propostas de terapias para crianças e adultos que apresentavam sintomas de autismo voltavam-se mais para estratégias que prometiam reverter ou amenizar os comportamentos estereotipados, repetitivos, de isolamento e agressividade, em prol daqueles socialmente aceitáveis. Assim, desde o início foram negligenciadas as vivências e a singularidade daqueles clientes enquanto pessoas com personalidades próprias. Além disso, as alterações sensoriais reconhecidas na maioria dos casos de autismo, impactam diretamente o corpo vivo (Leib) e, conseqüentemente, torna-se difícil encontrar maneiras de interagir clinicamente com esses clientes. A partir de nossa prática clínica com crianças autistas pretendemos apresentar e descrever o processo psicoterapêutico desenvolvido com base nos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa e da Fenomenologia de Edmund Husserl. Objetivamos compreender o fluxo experiencial dos clientes por meio de intervenções que contribuam para seus desenvolvimento e amadurecimento psicológico. Pretende-se abordar questões práticas que impactam a clínica psicológica com crianças autistas e suas famílias, considerando diversos contextos: consultório particular, domiciliar, escolar e espaços públicos. A atenção do psicoterapeuta abrange o mundo vivido da criança na família, na escola e com outros profissionais que a atendem. A prática clínica mostra que o encontro significativo entre o psicoterapeuta e a criança, o foco na experiência intersubjetiva, a percepção de suas próprias limitações enquanto psicoterapeuta e a percepção das condições físicas e psicológicas da criança são elementos essenciais que fomentam a passagem de um funcionamento mais rígido para outro mais flexível. Neste tipo de atendimento, necessariamente o psicólogo precisa ser criativo para contornar as dificuldades de relacionamento interpessoal que caracterizam essas crianças e que só podem ser resolvidas clinicamente levando-se em conta a singularidade de cada uma delas e não pelo uso de técnicas generalistas voltadas à mudança de comportamentos, como tem sido habitual.

Palavras-chave: autismo, criança, psicologia clínica, terapia centrada na pessoa, fenomenologia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**QUEM ESTAMOS FORMANDO E A QUEM ESTAMOS ASSISTINDO? REFLEXÕES
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS NA GESTÃO DE UM SERVIÇO-ESCOLA**

Patricia Karla de Souza e Silva
UFRN

Ana Andrea Barbosa Maux
UNIFACEX

Symone Fernandes de Melo
UFRN

Os serviços-escolas de Psicologia se constituem em espaços práticos de formação produzindo, assim, uma diversificada oferta de assistência psicológica à comunidade. A gestão desses serviços é convocada a refletir sobre seu funcionamento e a sinalizar caminhos resolutivos para a melhoria de suas práticas. A luz deste contexto de atuação, que se encontra essencialmente atravessado pelo horizonte histórico moderno e, fundamentado na fenomenologia-existencial heideggeriana, este trabalho consiste em um relato de experiência de uma psicóloga clínica na gestão de um serviço-escola em uma universidade pública. Partindo de uma compreensão prévia do psicólogo como um profissional do encontro, em constante relação com interlocutores diversos (pessoas, grupos e instituições), e inspirado nas ideias esboçadas por Martin Heidegger em seu ensaio sobre a Técnica, este trabalho é resultado de um esforço em exercitar o pensamento meditante acerca das fronteiras, tensões e possibilidades do trabalho resultante do contato entre a clínica e a gestão. A experiência sinalizou um constante risco em responder de modo frenético, positivo e automático às solicitações de produtividade e eficiência a partir do parâmetro da técnica. No domínio da assistência, a crescente e intensa demanda de sofrimento psíquico, aliada ao constante desinvestimento das políticas públicas, apresentam-se como realidades que solicitam do gestor uma diversificação das suas ações, pautadas pelo cálculo entre mínimo custo e máximo resultado. No âmbito da formação vigora um espírito semelhante, assinalado pelos parâmetros do pensamento científico moderno que chama a Psicologia – na condição de ciência e profissão – a viabilizar respostas precisas e eficazes às demandas sociais contemporâneas e institucionais, a partir de um instrumental capaz de garantir previsibilidade e controle. Exercitar o pensamento meditante implicou em convidar todos os atores envolvidos no campo – técnicos, docentes, discentes e usuários – a interrogar este espírito da época, bem como o sofrimento humano na contemporaneidade e a formação em Psicologia. Considerando uma coerente adequação com o Projeto Pedagógico do curso e a possibilidade de complementar a rede de assistência em saúde, entende-se que os docentes, alunos e técnicos devem enxergar na via da extensão caminhos para refletir, repensar, investir e criar possibilidades para a formação e a assistência.

Palavras-chave: Serviços-escolas, Era da Técnica, Assistência, Formação.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

REFLETINDO SOBRE OS IMPACTOS DO HORIZONTE CONTEMPORÂNEO NO “SER ADOLESCENTE”

Milena Rodrigues Souza e Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Melina Séfora Souza Rebouças
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A partir das inquietações provenientes da experiência clínica nos atendimentos com os adolescentes, surge o desejo e a necessidade de reflexão a respeito dos modos de ser adolescente na contemporaneidade, a luz da fenomenologia heideggeriana. Pensar o adoecimento psíquico dos jovens (depressão, transtornos de ansiedade, auto-agressões provocadas, bem como o suicídio) fundamentando as reflexões a partir da experiência existencial daquele que vive o “ser adolescente”. Na literatura, não há consenso a respeito do conceito de adolescência, no entanto, partindo do olhar da fenomenologia sobre o desenvolvimento humano, adolecer é um processo singular, assim, convém discutir a respeito dos modos de ser adolescente. Ao encarar a adolescência como fase transição entre a infância e a vida adulta, fundamentando o desenvolvimento em critérios meramente etários, genéricos e universais, acaba-se perdendo de vista a singularidade da experiência e, ainda, negligenciando o caráter de transitoriedade e a nadaidade, nas quais o ser do homem se constitui e que o acompanham independente do momento da vida. O ser do homem (ser-aí) é ser-no-mundo-com-os-outros, de modo que não se pode apartar o homem desta relação com o mundo e com os outros. Ademais, é pertinente compreender o horizonte de sentido do mundo contemporâneo que ao mesmo tempo nos apresenta modos de ser diversificados e contraditoriamente restritos. Na sociedade contemporânea, caracterizada pelo desempenho, marcada pelo trabalho, pela aceleração dos acontecimentos, pelos excessos e pela liquidez das relações, há pouco tempo para a contemplação do tempo presente; o erro e recomeço são vistos como fracasso e, desta forma, precisam ser evitados a qualquer custo. Perdidos na impessoalidade e na pouca reflexão, o adoecimento (como restrição do poder-ser do homem) aparece e ganha espaço. Uma vez que o ser do homem se dá no mundo numa incessante relação e construção, é necessário pensar a escuta clínica de forma que compreenda as solicitações e possibilidades do horizonte de sentido contemporâneos ao passo que favoreça a criação de modos de ser mais próprios do homem. Neste sentido, é de extrema relevância romper com a indiferença e abrir caminhos para o diálogo e o (com)partilhar da existência em sua singularidade.

Palavras-chave: Adolescência, Contemporaneidade, Desenvolvimento humano.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**REFLEXÕES SOBRE PLANTÃO PSICOLÓGICO A PESSOAS COM IDEAÇÃO SUICIDA:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Manuella Bila de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Melina Séfora Souza Rebouças
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Symone Fernandes de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência do estágio curricular do quarto ano de Psicologia, ocorrido no segundo semestre de 2018, no Serviço Escola de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde foram realizados plantões psicológicos voltados à comunidade externa e interna (estudantes e funcionários da instituição). O objetivo deste trabalho é refletir, a partir das afetações dessa experiência, os limites e possibilidades percebidos. Destarte, as reflexões aqui postas foram tecidas a partir do referencial da hermenêutica heideggeriana que compreende o homem como ser-no-mundo, como “existência”, e a existência como um constante acontecer. Desse modo, o plantão psicológico se apresenta como uma modalidade de atendimento pontual e interventivo no momento da crise e que acompanha o próprio movimento da existência. Dentre as reflexões tecidas, compreende-se que a recorrência da ideação suicida no plantão pode ser reflexo do horizonte histórico contemporâneo. E, na condição de estudante, deparar-se com a demanda do suicídio implica desafios que, por vezes, o graduando não se sente preparado para manejar, precisando encarar seus medos e receios acerca do não saber o que fazer, característicos também da Era da técnica na qual estamos inseridos. No entanto, ser plantonista é assumir uma atitude de abertura perante o desconhecido. A experiência com o plantão psicológico mostrou que a escolha pelo morrer muitas vezes se dá de forma pouco refletida, no momento de intenso sofrimento em que o desejo é que aquela dor cesse, diante disso, a morte aparece como única possibilidade. Nesse contexto, o plantão apresenta-se como um espaço onde é possível falar e meditar sobre essa escolha, retirando-se da impessoalidade em busca de um modo de ser cada vez mais próprio. Em muitos casos, percebeu-se que poder falar sobre o que dói permite compreender melhor esse desejo de morte, desvelando, assim, novas possibilidades para essa vida. Outrossim, a experiência do plantão psicológico em uma clínica escola também permitiu perceber limites e desafios institucionais, como o fator limitador do tempo cronológico, que por vezes anda em descompasso com o tempo necessário para os fenômenos se desvelarem.

Palavras-chave: Plantão psicológico, Estágio, Fenomenologia existencial, Ideação suicida.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**REPERCUSSÕES DO USO DE PSICOTRÓPICOS NO SERVIÇO BÁSICO DE SAÚDE:
DIÁLOGO COM A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA**

Ana Paula Galdino de Oliveira
Universidade Católica de Pernambuco

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto
Universidade Católica de Pernambuco

O crescimento nas últimas décadas, na sociedade ocidental, do uso descontrolado de psicotrópicos, principalmente os ansiolíticos e antidepressivos, também sinaliza o aumento das doenças psíquicas. Diante desses fatos e, considerando os modos de existir na contemporaneidade, deparamo-nos com uma realidade que se torna uma questão séria de saúde pública: a medicalização do sofrer psíquico. Por isso, torna-se necessário entender como tais processos se dão no dia a dia dos usuário(a)s das unidades de saúde, como a relação de dependência com o medicamento se estabelece e como o serviço se mostra propiciador desse cenário, encerrando suas vozes e possibilidades de vida em prescrições e diagnósticos diversos, recriando o espaço do manicômio, quando deveria ser o espaço de reinvenção do se fazer saúde. Deste modo, esta pesquisa de mestrado objetiva compreender quais as ressonâncias do uso de psicotrópico nos modos de cuidar do sofrimento no contexto de serviço básico de saúde. A pesquisa como qualitativa, de inspiração fenomenológica, trouxe para compor seu cenário usuários(as), adultos, de uma Unidade básica de Saúde da cidade de Caruaru/PE, que estavam em uso de medicação ansiolítica e/ou antidepressiva. As experiências dos usuários(as) serão colhidas a partir da realização de oficinas de criatividade. A experiência do pesquisador será narrada e registrada em diários de campo. A compreensão das experiências narradas seguirá a proposta da Hermenêutica Filosófica de Hans-George Gadamer, apoiada na Hermenêutica da facticidade de Heidegger. Estando a pesquisadora atualmente em campo, já se torna importante inferir que a escuta dessas narrativas é de extrema importância, pois, o acolhimento das singularidades despontadas, pode, de algum modo, possibilitar uma atuação voltada ao acolhimento do sofrimento a partir do contexto no qual este se circunscreve, e diante de sua condição de ser usuário(a) de benzodiazepínico e/ou antidepressivo. Portanto, esta pesquisa pode oportunizar espaços à promoção de estudos que potencializem as estratégias de cuidado voltadas a busca por mudanças nas políticas públicas que se destinam à essa população, bem como no tensionamento da construção de estratégias que impactem sobre uma sociedade menos adoecida.

Palavras-chave: Psicotrópicos, Atenção Primária à Saúde, Fenomenologia Existencial.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**RINOCERONTES: UMA EXPERIÊNCIA DE PLANTÃO PSICOLÓGICO EM PERÍODO
ELEITORAL**

Malu Nunes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Anderson Andrade Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho é um relato de experiência de um Plantão Psicológico, que teve como objetivo ofertar atendimentos à população de Natal – RN, durante o Período Eleitoral em setembro de 2018. A atual crise político-sócio-econômica tem limitado a diversidade dos modos de ser-no-mundo. Observando a necessidade de atender a esta demanda, o plantão surgiu como possibilidade de encontro com a crise e aqueles que a experienciam, desvelando os sentidos e significados de Ser nessa Era em que os discursos de ordem e ódio tendem a ser cada vez mais fortes. O serviço foi divulgado via Redes Sociais. Durante uma semana, dois plantonistas estiveram a disposição da população, gratuitamente, tendo como público alvo grupos em situação de vulnerabilidade: militantes, pessoas vítimas de alguma violência de cunho político, mulheres, LGBTQ+, vítimas de racismo e de outras formas de opressão. Foram atendidas onze pessoas, que relataram seus medos e angústias sobre esse período. Pessoas que lutavam apenas por um pouco mais de liberdade e condições de vida em uma sociedade cada vez mais doente e adoeceadora, tiveram espaço para expressar sua dor, e narraram terem sido alvo de violências simbólicas e/ou discurso de ódio, justificando-os pelo modo como as campanhas eleitorais foram realizadas. Relataram também levantar da cama e ir para o contato com os limites do mundo, observando suas existências como o maior ato de resistência. Existir torna-se ato político. Pessoas que temem que o mundo padeça e se destrua em pedaços de cada indivíduo alienado de sua disposição de ser-com-os-outros, como uma delas refletiu “as pessoas estão se tornando rinocerontes. Elas só correm, e destroem tudo por onde passam. Eu vejo que é isso que está para acontecer: a busca pelo poder vai nos tornar rinocerontes”. Por fim, pode-se pensar o lugar da Psicologia Clínica no Contexto Social como prática que desvela, no contato com a experiência, os caminhos que a sociedade atual vem traçando no mundo. Oferecer espaço de atendimento a essas pessoas que estão à margem da sociedade é um potente modo de ampliar a visão sobre sofrimento, angústia e liberdade em tempos de crise.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Psicologia Clínica, Fenomenologia, Período Eleitoral, Contexto Social.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**SENTIDOS DE SER MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA: SOBRE ESCUTA EM PLANTÃO
PSICOLÓGICO NUMA DELEGACIA ESPECIALIZADA.**

Caroline da Costa Oliveira
UFRN

Ana Karina Silva Azevedo
UFRN

O presente trabalho objetiva tematizar a escuta de mulheres vítimas de violência à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana. Tais sentidos de ser mulher são historicamente construídos a partir de uma cultura marcada por um ordenamento patriarcal. Tal reflexão se deu a partir da experiência de um serviço de plantão psicológico oferecido em uma delegacia especializada da mulher na cidade do Natal/RN. A vivência da violência doméstica praticada por seu companheiro provoca nelas a reflexão sobre a continuidade do projeto familiar que foram ensinadas a almejar. A experiência de ser vítima de uma violência traz à tona sentimentos como medo, angústia e culpa, de modo a lançarem-se em afetações sobre serem elas as responsáveis pelo fracasso desses relacionamentos. Muitas o fazem pensando justificativas para lidar com a violência, cobrando a si mesmas mais paciência e tolerância com o companheiro; ou de se questionarem a razão da violência se foram boas esposas, fiéis e companheiras. Para outras, afirmações sobre como seu companheiro é um homem bom, apesar de as machucarem ou ofenderem, ecoam nas vozes de algumas mulheres, como se lembrassem a si mesmas os motivos para permanecerem juntos. Mas na dureza da decisão de pôr um basta à violência, denunciando o agressor, se veem na incerteza do existir longe desse outro, o qual ao mesmo tempo que ama também machuca. Isso repercute na continuidade da denúncia, por algumas mulheres, fazendo-as desistirem, retirando a queixa. Na nossa prática, tal gesto, evoca, em muitos, um julgamento social, inclusive, dos profissionais da delegacia. Tomando o conceito de historicidade heideggeriano, o Dasein é por essência historicidade do mundo, de modo que o ser mulher é permeado por sentidos sedimentados historicamente, influenciando na consolidação de um projeto do feminino, o qual repercute nesse imaginário e nas decisões inscritas subjetivamente nas possibilidades de ser mulher socialmente. Desse modo, ouvir mulheres vítimas de violência é adentrar num sofrimento invisibilizado, muitas vezes, condenado a existir no silêncio do interior de suas casas, nos permitindo pensar que, mesmo em relações violentas, legitimam suas existências enquanto mães, esposas e mulheres, mas, ainda assim, movidas por este sentido, existem.

Palavras-chave: Plantão psicológico, Fenomenologia heideggeriana, Violência contra a mulher.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**SER MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DA
EXPERIÊNCIA NO SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA**

Luana Bilro Pereira de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Manuella Bila de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Symone Fernandes de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Patrícia Karla de Souza Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A violência contra a mulher, entendida como qualquer ato baseado no gênero, que gere morte ou danos físicos, morais, sexuais ou psicológicos à mulher, seja no âmbito público ou privado, tem sido questão recorrente na rede de saúde e assistência social. Nos últimos dez anos, o número de homicídios de mulheres no Rio Grande do Norte mais do que duplicou, o que denuncia um contexto social violento e ameaçador a esse público, e sinaliza para um horizonte histórico ainda marcado por concepções machistas, decorrentes de uma cultura patriarcal. Como reflexo disso, tem havido um significativo aumento no número de mulheres em situação de violência que buscam atendimento psicológico na rede pública, a qual, por sua vez, apresenta-se frágil e insuficiente, redirecionando a demanda para os serviços-escola. Dessa forma, à luz da fenomenologia existencial heideggeriana, o presente trabalho nasce da experiência de alunas no estágio do último ano da graduação, ocorrido no serviço-escola de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Foram realizados atendimentos na modalidade de triagem, plantão psicológico e psicoterapia com mulheres em situação de violência, que chegaram ao serviço a partir de demanda espontânea ou por encaminhamento do Centro de Referência em Direitos Humanos. A partir das afetações das alunas no atendimento a essas mulheres e da aproximação da temática por meio de leituras e supervisões clínicas, objetiva-se refletir sobre a vivência de mulheres em situação de violência. A escuta clínica a esse público lança luz sobre existências permeadas por violações, desvelando-se, frente a estas, a disposição afetiva do temor. Percebe-se, por vezes, que no horizonte histórico delas há uma restrição de possibilidades que dificulta desvelar outras formas possíveis de ser-no-mundo em relação com o outro. Além disso, diante de tanto sofrimento e das constantes ameaças sofridas, foi percebido ainda que, em alguns casos, a morte autoinfligida apresenta-se como única possibilidade de resolução da situação. Outrossim, a partir da escuta e reflexão sobre a existência dessas mulheres, oportuniza-se a estruturação da atenção psicológica a vítimas de violência no serviço-escola, bem como articulação junto aos dispositivos que visam protegê-las, fortalecendo o trabalho em rede.

Palavras-chave: Violência contra a mulher, Violência de gênero, Clínica fenomenológico-existencial.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**SER-NERVOSA: DESVELANDO OS SENTIDOS ACERCA DO SOFRIMENTO DE
MULHERES COM TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS**

Isabelly Cristina Soares de Oliveira
Bolsista Facisa/UFRN

Luciana Fernandes de Medeiros
Bolsista Facisa/UFRN

Os transtornos mentais comuns (TMC) são caracterizados por sintomas e sensações de mal-estar e sofrimento psicológico, além de várias queixas somáticas. As projeções para 2030 são no sentido de incluírem essas perturbações entre as mais incapacitantes para o ser humano, dada a complexidade dos processos subjetivos e da multiplicidade de causas para a sua gênese. A partir de observações na Atenção Básica em Santa Cruz/RN, observou-se diversas queixas de saúde da população permeadas por condições de vida precárias e diversos tipos de problemas sociais. Nesse sentido, fez-se necessário conhecer melhor e compreender em profundidade esses problemas de saúde mental no citado município. Este trabalho visa compreender os TMC em mulheres do interior nordestino e, mais especificamente, os sentidos do sofrimento e das causas atribuídas ao TMC, sob o olhar da perspectiva fenomenológica-existencial heideggeriana. Para a realização da pesquisa de campo, foi feito um levantamento junto aos agentes comunitários de saúde sobre mulheres com queixas de TMC e/ou nervosa. Para a análise das entrevistas, foi utilizada a análise de narrativas, com base na hermenêutica heideggeriana. Foram entrevistadas 04 mulheres com TMC. A análise evidenciou importantes condições existenciais relacionadas ao fenômeno do sofrimento a partir do discurso das participantes: o Dasein como “ser-nervosa”; suas vivências com as perdas; a experiência com a solidão como restritiva do ser-aí; a necessidade de cuidado pelo outro; e o uso de medicações como única possibilidade de existência. A análise mostrou como essas mulheres vivem sob um caráter restritivo em que não reconhecem suas potencialidades pelo seu poder-ser, bem como possibilitou o desvelamento de sentidos sobre o sofrimento, até então apenas medicalizados, através da escuta cuidadosa e acolhimento ao ser-aí. O trabalho aponta para a necessidade de intervenções mais contextualizadas pelos profissionais da saúde, fundamentado nos seguintes pressupostos: 1) o paciente é capaz de cuidar de si; 2) o sofrimento poderá ser entendido a partir dos sentidos que têm para a pessoa, não somente pelos sintomas apresentados; e 3) o fenômeno da doença deve ser compreendido pelos sentidos atribuídos, ou seja, o diagnóstico não pode ser determinante do ser-aí.

Palavras-chave: Transtornos mentais comuns, mulheres, hermenêutica heideggeriana, fenomenologia-existencial.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**SOBRE O PLANTÃO PSICOLÓGICO EM UMA DELEGACIA DA MULHER EM NATAL:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Marinna Rezende de Lucena Marinho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Isadora Letícia Silvestre Martins
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Glaucia Vivana Campos Xavier
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Jenair Alves da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ana Karina Silva Azevedo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho aborda a experiência de implantação de um serviço de plantão psicológico na unidade Zona Sul da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher, na cidade de Natal/RN, em 2018, a partir da experiência de estágio de quarto ano do curso de Psicologia da UFRN, desenvolvido a partir da perspectiva fenomenológica heideggeriana. A prática objetivou possibilitar um espaço de escuta para aquelas(es) que chegavam à Delegacia, seja pela própria vivência da violência ou por acompanharem as vitimadas por tal fenômeno. Essas pessoas muitas vezes encontravam-se mobilizadas pelos mais diferentes aspectos e notou-se, em nosso exercício, uma grande dificuldade por parte da equipe da Delegacia em acolher aqueles que chegavam dessa forma. No espaço físico, foi-nos disponibilizada uma sala com duas cadeiras, uma pequena mesa e um conjunto de brinquedos advindos de doações, para que pudéssemos atender também crianças. A DEAM-ZS apresenta dificuldades estruturais, de recursos humanos, e pela própria dinâmica do serviço, sua demanda fomentou a circulação da Psicologia pela sala de espera, aproximando-nos daquelas(es) que lá estavam. O plantão psicológico surge enquanto uma resposta aos desafios encontrados no acolhimento do sofrimento na modernidade e que, ao se estabelecer como um momento de escuta para acolher a demanda apresentada naquele momento com solicitude, é capaz de ampliar o horizonte de possibilidades de quem o procura. Dentro do contexto da DEAM-ZS, o plantão também se constitui enquanto prática social, compreendendo o sujeito a partir do seu contexto, trabalhando na desnaturalização das diversas formas de violência contra a mulher, compreendendo-a em sua historicidade. Isto posto, sabemos que o trabalho desenvolvido desvela a importância da construção de um espaço para a clínica em um ambiente que implica, não somente um conhecer, como também um se dar a conhecer. Logo, fazer a Psicologia habitar um espaço que em muitos momentos é reprodutor de outras violências, é tornar possível o reconhecimento da vítima como aquela cujo sofrimento vai além do que pode estar exposto no Boletim de Ocorrência. Sendo o psicólogo aquele que torna, pelo tensionamento da escuta e fala, a ser abrigo para toda historicidade da construção do seu ser-mulher.

Palavras-chave: Plantão psicológico, Delegacia da mulher, Fenomenologia heideggeriana, Psicologia clínica



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL - ENTRE ÁLCOOL,
DROGAS E PSICOFÁRMACOS: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-
HERMENÊUTICA**

Lorena Léa Braga
PPGPS - UERJ

Este trabalho tem como objetivo compreender o fenômeno da prescrição indiscriminada de psicofármacos na Atenção Psicossocial, mais especificamente no CAPSad (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas) a partir da perspectiva fenomenológico-hermenêutica. Este é um serviço substitutivo dos manicômios e voltado para dar atenção a quem necessita de ajuda no uso ou no abuso de álcool e/ou drogas. A prescrição indiscriminada é apontada pelas pesquisas na área e observada pela pesquisadora ao longo de sua experiência profissional em dois CAPSad da cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, alguns questionamentos surgiram a partir disso: o que acontece que o tratamento medicamentoso nestes lugares tornou-se preponderante frente a outros modos de cuidados existentes ofertados por diferentes profissionais que compõem a equipe? O dispositivo CAPSad não estaria propiciando uma troca ou uma ampliação do leque de substâncias psicoativas para o indivíduo fazer uso na administração das suas emoções ou dificuldades? Essa questão surge, pois nem todo usuário deixa de fazer uso de álcool e/ou drogas quando inicia o tratamento medicamentoso. E a tematização sobre o uso ou abuso de tais substâncias acaba ficando obscurecida. E, para tanto, utilizamos como metodologia a Revisão Narrativa da Literatura, a partir dos descritores referentes ao assunto lançados nas bases de dados de pesquisa e 38 publicações foram selecionadas. Tais resultados serão compreendidos a partir da base fenomenológico-hermenêutica de Martin Heidegger, sobretudo no que concerne sobre a Essência da Técnica. Sob esta perspectiva o homem é convocado a comprometer-se com esse modo de desencobrimento calculante, onde imperam a segurança e a previsibilidade. E, desta forma, o homem relaciona-se consigo mesmo e com os entes que lhe vêm ao seu encontro a partir dessa verdade histórica, ou seja, ao modo da provocação e do controle. O mal-estar sentido, a dor ou o sofrimento inerente à existência muitas vezes são dirimidos por álcool e/ou drogas. E geralmente, tanto o sofrimento quanto o abuso dessas substâncias são vistos como patologias e, conseqüentemente, tratados com psicofármacos prescritos. Uma vez que, as determinações do horizonte moderno nos convocam a compreender a negatividade como um problema que necessita ser extirpado.

Palavras-chave: CAPSad, Psicofármacos, Era da Técnica, Fenomenologia-Hermenêutica.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

TENTATIVAS DE SUICÍDIO EM PROFESSORES: UMA REVISÃO TEÓRICA

Andréa Carla Ferreira de Oliveira
UNICAP; UFRN
Bolsista UNICAP

Gláucia Fernanda Soares Cabral
UNICAP
Bolsista UNICAP

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto
UNICAP

Este estudo tem por finalidade fazer uma revisão teórica sobre as tentativas de suicídio em professores para subsidiar dissertações e teses a serem elaboradas no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNICAP, na perspectiva Fenomenológica Existencial. O número de suicídios a cada ano aumenta de forma significativa em diferentes países e as tentativas de suicídio são estatísticas subnotificadas. A literatura aponta altos índices de afastamento de professores em sala de aula em virtude de adoecimento mental. Para este estudo buscou-se a análise de dissertações, teses e artigos nos seguintes bancos de dados: BDTD; PePsiC; Lillacs; Scielo e BVS. Os descritores utilizados inicialmente foram: Tentativas de suicídio, professores universitários e Fenomenologia Heideggeriana, mas nenhum estudo foi encontrado. Dessa forma, as autoras ampliaram os descritores para tentativas de suicídio e professores que geraram 2 resultados, sendo 1 tese e 1 artigo. Estabeleceu-se como critérios de inclusão: Professores com tentativas malogradas ao longo da sua existência. E critério de exclusão os artigos que não tivessem como participantes das suas pesquisas professores. O tempo não foi delimitado na busca avançada. No que diz respeito aos bancos de dados citados apenas 01 tese foi encontrada na BDTD, datada de 2016, qual seja: “O trabalho e a saúde mental de servidores de uma IFES, usuários do programa saudavelmente: uma análise psicodinâmica. A mesma foi descartada por não citar os professores como participantes do estudo, embora tenhamos encontrado referência a ideação e tentativas de suicídio em servidores técnicos administrativo da IFES em questão. Nas bases de dados LILACS e BVS 01 artigo foi identificado em repetição, sendo excluído por se tratar de estratégias de prevenção do suicídio em adolescentes. Podemos pensar a partir desses dados a escassez de produção acadêmica, bem como a necessidade de pesquisas com professores dos diferentes níveis de ensino, considerando as relações estabelecidas com os alunos, os pares e a instituição onde estão inseridos. Além disso, verifica-se a importância de investigar “o modo de ser” do professor universitário, tendo em vista as cobranças pelas instituições de fomento à pesquisa, levando em alguns casos ao adoecimento e afastamento da sala de aula.

Palavras-chave: Tentativas de suicídio, Professores, Fenomenologia Existencial.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**TESTEMUNHAS DE UM SUICÍDIO: UM ESTUDO COM COMERCIANTES NAS
IMEDIAÇÕES DA PONTE NEWTON NAVARRO**

Amanda Melo Queiroz da Costa
Bolsista UFRN

Ana Karina Silva de Azevedo
UFRN

Olga Maria Hawes Fernandes de Oliveira
UFRN

Caroline da Costa Oliveira
UFRN

Este trabalho tem como objetivo compreender a experiência de comerciantes, que trabalham nos arredores da Ponte Newton Navarro, de serem testemunhas de suicídios ocorridos no local. O presente estudo se configura como uma pesquisa fenomenológica de inspiração heideggeriana, a qual utilizou como instrumento de pesquisa a narrativa de quatro comerciantes que atuam no mercado da Redinha, comércio situado abaixo da Ponte Newton Navarro, localizada em Natal-RN. Para tanto, partimos de uma pergunta disparadora: “Como é para você conviver com os suicídios acontecidos na Ponte Newton Navarro?”. A interpretação se deu pela leitura das narrativas e destaque de núcleos significativos compostos por partes dos depoimentos e significados tecidos em toda a entrevista. As noções heideggerianas de ser-aí, angústia, afinação, impessoalidade e ser-para-a-morte nortearam as reflexões desenvolvidas, tendo em vista o desvelamento da experiência vivida. Foram constituídos 5 núcleos de significado: A afinação e cadência sobre o som do suicídio; O ser testemunha de um suicídio: sobre ver e olhar a cena; Compreensões sobre o suicídio; O “espetáculo” da finitude na ponte e; A ponte como caminho para o poder-morrer. As compreensões produzidas se deram à luz de teóricos estudiosos da temática do suicídio e da ontologia heideggeriana. Por fim, o estudo conclui que a ocorrência de suicídios mudou a forma com que os comerciantes se relacionam com a ponte, passando esta a evocar o poder-morrer como possibilidade existencial para eles. Assim, mesmo se afastando de testemunharem um suicídio, este faz barulho, e convoca-os a tornar-se parte daquele momento, desvelando a condição existencial de ser-para-a-morte. As narrativas permitiram compreender que o suicídio tem som, e seu barulho ecoa até mesmo quando ele não é visto. Para eles, o suicídio convoca significações como: dor, a própria fé, a força de viver, o sentido da vida. Sugerimos a importância de um espaço de acolhida, escuta e cuidado para essas testemunhas, tendo em vista a invisibilidade e o silenciamento deste fenômeno na cotidianidade dessas pessoas, não havendo espaço para tematizar a angústia suscitada pelo ser testemunha de um suicídio.

Palavras-chave: Testemunha, Suicídio, Ponte, Fenomenologia-hermenêutica, Heidegger.



SESSÃO TEMÁTICA – FENOMENOLOGIA, PESQUISA E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

**A ARTE DA DOCÊNCIA EM PSICOLOGIA CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-
EXISTENCIAL**

Délio Henrique Delfino de Oliveira
Universidade Potiguar UnP Laureate International

A atividade docente em Psicologia é um fazer que apresenta o compromisso ético na construção dos futuros profissionais, bem como a responsabilidade de despertar nos alunos um olhar que cuide do humano. Cada área da Psicologia tem o seu modo de pensar e, muitas vezes, seguem técnicas científicas, mas esse não é o caso da perspectiva fenomenológico-existencial heideggeriana. Nessa abordagem psicológica temos o Dasein que exerce a arte do existir atribuindo sentidos, desvelando verdades e assumindo sua existência. Sendo assim, a docência desse outro olhar não parece ser tarefa fácil, considerando que sua base parte da filosofia e que muitas vezes está distante dos modos impessoais de conduzir a vida. Este trabalho é um relato de experiência e busca compreender a arte de ser professor em psicologia fenomenológico-existencial com o objetivo de tematizar os modelos de compreensão das ciências psicológicas; refletir acerca do como os alunos recebem e se aventuram no contato com o saber heideggeriano; discutir os desafios e possibilidades da docência fenomenológico-existencial. O trabalho foi desenvolvido em uma instituição de ensino superior privada e partiu da análise do acompanhamento do percurso dos alunos ao longo de um ano. Inicialmente foi possível perceber que compreender o humano na perspectiva em questão não é tarefa fácil, a princípio não cativa os alunos que demonstram familiaridade com as verdades e técnicas científicas. Mas, fazendo uso das artes e acolhendo as dificuldades, um processo metamórfico parece surgir e os discentes passam a desenvolver uma postura de abertura para este outro saber. Sobre esse ponto é possível refletir o Dasein em sua abertura para o mundo, construindo sentidos ao seu processo de existir. Considero que a perspectiva em questão se depara com outros modos diversos de compreensão dos fenômenos contemporâneos que parecem atender ao que é demandado por questões médico/econômico/políticas e de controle, mas que carecem de uma ética do cuidado do Ser. Ao fazer psicologia fenomenológico-existencial o profissional traz ao cenário o que muitas vezes está velado em outras áreas, resgatando assim o lugar do humano em seu processo de poder exercer o existir em um mundo desalojador.

Palavras-chave: Cuidado, Docência, Fenomenológico-Existencial, Heidegger, Psicologia Clínica.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**A CULPA MATERNA E O IDEAL DE MÃE EM SITUAÇÕES DE ABUSO SEXUAL
INFANTIL**

Gabriela Gibson Cunha
UFRN

Elza Maria do Socorro Dutra
UFRN

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado que teve o objetivo de compreender a experiência de ser mãe de vítimas de abuso sexual infantil, adotando o método fenomenológico amparado na hermenêutica heideggeriana. Selecionamos uma das entrevistas realizadas, na qual se apresenta um caso em que o abusador é o pai da vítima. Este recorte tem a finalidade de apresentar uma reflexão acerca da culpa materna em situações de abuso sexual infantil. Quando o abuso é revelado, comumente as mães experienciam uma ruptura de valores, pois como são as principais notificadoras do abuso, entre outros membros da família, acabam sendo convocadas a se posicionarem entre a manutenção da coesão familiar ou a proteção dos filhos. Diante disso, ao repensarem o papel da família e seu próprio desempenho enquanto mães, essas mulheres vão se ancorar em referenciais socialmente construídos. Tal ponto nos remete ao movimento do ser-aí de buscar assumir uma identidade e diferentes modos de ser a partir de orientações historicamente construídas. Dessa maneira, na entrevista, quando essa mãe se volta para o que deve ser uma boa mãe, ela se nomeia como culpada e negligente por sua incapacidade de impedir que tal violência acontecesse. Quando assumimos que a mãe é a principal cuidadora dos filhos, torna-se natural questionar essa culpa, porém não de outros adultos, inclusive a do pai abusador. É possível pensar como as categorias identitárias as quais o ser-aí recorre em sua fragilidade ontológica, por sua indeterminação originária, podem se constituir como aprisionamentos. Na entrevista, é marcante como a mãe se questiona sobre sua culpa ao não ter correspondido as orientações do mundo sobre o que seria uma boa mãe: a que protege e se dedica integralmente aos filhos. Entretanto, ela consegue transcender esse questionamento quando pôde construir novos sentidos para a mãe que foi possível ser para sua filha vitimada e estabelecer uma relação mais livre com seu horizonte histórico. Por fim, é importante destacar que se afastar de um discurso de culpabilização materna não significa negar sua responsabilidade, mas incluir outros atores e considerar a complexidade envolvida em casos de violência sexual infantil.

Palavras-chave: Pesquisa fenomenológica, Maternidade, Abuso sexual infantil.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

A ENTREVISTA NARRATIVA COMO POSSIBILIDADE DE “MOSTRAÇÃO” DO FENÔMENO

Fernanda Cabral
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Angela Cardoso Andrade
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

A pesquisa qualitativa se propõe a compreender os significados dos fenômenos para aqueles que o vivenciam. Para isso, o pesquisador busca apreendê-los através da escuta, da observação e da auto-observação. Este trabalho tem como objetivo primeiro apresentar, a partir dos principais teóricos que descrevem a entrevista narrativa como “recurso metodológico” de pesquisa qualitativa, as principais dimensões teóricas e práticas que envolvem estudos nesse enfoque. Para a edificação deste estudo, o caminho metodológico utilizado com fins de problematizar a temática posta, envolve a revisão de literatura na modalidade narrativa, na qual possibilita ao pesquisador buscar as informações dentro de um arsenal bibliográfico intencionalmente selecionado, com a finalidade de formar a sua compreensão crítica acerca da questão de pesquisa. A partir dos resultados encontrados, discussões críticas foram realizadas e apontaram para a possibilidade de pensar a entrevista narrativa como um caminhar, via linguagem, para o encontro de algo posto em aberto. Nessa direção, as narrativas podem ser compreendidas a partir do círculo hermenêutico proposto por Martin Heidegger e apresentam-se como uma “situação hermenêutica” na qual o novo é encontrado a partir de uma compreensão existencial. Nessa direção, ao possibilitar a descrição da experiência do narrador, encaminha, via afetações mútuas, novas compreensões, do próprio existir do homem. Nessa tessitura, a situação hermenêutica dialógica construída entre o narrador e o pesquisador, abre a própria dimensão existencial do viver e assume a linguagem como possibilidade de desvelamento do ser, já que existir significa desde sempre, nesse enfoque, mover-se de modo interpretativo e lançado num conjunto de valores, crenças e concepções próprias de cada época. Nesse contexto, o narrador em sua singularidade é compreendido como Dasein; entendido como ser-aí, refere-se à dimensão ontológica que concebe o ser como abertura e como condição humana de apreensão das significações ao que lhe fala e o encontra em seu ser como “clareira”. Conclui-se que, na ruptura com a visão binária da epistemológica científica proposta pela ontologia metafísica, a hermenêutica da facticidade e a fenomenologia hermenêutica, partem da linguagem como possibilidade de produção de sentidos ao interrogar sobre o sentido da existência humana.

Palavras-chave: Entrevista narrativa, Fenomenologia Hermenêutica, Pesquisa qualitativa.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**A EXPERIÊNCIA DE ADOÇÃO DE FILHOS EM FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS: UM
OLHAR FENOMENOLÓGICO**

Gessica Raquel Clemente Rodrigues
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

Ana Andréa Barbosa Maux
Unifacex

Geovânia da Silva Toscano
UNESP

As famílias não são mais representadas apenas por um modelo normatizado e padronizado, mas percebe-se a coexistência de diversas configurações familiares. Uma dessas configurações emergentes é a família adotiva homoafetiva. Tendo isso em vista, o estudo apresentado objetivou conhecer a experiência de adoção de filhos em três famílias homoafetivas. Fazendo uso de entrevistas e da proposta do círculo hermenêutico/compreensivo do filósofo Heidegger, enfatizou-se a experiência do encontro entre pesquisadora e colaboradores e, para a construção da análise do material, foi realizado um diálogo com o referencial teórico a respeito do tema e com autores do campo das ciências sociais. Dentre os sentidos desvelados, destacam-se a necessidade de rever os papéis de gênero socialmente instituídos, os receios e dúvidas no processo da paternidade, o processo de construção de vínculos e os desafios da adoção de filhos maiores. Nesse sentido, as experiências e relatos dos colaboradores apontaram que os desafios enfrentados no processo de assumir a parentalidade, diziam mais respeito ao encontro deles e dos próprios filhos com a experiência e a alteridade do outro, que era novidade para todos, e que demandou dos pais assumirem tarefas e se debruçarem no processo de cuidado dos filhos. Cuidado, já apontado por Heidegger como o fenômeno que é fundamental na existência humana, sendo a forma dele portar-se com os outros em suas relações. Além disso, nesse estudo destacou-se que todos os casais realizaram adoção de filhos maiores, sendo possível perceber nestes uma reflexão e abertura para sair de si e priorizar a necessidade das crianças de ter uma família. Mas, isso demandou uma dedicação dos pais em conjunto com os filhos para tecer a construção de um vínculo sólido, para que, portanto, as vinculações ocorressem. Por fim, compreendeu-se que a parentalidade é um processo construído, não havendo modelo específico e dado de antemão, sendo necessário considerar que esse papel pode ser assumido por aqueles que possuem disponibilidade para ofertar afeto, atenção, dedicação e um ambiente saudável aos filhos, questões que não estão diretamente ligadas a gênero ou composição familiar específica.

Palavras-chave: Adoção homoafetiva, Parentalidade, Fenomenologia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

A MORTE COMO ESCOLHA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE O SUICÍDIO

Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Elza Maria do Socorro Dutra
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O suicídio está cada vez mais presente no universo de significados das pessoas e nos contextos por onde essas circulam. Ele é um tabu e sua compreensão será sempre na perspectiva multidimensional, sem jamais se esvaír seu conteúdo. No intuito de aprofundarmos a compreensão desse fenômeno, esta pesquisa documental objetiva: a) a observação de dados sobre suicídios na Região do Seridó, interior do RN, entre os anos de 2006 e 2016; e b) trazer algumas reflexões sobre o suicídio a partir da perspectiva fenomenológica hermenêutica heideggeriana. As estatísticas obtidas no Instituto Técnico de Polícia- ITEP-RN mostram que o coeficiente de mortalidade por suicídio de Caicó, município do Seridó, tem crescido com o passar dos anos, influenciando diretamente nas expectativas de óbitos por suicídio na região do Seridó. Ao considerarmos apenas o ano de 2016, o valor do coeficiente de mortalidade por suicídio (número de suicídios por 100 mil habitantes) cresceu para 50,44, sendo considerado muito elevado quando comparado ao índice global de 11,4. Os números propiciam reflexões sobre as condições existenciais presentes no desejo de não viver encontrado na região e que deve ser observado a partir do horizonte histórico da contemporaneidade, que na modernidade é nomeada por Heidegger como Era da técnica. O estudo teórico, por sua vez, nos permite pensar no fenômeno do suicídio a partir da ontologia heideggeriana, aprofundando-nos nas noções de ser-aí, ser-no-mundo, angústia e ser-para-morte. A primeira condição fundamental do Dasein é que ele é o único ente que se sabe finito, sabe que um dia irá morrer. Essa questão ultrapassa toda a existência do homem, marcando de uma maneira distinta o seu modo de ser-no-mundo, pois só ele conhece o “seu-ser-para-a-morte”. Através do olhar da fenomenologia é possível observar o suicídio em uma dimensão existencial que caracteriza o Dasein em sua busca de sentido como ser-no-mundo, em contraposição à visão estereotipada do ato suicida que encontramos em nossa sociedade. Através das reflexões emergidas por esse estudo, almejamos colaborar para a construção de um olhar desprovido de rótulos e categorizações tão impregnadas socialmente, historicamente e cientificamente quando o suicídio tem sido abordado.

Palavras-chave: Suicídio, Fenomenologia hermenêutica heideggeriana, Pesquisa documental.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**A TENTATIVA DE SUICÍDIO À LUZ DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA
HEIDEGGERIANA EM UMA CIDADE DO NORDESTE**

Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Elza Maria do Socorro Dutra
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Os meios de comunicação têm noticiado cada vez mais casos de mortes por suicídio em pessoas de diferentes idades e buscado encontrar justificativas ou motivos para tal ato. No estado do Rio Grande do Norte, o município de Caicó, localizado na Região do Seridó, ocupou o terceiro lugar entre as 20 cidades brasileiras, com pelo menos 50.000 habitantes, com maiores coeficientes de suicídio entre os anos de 2005 a 2007 (15,8/ 100 mil habitantes) (Minghetti & Kanan, 2011). A região do Seridó compõe o Semiárido Nordestino, marcado pela degradação ambiental, pela seca e por população rural muito presente. É um território reconhecido por sua cultura gastronômica e artesanal, bem como por uma identidade religiosa tradicionalista. Compreender o suicídio nesse cenário, significa mergulhar nas condições de vida da região, permitindo que se pense, em leitura psicológica, em um não-querer-ser-no-mundo. Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de doutorado cujo objetivo é compreender a experiência de sobreviventes da tentativa de suicídio no sertão potiguar. Como estratégia metodológica utilizamos a narrativa, de inspiração fenomenológico-hermenêutica, a partir das ideias de Martin Heidegger. Até o presente momento, foram realizadas quatro entrevistas narrativas com pessoas que sobreviveram à tentativa de suicídio no município de Caicó. Os colaboradores foram convidados a relatar a experiência da tentativa de suicídio por meio de uma narrativa livre, deixando-os à vontade para contar a sua experiência da forma que melhor lhes conviesse. Conceitos heideggerianos como ser-para-a-morte, historicidade, angústia, possibilidades e escolhas, embasaram nossa compreensão acerca da tentativa de suicídio, apoiando nossas reflexões sobre a temática. As interpretações das narrativas têm mostrado relatos de sentimentos de falta de sentido, medo de julgamentos sociais, conflitos em relacionamentos amorosos, culpa e tristeza, dentre outros. Também apontam as dificuldades existentes no cotidiano para “permanecerem vivos” diante de um desejo constante de desaparecerem. A aproximação existencial da condição ontológica vivida por essas pessoas, quando de suas tentativas suicidas, possibilita a expressão de uma fala genuína que nos ajuda a uma melhor compreensão da experiência que elas significavam.

Palavras-chave: Pesquisa fenomenológica, Tentativa de suicídio, Tentativa de suicídio no RN.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**AS RODAS DE CONVERSA COMO PRODUÇÃO DE DADOS EM PESQUISA
FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA**

Déborah Adriana Sá Capozzoli
Universidade Católica de Pernambuco

Ana Patrícia de Souza Amaral
Universidade Católica de Pernambuco

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto
Universidade Católica de Pernambuco

Este estudo objetiva discutir as rodas de conversa a partir da seleção de autores que privilegiam a sua compreensão enquanto possibilidade interventiva e investigativa para a colheita de dados em pesquisa qualitativa, sob a lente da fenomenologia-hermenêutica. A pesquisa fenomenológico-hermenêutica, enquanto método, delinea-se no próprio caminhar da pesquisa, já que o fenômeno pode apresentar-se de vários modos, a depender do olhar, além de assumir que o pesquisador não é neutro, estando implicado no que deseja compreender. A metodologia escolhida é a de revisão bibliográfica, que consiste em fazer um levantamento de estudos já publicados acerca da temática, a fim de apontar as possibilidades compreensivas sobre as rodas de conversa enquanto um método interventivo e/ou investigativo, possível em pesquisa qualitativa. Os resultados encontrados apontam para a compreensão das rodas de conversa enquanto um recurso que possibilita a construção de uma prática dialógica em pesquisa, possibilitando o exercício do pensar compartilhado. Encontra-se, em analogia, o termo rodas de conversação, enfatizando-a enquanto possibilidade de colocar a conversa em curso, uma convers(a)ção, que significa um versar com o outro em ação, construindo entre os participantes, através da narrativa de suas experiências, um espaço de partilha que promove a reflexão e a autonomia. Esse espaço de partilha é visto como solo fértil, onde, através da comunicação dialógica, torna-se possível a criação de sentidos e uma nova compreensão que emerge a partir da fusão de horizontes. Desta forma, a análise e discussão dos resultados privilegiam as ressonâncias da filosofia hermenêutica de Gadamer, possível na pesquisa qualitativa. Percebe-se, nas rodas de conversa, que tanto a possibilidade de apropriação da experiência, quanto a construção de um horizonte compreensivo comum, apresentam-se atravessados a partir da história de cada participante, no modo como se compreende a vida a partir da sua tradição (histórico-social) e dos conceitos pré-existentes, em um jogo, onde a compreensão repousa sob as condições de cada participante. Pode-se concluir que, nessa relação dialógica onde pesquisador e participantes estão dispostos, a linguagem cria o solo comum para que a comunicação aconteça e se torna possível a própria compreensão em uma fusão de horizontes.

Palavras-chave: Fenomenologia existencial, Rodas de conversa, Pesquisa qualitativa, Filosofia hermenêutica de Gadamer.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

DIÁRIO DE CAMPO: INQUIETAÇÕES, REFLEXÕES E DISPOSIÇÕES AFETIVAS

Andrea Carla Ferreira de Oliveira
UNICAP; UFRN
Bolsista CAPES

Pedro Pereira Cavalcante Filho
UNICAP

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto
UNICAP

Com a finalidade de produzir um seminário na disciplina de Psicologia Clínica, em um programa de Pós-graduação da UNICAP, na perspectiva Fenomenológica Existencial, o presente relato de experiência narra as inquietações, reflexões e disposições afetivas dos pesquisadores. O trabalho foi produzido por dois alunos, uma psicóloga e um engenheiro, que residem em cidades diferentes (Natal e Recife). Foram utilizados e-mails e WhatsApp para a comunicação à distância e de diálogos presenciais para discussão dos textos pesquisados sobre a temática e a cartografia, por fotografias, dos espaços, utilizados pelos pesquisadores. A pesquisa bibliográfica realizada apontou para o uso de diversos modos de nomear o diário: diário de bordo, diário de campo ou caderno de notas. O uso do termo parece depender de cada autor ao utilizar aquele que em seu entender é mais aderente ao corpus de sua pesquisa. Os autores pesquisados convergem para a livre escrita dos registros no diário de campo, quais sejam: observações do dito e não dito, dificuldades, dúvidas, decisões, narrativas, disposições de ânimo e reflexões, tanto do próprio pesquisador como dos participantes da uma pesquisa. Na construção do seminário, os pesquisadores foram afetados pelo uso do diário que se apresentou como companheiro de percurso nas pesquisas realizadas e pela possibilidade que oferece para rever, a qualquer momento, as etapas do processo e das pistas que vão surgindo ao longo do caminho. Pelo fato de partirem de formações diferentes, a experiência de construção do seminário possibilitou o acolhimento dos modos de ser de cada pesquisador no decorrer do processo que, traduzidos em linguagem poética, compôs o tom da afinação entre ambos. Os alunos da disciplina que participaram do seminário também foram tocados – recebemos deles de como se sentiram convidados a utilizarem o diário em suas pesquisas. A experiência na disciplina possibilita indicar que o diário, além de criar condições de possibilidades para que a história do encontro entre pesquisador e o participante da pesquisa seja narrada, possibilita o desvelar das marcas da experiência deixadas no profissional ao transitar pelo campo e encaminha possibilidades para a compreensão dos fenômenos desvelados.

Palavras-chave: Diário de Campo, Diário de Bordo, Cartografia, Fenomenologia Existencial.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**ESPAÇO, HISTÓRIA E RELAÇÃO E SEU LUGAR EM NARRATIVAS DE PESQUISAS
FENOMENOLÓGICAS**

Andréia Elisa Garcia de Oliveira
PUC-Campinas

Vera Engler Cury
PUC-Campinas

A partir das experiências de elaboração de narrativas compreensivas como recurso de registro de encontros com participantes de pesquisas fenomenológicas desenvolvidas no âmbito dos cursos de Mestrado e Doutorado, foi possível observar certas características deste estilo de escrita científica que nos desafia metodológica e literariamente. Pretende-se apresentar e discutir três elementos considerados essenciais para a composição de narrativas que pretendem comunicar experiências pessoais em pesquisas fenomenológicas. Serão abordados o lugar e a função da descrição do espaço do encontro; da história de vida do participante de pesquisa, indo além da questão norteadora; e das características da relação que se constitui entre pesquisador e participante. Acredita-se que a interface destes três elementos, tenha o potencial de abrir uma porta ao pesquisador, como via de acesso à experiência que se encontra em investigação e que, caso ficasse reduzida apenas à exploração da questão norteadora, nos afastaria da possibilidade de produzirmos uma pesquisa, de fato, fenomenológica. Cada um dos três elementos será ilustrado com excertos de narrativas de pesquisas. Constatou-se a relevância de que estudos fenomenológicos se atenham: à caracterização do contexto no qual o encontro dialógico com o participante se desenvolveu; à escolha do participante pelo ponto de sua história a partir do qual decidiu iniciar sua narrativa ao pesquisador; e ao modo mais ou menos empático como a relação entre os dois se constituiu neste encontro. Acredita-se que tais elementos podem ajudar a situar o interlocutor da pesquisa acerca do modo como o pesquisador é afetado pelo encontro, superando a suposta neutralidade esperada em métodos positivistas e levando-o a adotar um caminho particular para as reduções com viabilizam o método fenomenológico. A percepção desta constelação de elementos pelo pesquisador no momento do encontro com o participante e sua posterior capacidade de registrá-los em suas narrativas de pesquisa constituem-se como desafios aos iniciantes, porém devem ser entendidas como exercício necessário para o desenvolvimento como pesquisadores fenomenológicos.

Palavras-chave: pesquisa fenomenológica, método fenomenológico, narrativas.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO EM SAÚDE MENTAL

João Marcos de Araújo Leite
Bolsista UNIFOR

Anna Karynne Melo
UNIFOR

Virgínia Moreira
UNIFOR

Este trabalho consiste em um recorte de uma revisão sistemática acerca da Fenomenologia em articulação com a psicologia e a saúde mental. Escolhemos tratar aqui da categoria elencada “fenomenologia como método em saúde mental”. Nesta categoria, que apresentou o maior número de artigos da revisão, analisamos estudos que utilizaram a fenomenologia apenas como método para abranger algum aspecto da saúde mental em articulação com a psicologia. Utilizamos os descritores saúde mental, psicologia e fenomenologia com o conector booleano “AND” nas bases de dados SciELO e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), para identificar a articulação entre estes termos em artigos publicados em periódicos de qualis A1, A2 ou B1 durante o período de tempo entre os anos de 2005 até 2018. Encontramos um total de 16 artigos nas bases, sendo eleitos para a análise final 13 e considerados para a categoria apresentada no presente trabalho, oito artigos. Foi possível identificar que a fenomenologia, como lente em relação com a psicologia, possui marcadamente um lugar de método de pesquisa, em detrimento da possibilidade de ser uma lente teórica no âmbito da saúde mental. A psicologia como campo incipiente no âmbito saúde mental, contudo, ainda deve apropriar-se de discursos que subsidiem sua prática tanto teórica quanto epistemologicamente, sobretudo de forma a visar à atuação integral com o objetivo de inclusão social, condizente com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e com a reforma psiquiátrica. Constatamos a necessidade das psicologias de viés fenomenológico se adentrarem mais no campo saúde mental e se apropriarem dos discursos que envolvem este campo, haja vista ser este um contexto de extrema demanda para atuação do psicólogo, principalmente no Brasil, entendendo a fenomenologia como um importante marco teórico por estar de acordo com os princípios da reforma psiquiátrica, subsidiando o trabalho do psicólogo de forma a perpetuar tais princípios.

Palavras-chave: Fenomenologia, Psicologia, Saúde Mental, Método.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

FENOMENOLOGIA CRÍTICA E O GESTO ANTROPOFÁGICO

Maíra Mendes Clini
USCS / Sedes Sapientiae

Luis Eduardo França Jardim
PUC / Sedes Sapientiae

Daniele Elisa Silva Brito
Sedes Sapientiae

Lívia Mendes Miyasato
Sedes Sapientiae

Heloisa Yzumida
Sedes Sapientiae

A expressão “fenomenologia crítica” vem sendo utilizada por um grupo de professorxs empenhadxs em abrir espaço para um olhar fenomenológico engajado no mundo, implicado com as questões éticas, sociais e políticas da nossa realidade. Acreditamos que a fenomenologia – pensamento oriundo do eixo epistêmico europeu – deva ser por nós apropriada e reciclada, aproximando-a da situação latino-americana. Partimos da compreensão de filósofos fenomenólogos, neste caso Heidegger especialmente, e ao nos apropriarmos desse conhecimento, aplicamos um giro decolonial, um gesto de descolonizar tal pensamento enraizando-o, já transformado, em nosso solo. Aqui, mais do que um giro decolonial, proponho um ato antropofágico. A antropofagia é um movimento artístico iniciado por Oswald de Andrade, iniciado junto ao movimento modernista da década de 1920. Depois de ser apresentado por uma obra plástica de Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade lança o manifesto antropofágico. Nesse manifesto, o escritor defende que nós brasileiros devemos fazer arte a partir de nossas próprias referências, e não apenas importar o que estava sendo feito na Europa. A palavra antropofagia, originalmente, diz respeito ao ato de canibalismo que algumas tribos brasileiras praticavam. Os Tupinambás, por exemplo, devoravam os inimigos que capturavam, mas apenas aqueles que haviam sido valentes, pois acreditavam que o ato de comer sua carne incorporava na tribo vencedora a valentia do vencido. Assim, a antropofagia modernista pretendia devorar as influências europeias, digeri-las a nosso modo, incorporando também outras referências típicas de nossa formação, tais como indígenas e africanas. Quando trago essa inspiração para os estudos de fenomenologia, proponho que nós, psicólogxs brasileirxs, pratiquemos uma antropofagia da filosofia fenomenológica, digerindo-a, incorporando em nossa carne aquilo que para nós é importante, e eliminando o que parece excessivo ou desajustado à nossa realidade. O pensamento devorado, ao passar por nossa corrente sanguínea, já não é mais o mesmo, já se transformou, já se misturou com outros elementos, já passou por nós e renasceu miscigenado. Fazemos isso porque somos brasileirxs, também porque somos psicólogxs: não podemos simplesmente aplicar em solo tupiniquim um pensamento estritamente europeu; assim como também não podemos simplesmente aplicar à nossa prática profissional um pensamento estritamente filosófico.

Palavras-chave: Fenomenologia, Antropofagia, Giro decolonial, Fenomenologia crítica.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**HISTÓRIAS DE QUEM CUIDA: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A
VIVÊNCIA DE CUIDADORES INFORMAIS DE IDOSOS**

Gessica Raquel Clemente Rodrigues
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

Ana Andréa Barbosa Maux
Unifacex

O envelhecimento populacional têm sido crescente e, com isso, questões como dependência física, surgimento de doenças e incapacidades funcionais têm se instalado, levando aos familiares a terem que assumir, muitas vezes, a tarefa do cuidado diário do idoso. O processo de assumir esse papel pode ser gradual ou abrupto e as mudanças que ocorrem na vida do cuidador são diversas e o afetam de forma integral. Assim, objetivando contribuir para o atendimento e cuidado a essa população, este estudo buscou compreender a experiência de ser cuidador informal de idoso a partir da perspectiva de quem vivencia essa realidade. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e de enfoque fenomenológico-existencial que se baseou nas ideias apresentadas pelo filósofo Martin Heidegger para embasar as reflexões. Foram realizadas quatro entrevistas que foram transcritas, literalizadas e organizadas sob a forma de narrativas, cujo conteúdo foi disposto a partir de temáticas que emergiram mediante as afetações do pesquisador com cada entrevistada e com suas narrativas. As colaboradoras foram todas do sexo feminino, evidenciando a questão de gênero, que emerge também quando se fala em cuidar. Além disso, foram observadas diversas formas de expressão do cuidado, termo proveniente das considerações heideggerianas, que o apresenta como característica fundamental do ser humano e que, em suas expressões extremas, mostra-se como libertadora e substitutiva. Assim, as colaboradoras Anita Garibaldi, Maria da Penha, Olga Benário e Rachel de Queiroz, passearam pelas diversas expressões do cuidado, tanto para com os idosos, como para consigo mesmas, como no caso de Anita a qual exerce um cuidado antepositivo, incentivando os pais a realizarem atividades para que os mesmos não fiquem estagnados nas suas dificuldades. No tocante ao cuidado de si, percebeu-se o despertar para as próprias necessidades, mas também o cuidado negligente, como no caso de Olga e Rachel, que precisam de uma atenção à saúde, mas não o fazem por estarem mergulhadas na necessidade do outro. Por fim, percebe-se a necessidade de um olhar mais atencioso para os cuidadores familiares, pois eles enfrentam demandas existencialmente densas, que geram sobrecargas e podem levá-los a se sentirem esgotados mediante a tarefa de cuidar.

Palavras-chave: Cuidado, Cuidador, Idoso, Fenomenologia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**MÉTODO FENOMENOLÓGICO E VERSÕES DE SENTIDO: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE PSICOTERAPEUTAS INICIANTES**

Deivid Dos Santos Oliveira
UNIFOR - Universidade de Fortaleza

Juliana Farias Santiago
UNIFOR - Universidade de Fortaleza

Lana Sobral De Oliveira
UNIFOR - Universidade de Fortaleza

Lucas Guimarães Bloc
UNIFOR - Universidade de Fortaleza

A clínica para psicoterapeutas iniciantes é desafiadora e exige um longo processo de preparação. A apropriação do método fenomenológico é fundamental como ferramenta para compreensão dos significados das experiências vividas dos pacientes e as versões de sentido podem ser instrumentos formativos de suma importância para supervisão do psicoterapeuta iniciante. Através do relato de experiência de psicoterapeutas iniciantes de orientação fenomenológica, este trabalho tem como objetivo discutir os desafios do uso do método fenomenológico e de versões de sentido como elementos centrais da prática clínica. O método fenomenológico tem como foco principal a descrição como via para retornar ao fenômeno e se aproximar da vivência do sujeito, buscando ir além da lógica interpretativa e prescritiva comumente utilizada. Trata-se de um elemento necessário na busca da compreensão dos significados da experiência. O psicoterapeuta iniciante se depara com o fenômeno que emerge e deve recorrer à redução fenomenológica como artifício de revelação da experiência que se apresenta no contexto clínico. Este é um desafio na medida em que ele se confronta com a alteridade e com o constante risco de naturalizar a experiência. O método fenomenológico representa para o psicoterapeuta iniciante um confronto consigo mesmo na prática clínica que se inicia, repleta de medo e de insegurança. As versões de sentido são um instrumento fecundo de supervisão que, a partir do relato da experiência intersubjetiva psicoterapeuta-cliente, permite que o psicoterapeuta iniciante perceba a si mesmo na relação, o vínculo estabelecido e a dinâmica do processo psicoterapêutico. Este recurso contribui para que o psicoterapeuta iniciante possa se aproximar daquilo que acontece no processo, ganhando mais segurança para sua atuação e para que, aos poucos, ele se aproprie do lugar de psicoterapeuta. Concluímos que é fundamental a implicação do psicoterapeuta iniciante em seu processo formativo, buscando se apropriar do método fenomenológico. Além disso, as versões de sentido são um recurso que contribui para desenvolver competências e habilidades cruciais para a prática clínica de inspiração fenomenológica na medida em que tem também como foco a experiência, neste caso, do psicoterapeuta iniciante que está em ação e busca se desenvolver como psicoterapeuta.

Palavras-chave: Psicoterapeuta iniciante, Fenomenologia, Experiência, Redução fenomenológica, Versões de sentido.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**MINHA VIDA É O MAR: TESTEMUNHOS DE PESCADORES SOBRE OS SUICÍDIOS NA
PONTE NEWTON NAVARRO**

Olga Maria Hawes Fernandes de Oliveira
Bolsista UFRN

Ana Karina Silva Azevedo
UFRN

Tamiris Rasec Dantas Aguiar
UFRN

Thayse Lira Santana
UFRN

Caroline da Costa Oliveira
UFRN

O presente trabalho objetiva apresentar os resultados do projeto de pesquisa “Testemunhas de um suicídio: um estudo com pescadores nas imediações da Ponte Newton Navarro”. Este é um estudo fenomenológico de inspiração heideggeriana, o qual objetiva compreender o sentido da experiência de pescadores com atuação na Redinha, praia localizada em um dos lados da Ponte aqui tematizada, em sua relação com os suicídios ali ocorridos. Para isso, foram ouvidos quatro pescadores que atuam nesta localidade, a qual, desde a sua inauguração, registra suicídios e tentativas de autoextermínio. A interpretação se deu a partir da leitura das narrativas e destaque de núcleos significativos compostos por partes dos depoimentos e significados tecidos em toda a entrevista. As noções heideggerianas de angústia, impessoalidade, habitar e ser-para-a-morte nortearam as reflexões aqui desenvolvidas, tendo em vista o desvelamento da experiência vivida. A partir das compreensões das narrativas, desvelaram-se quatro núcleos: o testemunho do suicídio e seus aspectos legais; o suicídio e seus números; o ocultar vivências para poder-seguir-viver; as significações da morte por suicídio. O contato com os corpos localizados no mar evoca a finitude dos pescadores, convocando-os a refletir sobre os sentidos do desejo de morrer de alguém. Compreensões sobre o tema cercam as narrativas dos pescadores, que se veem afetados por essa realidade. Para alguns, é algo a ter de se acostumar, e impessoalmente, seguir a desenvolver o seu ofício. Enquanto para outros, a presença dos corpos por suicídio, é algo a ser esquecido. Percebemos que por mais natural que parecia ser a localização e retirada dos corpos de suicidas, as lembranças desse testemunho encontram-se em seus imaginários. Os corpos são deixados à margem, e os pescadores se refugiam no mar, afastando-se da angústia de serem parte do cenário de uma morte. Além disso, os suicídios cometidos na ponte, subnotificados, são registrados pelos pescadores numa contagem pessoal, num reconhecimento de uma realidade tão próxima às suas experiências. Para eles, o suicídio existe, é visível, cotidiano e recorrente. Esta pesquisa desvela o quanto o fenômeno do suicídio impacta aqueles envolvidos em seu cenário, muito além dos familiares e conhecidos da vítima.

Palavras-chave: Suicídio, Ponte, Pescadores, Fenomenologia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO COLABORATIVO: CAMINHO DE REFLEXÕES
ACERCA DA AÇÃO CLÍNICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Débora Victor Aragão Alves
Universidade de Pernambuco

Giselle Oliveira Santos
Universidade de Pernambuco

Suely Emilia de Barros Santos
Universidade de Pernambuco

O Psicodiagnóstico, modalidade de prática psicológica fortemente atrelada ao pensamento técnico cientificista, surge com o objetivo de avaliar, mensurar e quantificar aspectos subjetivos. Nessa direção, tal modalidade se apresenta como uma técnica voltada para investigação/avaliação, servindo como um caminho através do qual o psicólogo poderá delimitar futuras intervenções. A partir dessa compreensão, o presente relato objetiva refletir sobre a experiência de estágio supervisionado, na modalidade de prática do Psicodiagnóstico Interventivo Colaborativo (PIC), o qual se deu no Serviço Escola de Psicologia da Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns, o SAP/UPE. Desse modo, este trabalho trata-se de um relato de experiência, numa perspectiva fenomenológica existencial ao lúmen heideggeriano, cujas narrativas das estagiárias, escritas em diários de bordo, foram interpretadas hermeneuticamente. Os encontros aconteceram semanalmente, em 14 sessões, entre agosto e dezembro de 2018, de forma que foram selecionados 4 adolescentes a partir da lista de espera para atendimento no SAP/UPE, com idades entre 12 e 14 anos. Tais sessões ocorreram a partir do movimento do grupo com os clientes, outras vezes, com os clientes e seus responsáveis e, outras, com os responsáveis. Nessa direção, o PIC mostrou-se como um outro caminho para se refletir acerca do Psicodiagnóstico enquanto uma modalidade voltada não apenas à investigação, compreendendo a ação clínica do psicólogo já como um modo de intervenção. Ainda, o PIC busca (des)construir a noção acerca do psicólogo enquanto detentor do saber, caminhando em direção a construção (com)partilhada, junto aos clientes e familiares, sobre a compreensão das experiências vividas. É nessa direção que a experiência de estágio se mostrou enriquecedora à formação profissional do estudante de Psicologia, principalmente no que se refere à proposição de outras modalidades de prática para além das que se debruçam no trabalho individual, possibilitando a ênfase no trabalho grupal, de modo que é possível ao profissional em formação a realização de uma práxis em articulação com demandas contextualizadas e com conhecimentos construídos durante a formação.

Palavras-chave: Formação, Estágio, Psicodiagnóstico interventivo colaborativo, Grupo.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**PSICOLOGIA, GRUPOS E FENOMENOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO
CONTEXTO DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO**

Jenair Alves da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Bolsista CNPq

Marinna Rezende de Lucena Marinho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cynara Carvalho de Abreu
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia no Brasil expressam a competência para coordenar e manejar processos grupais como um dos requisitos na formação do profissional de Psicologia. Logo, espera-se que as estruturas curriculares desses cursos contemplem disciplinas que abordem teorias sobre grupos e possibilidades de intervenções. No entanto, essa formação na graduação a partir da abordagem fenomenológico-existencial ainda aparece de forma discreta. Diante desse contexto, foi proposta, numa universidade federal, a oferta de um componente que abarcasse a atuação com grupos, a partir dessa perspectiva. Assim, objetiva-se aqui apresentar e refletir sobre a experiência formativa em uma disciplina com essa finalidade, intitulada “Psicologia, Grupos e Fenomenologia”, com 60 horas/aula e encontros semanais. Participaram onze estudantes de Psicologia, estando uma delas em mobilidade internacional oriunda da Suíça, todos com trajetórias de aproximação com a analítica existencial. Inicialmente, abordou-se conteúdos que proporcionaram discussão e reflexão sobre a conceituação de grupos, sua importância, tipos e modalidades, aproximações da fenomenologia heideggeriana à experiência clínica com grupos, o cotidiano psicoterápico (diálogo, conflitos, desfecho), formação e composição dos grupos, o papel do terapeuta nos grupos, a seleção e composição do grupo etc. Ademais, discutiu-se sobre duração e cobrança monetária das sessões grupais, contrato, entre outros assuntos que envolvem o psicólogo nessa atuação. Na segunda parte, realizou-se, a partir da técnica de role playing, dois grupos temáticos e um de psicoterapia, este com três sessões. Em cada grupo os estudantes se revezavam nos papéis de psicólogo e participante, ambos fictícios. Ao final da disciplina, e em função das estratégias didático-pedagógicas adotadas, foi possível refletir sobre a modalidade grupo como prática do profissional do psicólogo em diferentes contextos, relacionar a fenomenologia hermenêutica de Heidegger à experiência clínica com grupos, bem como refletir acerca da ética nessa atuação. Destaca-se também a oportunidade aos estudantes da experiência guiada na participação e na condução de grupos a partir dos pressupostos da analítica da existência. Conclui-se que a inserção de disciplinas semelhantes nos cursos de Psicologia pode se revelar fortalecedora da capacidade de trabalho com grupos, fomentando estudos e práticas na psicologia fenomenológico-existencial.

Palavras-chave: Grupos, Fenomenologia, Formação em Psicologia, Hermenêutica Heideggeriana.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**UM OLHAR INFANTIL: NARRATIVAS DE CRIANÇAS SOBRE A VIVÊNCIA DO
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL**

Manuella Bila de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Symone Fernandes de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Clara Maria Melo dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O Acolhimento Institucional consiste em uma medida protetiva, prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, de caráter provisório e excepcional, a ser aplicada nos casos em que não esteja sendo possível à família garantir os direitos básicos da criança ou adolescente sob sua responsabilidade. Sendo assim, o acolhimento acontecerá enquanto é avaliada a possibilidade de retorno dessa criança ou adolescente para a família de origem, buscando-se, para tal, o fortalecimento dos vínculos familiares. Caso o retorno não seja possível, ocorrerá a destituição do poder familiar e encaminhamento para a adoção, com posterior integração a uma família substituta. Esse trabalho é decorrente de uma pesquisa intitulada “Produções narrativas de crianças sobre a experiência de Acolhimento Institucional” que se encontra em andamento, com resultados preliminares. Percebe-se uma escassez, na produção científica sobre acolhimento, de trabalhos que tragam o olhar da criança sobre esse processo e, por isso, a pesquisa tem como objetivo compreender os sentidos atribuídos por essas crianças ao acolhimento. Assim, com base na fenomenologia hermenêutica heideggeriana, foram ouvidas cinco crianças que vivenciavam o processo de desligamento da Unidade para o retorno à família de origem, lançando a elas o convite de “olhar para trás” e, assim, narrar o vivido, a partir das disposições afetivas suscitadas, desde o momento em que elas souberam que seriam acolhidas até o retorno à família. Com base no círculo hermenêutico, é possível compreender que o acolhimento provoca uma mudança abrupta na história das crianças, rompendo com a medianidade cotidiana e colocando em questão significados e sentidos previamente estabelecidos, que envolvem os sentidos de habitar e cuidado. Compreendemos que as narrativas infantis podem desvelar facetas do fenômeno do acolhimento, permitindo-nos uma maior aproximação dessa experiência e fornecendo subsídios à intervenção neste campo.

Palavras-chave: Acolhimento, Criança, Fenomenologia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA POR
PSICÓLOGOS RESIDENTES.**

Mharianni Ciarlini de Sousa Bezerra
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Bolsista Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS)

Vera Engler Cury
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS)

A formação em serviço, proposta pelos programas de residência multiprofissional no Brasil, configura uma modalidade de educação interprofissional, caracterizada pela contínua interação de profissionais de diversas áreas para potencializar a aprendizagem mútua e a implementação de estratégias de cuidado ao paciente. As experiências propiciadas pelas ações que promovem integração entre o ensino e a dinâmica do trabalho em equipe, nos dispositivos de saúde, contemplam aspectos pouco vividos pelos profissionais durante seus cursos de graduação. Ao se voltar à temática da inserção de psicólogos nesse contexto de formação, esta pesquisa objetivou compreender a experiência subjetiva de psicólogos em fase de conclusão da especialização em regime de residência multiprofissional em saúde. Consistiu em pesquisa qualitativa exploratória com inspiração na fenomenologia husserliana, realizada por meio de encontros dialógicos entre a pesquisadora e seis participantes de três programas de residência multiprofissional de um município de São Paulo. A análise desses encontros deu-se a partir de narrativas compreensivas e de uma narrativa síntese que reuniu os elementos que compõem a estrutura essencial do fenômeno. Este trabalho apresenta e discute o principal elemento da experiência analisada, revelado pelas participantes ao voltarem a intencionalidade da consciência às vivências significativas desse processo: a transformação pessoal e profissional. A dinâmica de dedicação total à residência leva o profissional a uma imersão nos contextos de atuação que desafia seus limites, gerando sofrimento e cansaço, mas também autorrealização diante da superação dos desafios e reconhecimento de suas capacidades. Cada participante relatou vivências de aprendizagem autoiniciada em que assumiu a responsabilidade pelo próprio processo de capacitação no exercício profissional, identificando um compromisso diferenciado consigo e com a profissão, além de novos sentidos para o cuidado consigo, com o outro e com a profissão, socialmente mais implicada com métodos que visam à saúde integral. Essa realidade tornou-se propiciadora de transformação pessoal e profissional a partir da aprendizagem significativa que promoveu crescimento. Observou-se que cada encontro dialógico consistiu em campo fenomenológico experiencial que contribuiu para o desvelamento dos elementos subjetivos da experiência das participantes. Ao se apropriarem das particularidades dessa dinâmica de formação, evidenciou-se o processo de autoconhecimento proporcionado pela experiência como um todo.

Palavras-chave: Fenomenologia, Experiência de psicólogos, Residência Multiprofissional em Saúde.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA CLÍNICA NA CLÍNICA ESCOLA
DE FISIOTERAPIA DA FACISA/UFRN**

Caroliny Barbosa de Farias
UFRN/FACISA

Isabelly Cristina Soares de Oliveira
UFRN/FACISA

Luciana Fernandes de Medeiros
UFRN/FACISA

O estágio em psicologia clínica normalmente é realizado em serviços-escola através de práticas como plantão psicológico, acolhimento, psicoterapia, entre outras ações. Considerando a importância de ampliar o escopo de atuação do psicólogo clínico, algumas ações são realizadas em outros dispositivos de saúde. Assim, o presente trabalho tem como objetivo tecer algumas reflexões sobre a prática e a formação profissional a partir da experiência do estágio em psicologia clínica, sob a perspectiva fenomenológico existencial na Clínica Escola de Fisioterapia da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (Facisa/UFRN). Para isso, as estagiárias participam semanalmente de atendimentos psicológicos e acompanhamentos multiprofissionais na clínica de fisioterapia com alguns usuários, seus familiares e profissionais da fisioterapia. A clínica escola oferece tratamento fisioterapêutico em diversas especialidades, dispondo de espaços para atendimento individual e em grupo. A atuação das estagiárias se apresenta como espaço potencializador de cuidado e desvelamento das possibilidades de “ser-com” por meio do desenvolvimento de acolhimentos, plantões psicológicos, atividades interprofissionais e educação em saúde continuada para pacientes, cuidadores e comunidade em geral. Propõe-se um fazer clínico de compreensão fenomenológico existencial como uma possibilidade de cuidado e atenção ao cliente enquanto ser-no-mundo. O acompanhamento tem o intuito de auxiliá-lo a refletir e tornar explícito para si os sentidos atribuídos a suas dores, potencialidades e possibilidades negadas ou restritas. As estagiárias assumiram uma postura de compreender as relações de sentido atribuídas pelos usuários nas suas vivências com o processo de adoecimento, reabilitação e suas redes de significações, convidando-os a apropriarem-se do seu cuidado e sua existência. A experiência de estágio em questão, consolida a premissa de que práticas pautadas numa psicologia clínica podem ser efetivadas em settings diferenciados e compartilhados com outras profissões. O fazer saúde numa clínica ampliada, a partir de uma postura fenomenológica, abre horizontes para um acolhimento mais reflexivo, humanizado e não estigmatizado, favorecendo a compreensão de que a atuação profissional em psicologia deve se entrelaçar com a concepção de poder-ser dos sujeitos humanos em seus processos de saúde.

Palavras-chave: Experiência de Estágio, Fenomenologia Existencial, Formação Clínica.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**UMA PESQUISA FENOMENOLÓGICA SOBRE SUICÍDIO: IMPLICAÇÕES ÉTICAS E
EXISTENCIAIS DO PESQUISADOR**

Elizabeth Avelino Rabelo
Universidade de São Paulo
Bolsista CNPq

Uma premissa básica da tradição fenomenológica é a evidenciação da interação radicalmente originária entre o ser e seu mundo circundante. Na pesquisa fenomenológica, um modo de manifestação dessa interação é na relação entre pesquisador e objeto de pesquisa, de forma que o rompimento com a ideia de neutralidade inaugura implicações decisivas para o desenvolvimento da pesquisa. O objetivo da presente comunicação é compartilhar questões que emergiram na experiência de uma pesquisa sobre suicídio, a qual teve como finalidade a análise fenomenológica de cartas deixadas por pessoas que se mataram. Quatro elementos marcaram o processo de pesquisa: 1) a busca de acesso às cartas; 2) O primeiro contato do pesquisador com o material de pesquisa; 3) O impacto vivido pelo pesquisador diante de histórias de suicídio; 4) E a imersão e descrição compreensiva de histórias de suicídio. Diante desses elementos e de um modo fenomenológico de condução da pesquisa, surgiram duas convocações ao pesquisador. A primeira envolve a admissão de uma fala em primeira pessoa diante que está sendo pesquisado. A segunda convocação diz respeito ao chamado ético de cuidado, respeito e acolhimento a experiências de extrema fragilidade humana. Para concluir, e agora assumindo uma fala em primeira pessoa, senti-me invadindo histórias profundamente íntimas, e tal sentimento me conduziu ao reconhecimento de que não basta uma autorização institucional formal para acesso a histórias de suicídio, intimando-me a assumir uma postura ética diante de cada pessoa que respondeu à vida matando a si mesma. O “nós” formado entre mim e cada pessoa que se matou desencadeou um processo irreversível de quebra de preconceitos sobre suicídio e de questionamentos sobre minhas próprias ligações com a vida como um todo, do meu nascer ao meu morrer. O suicídio é um tema difícil de entrar, ficar e sair. O entrar requisitou uma abertura de adentrar em um universo estranho, o ficar solicitou a disponibilidade de sustentar experiências de profunda dor e fragmentação, e o sair exigiu um movimento de afirmação do ethos nascido do encontro entre duas subjetividades e a reconstrução reconciliatória do pesquisador tanto do objeto de estudo quanto de si mesmo.

Palavras-chave: Fenomenologia, Suicídio, Ética.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**VERSÕES DE SENTIDO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE PSICOLOGIA HUMANISTA**

Patrícia Regina Bueno Incerpe
Faculdades Integradas Einstein de Limeira

A ciência positivista é marcada pela adoção do método científico como aplicado às ciências naturais, em todas as áreas do saber, incluindo a Psicologia. Entretanto, na perspectiva Husserliana, não se pode simplesmente transpor o mesmo método utilizado nas ciências naturais à Psicologia, pois seu objeto é de natureza distinta do objeto das ciências naturais, exigindo um método próprio de investigação. Durante a graduação em Psicologia, observa-se uma dificuldade por parte dos alunos em compreender os pressupostos teóricos das abordagens que foram influenciadas pela Fenomenologia. Diante disso, pretende-se apresentar a experiência do uso de versões de sentido como instrumento facilitador do processo de ensino-aprendizagem durante uma disciplina de Psicologia Humanista. A versão de sentido é um instrumento fenomenológico-existencial utilizado no acompanhamento reflexivo de atendimentos terapêuticos, atividades educativas e docentes. Ao final de cada aula, a docente pediu aos alunos que escrevessem um relato livre e espontâneo a respeito da experiência que viveram. Olhar para aquilo que o aluno está sentindo parece algo simples, mas que contém grande potencial para a elaboração do significado, algo incomum nas aulas, geralmente focadas no conteúdo. Após a leitura das primeiras versões, ficou evidente que os alunos fizeram uma descrição mecânica daquilo que havia sido discutido em aula, além de expressarem as dificuldades em escrever em primeira pessoa e entrar em contato com o que estavam sentindo, o que pode ser explicado pelo antagonismo entre o aporte teórico predominante no curso de Psicologia, tradicionalmente cientificista, e a proposta de caráter compreensivo adotada. Ao longo do semestre, os alunos passaram a incluir as suas vivências, destacando as situações mais significativas, além de impressões e sentimentos. O uso das versões de sentido atrelado ao clima facilitador oferecido pela docente, possibilitou o favorecimento de um processo contínuo de aprendizagem, com foco nos alunos e na maneira como eles vivenciam as suas experiências em sala de aula, de modo a se tornarem conscientes e autônomos no processo de ensino-aprendizagem, além de contribuir para a avaliação das estratégias de ensino empregadas. Espera-se que este trabalho promova discussões e contribua para a prática de docentes que atuam em cursos de graduação em Psicologia.

Palavras-chave: fenomenologia, versões de sentido, formação do psicólogo, relato de experiência.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

VIVÊNCIAS DE PACIENTES COM DOR CRÔNICA NÃO ONCOLÓGICA: UM ESTUDO CLÍNICO-QUALITATIVO

Daniela Dantas Lima
Universidade Estadual de Campinas
Bolsista Capes

Egberto Ribeiro Turato
Universidade Estadual de Campinas

Uma dor que dure mais de três meses é considerada incapacitante e afeta vários níveis de atividade do sujeito, bem como sua interação social e, conseqüentemente, seu bem-estar. Assim, a dor crônica como processo de adoecimento não pode ser entendida como necessariamente localizada em determinada parte do corpo: ela se relaciona com um conjunto de dificuldades físicas, psicossociais, espirituais e sociais. O objetivo deste estudo foi compreender, do ponto de vista psicológico, os significados atribuídos por pacientes não oncológicos, em tratamento especializado, a suas experiências pessoais com a dor crônica. Foi utilizado o método clínico-qualitativo, por meio de entrevistas semidirigidas de questões abertas, realizadas em ambulatório especializado de hospital universitário na região sudeste do Brasil. A amostra de sujeitos foi concluída pelo critério de saturação e os dados foram tratados nos seguintes passos: transcrição na íntegra das entrevistas, releituras flutuantes para desvelar núcleos de sentidos nas falas dos entrevistados, categorização em tópicos para discussão e análise qualitativa de conteúdo. A análise revelou cinco categorias dentre as 16 entrevistas consideradas: 1. Metáforas como expressão do sentido particular; 2. Resignação à fatalidade; 3. O encontro entre corpo e mente; 4. A satisfação com o tratamento apesar de sua limitação; 5. Dores além da dor crônica. As falas dos indivíduos destacam dores adicionais que eles experimentam em seu processo de adoecimento e sua necessidade de que as particularidades de seu sofrimento sejam valorizadas. Para além das críticas à visão unidirecional da intervenção biomédica e das limitações já conhecidas dos tratamentos de dor crônica, os pacientes deste estudo demonstram receber no ambulatório alguma atenção também às suas questões simbólicas. Acreditamos que essa atenção contribui para o sucesso do procedimento, reforçando a ideia de que a compreensão do contexto do paciente no momento dos atendimentos e o acolhimento de sua expressão podem ser atitudes positivas para a evolução do tratamento, pois o contexto de vida e a expressão do indivíduo também são aceitos como demandas e manejados adequadamente.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa, Dor crônica, Ambulatório hospitalar, Estresse psicológico, Meio social.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

VIVÊNCIAS DE PESSOAS AUTISTAS ADULTAS EM SEUS RELACIONAMENTOS

Gisella Mouta Fadda

Bolsista Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

O comprometimento na comunicação e interação social constitui-se um elemento central na caracterização do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), que associado a comportamentos repetitivos e estereotipados formam a descrição diagnóstica do quadro de autismo. Esse comprometimento influi na forma como a pessoa autista percebe a si mesma e ao mundo circundante e, por consequência, como se relaciona com os outros, gerando grandes desafios e sofrimento, mas também possibilidades de superação por meio da relação intersubjetiva. Ainda que o tema do autismo esteja sendo pesquisado fortemente nos últimos anos, continua sendo um território pouco conhecido, especialmente na fase adulta. Assim, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa com enfoque fenomenológico que visou compreender as vivências de pessoas autistas adultas em seus relacionamentos, objetivando desvelar modos singulares de sofrimento socialmente contextualizados. Foram realizados encontros dialógicos com quatro adultos previamente diagnosticados como autistas em diferentes graus de gravidade no espectro. O foco dos encontros foi a dimensão relacional que se constituiu entre a pesquisadora e o participante a fim de se aproximar do fluxo experiencial do participante e compreender empaticamente a experiência vivida, sem a ocorrência de qualquer tipo de gravação ou registro durante o encontro. Após cada encontro individual, a pesquisadora redigiu uma narrativa compreensiva para registrar tanto os significados subjetivos das vivências quanto o mundo da vida percebido na relação. Posteriormente, foi construída uma narrativa-síntese contendo elementos constitutivos da estrutura essencial dessa experiência. A análise desse material encontra-se em andamento, entretanto, algumas considerações parciais podem ser observadas, a seguir: a possibilidade de abertura ao outro como consequência de um contato que lhes seja significativo, mesmo nos casos mais graves de autismo; a necessidade de apoio emocional para viverem em um mundo que muitas vezes lhes é incompreensível; a importância de um diagnóstico precoce para ajudá-los a se desenvolverem a partir de seus próprios modos peculiares de ser e a aspiração de serem aceitos como são e de conseguirem independência e autonomia. Espera-se poder contribuir com novos sentidos e reflexões para uma atenção psicológica clínica condizente com a singularidade da experiência das pessoas autistas.

Palavras-chave: Autismo, Adulto jovem, Psicologia clínica, Pesquisa qualitativa, Fenomenologia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

SESSÃO TEMÁTICA – DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

**A EXPERIÊNCIA DE SER PROFESSOR DE PSICOLOGIA EM UMA ESCOLA TÉCNICA
DE ENFERMAGEM: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS**

Alisson de Oliveira Santos
Instituto de Ensino e Cultura - IEC

Ana Andréa Barbosa Maux
Centro Universitário Facex - UNIFACEX

A docência é um dos diversos campos de atuação nos quais o psicólogo se insere e que se apresenta com estruturas e pré-definições de como habitá-lo, movimentando o docente a um estado a priori de estar professor. Ao psicólogo que tem difundida a compreensão de que irá repassar um modo prático de estar com outro, a experiência de habitar esse lugar tem gerado reflexões inquietantes. O presente relato tem por base a experiência de ser professor de psicologia em uma escola técnica de enfermagem e objetiva apresentar reflexões a partir das afetações que estar nesse lugar tem gerado. Pensar a docência como espaço de construção é permitir emergir elementos que se formulam a partir da relação professor-aluno, demonstrando o modo de habitar possível para o momento. O fazer diário do professor está imerso em uma atmosfera marcada pelo aspecto técnico, que tenciona o modo de ser para um modelo sedimentado em bases que, paradoxalmente, não favorecem a reflexão, apresentando-se como a busca pelo estabelecimento de um como fazer. Perceber-se como um tecnicista, no momento em que há o interesse de lançar mão de um desvelamento de conhecimento a partir da técnica, destaca-se com fenômeno que permitiu ratificar o que Heidegger estabelece por pensamento calculante, como uma busca por controle e predição. Defrontar-se com este fenômeno leva a pensar no seu si mesmo e seu papel na formação dos alunos. Pensar o ofício de ser professor num curso de enfermagem pode ser descrito como uma asfixia do fluxo reflexivo sobre o existir e favorece o reconhecimento do cotidiano como algo que distancia a existência e acaba instituindo a produção de respostas técnicas já previamente calculadas e impostas como verdadeiras. Faz-se pertinente partir dessas afetações e pensar no fazer de um docente num curso planejado para profissionais que tem no seu ofício a possibilidade de voltar sua atenção ao enfermo de maneira afetiva e reflexiva, ao invés de tão somente técnica e coisificante.

Palavras-chave: Docência, Afetação, Formação.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**A INTENCIONALIDADE DA CONSCIÊNCIA HUSSERLIANA, A LIBERDADE PARA
APRENDER ROGERIANA E O AUTOCUIDADO DISCENTE**

Ciro de Almeida Sampaio
ING - Instituto Natalense de Gestaltterapia

A interlocução entre a intencionalidade husserliana e a visão rogeriana no âmbito educacional desponta uma possível interseção que favoreça uma prática pedagógica em prol do autocuidado discente na contemporaneidade, que integre uma concepção fenomenológica e rogeriana na corresponsabilidade discente pelo próprio processo de ensino-aprendizagem. O objetivo do presente estudo teórico foi o de, em uma breve introdução, verificar como ocorre a interlocução entre a fenomenologia existencial e a prática pedagógica explorada por Carl Rogers no âmbito educacional, identificando uma interseção de perspectiva didática consoante uma visão de mundo e de homem que convirjam ao autocuidado discente. Para tanto, o presente estudo foi estruturado de forma a se conhecer os conceitos e práticas pedagógicas que circunscrevem a perspectiva rogeriana, considerando um olhar fenomenológico em uma chance de diálogo aberto, de forma a reconhecer um repertório de atuação acadêmica pautada na obra de Carl Rogers “Liberdade para Aprender” que pudesse considerar contribuições da intencionalidade da consciência husserliana, no processo de ensino-aprendizagem. Considerou-se, então, o intrínseco potencial discente apontado pelas contribuições de Carl Rogers em sua obra, em possível interseção com a fenomenologia existencial. Sob metodologia de exploração bibliográfica, elucidou-se o objetivo e resultados do presente estudo teórico. Verificou-se uma interlocução possível entre a intencionalidade da consciência no âmbito da fenomenologia existencial husserliana e a autogestão na ‘Liberdade para Aprender’ de Rogers, de forma a possibilitar um olhar mais atento sobre como se dá o autocuidado discente no processo de ensino-aprendizagem. Considerando a demonstração de que a interlocução é possível, o presente estudo teórico evidencia como resultado uma perspectiva pedagógica que integre o autocuidado discente, consoante interlocução prático-pedagógica entre a fenomenologia existencial e a visão de homem e de mundo rogeriana.

Palavras-chave: Autocuidado Discente, Ensino-Aprendizagem, Fenomenologia, Intencionalidade, Rogers.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**A MONSTER CALLS: O MONSTRO EXISTENCIAL CONFIGURADO PELA
PSICOTERAPIA**

Daniela Dantas Lima
Universidade São Francisco

O filme *A monster calls* apresenta a experiência de Conor O'Malley, um garoto de 13 anos convivendo com os últimos dias de vida de sua mãe, que padece de um câncer em estágio avançado. Não conta com amigos e na escola é maltratado pelos colegas. Seu pai é uma figura ausente, restando a avó rígida e autoritária como única possibilidade de contato afetivo. Para agravar seu sofrimento passa a receber todas as madrugadas a visita de uma árvore, com aparência monstruosa, que lhe conta algumas histórias em troca de ouvir o que tem a contar o próprio menino ao final dos encontros. A cada uma de suas aparições o monstro cobra ao garoto: “conte-me sua história!”. Nessa fase Conor está vivendo o auge do seu desamparo e reagindo à sua realidade de forma agressiva e desesperada. Desse modo, a presença do pesadelo configura-se como mais uma fonte de angústia, já que mesmo com toda sua sabedoria e poder a árvore não oferece nenhuma possibilidade de resolução à situação do menino, ao contrário, cobra-o que reflita sobre si mesmo. Sob essa perspectiva, pode-se perceber a atuação do antagonista da trama com o papel de um psicoterapeuta de referencial fenomenológico-existencial, ao negar qualquer alternativa mágica de cura para a mãe e afirmando a possibilidade de superação do que é vivido pelo garoto a partir do contato com a realidade em si. A presença do monstro pode configurar também como a tendência à atualização, forçando-o a expressar sua “verdade interna” e oferecendo-o uma possibilidade de reorganização. Através das histórias trazidas pela árvore, percebe-se o questionamento de verdades culturais e sobre a natureza humana, assim como também é comum acontecer em psicoterapia. Quando Conor finalmente conta sua história, fala do seu grande temor e expressa sua fragilidade, cai em um precipício, mas ao invés de morrer, é salvo pelo monstro e desperta para o contato final com a mãe e sua nova configuração de vida. Pode se dizer então que o filme ilustra o caminho árduo que é olhar para si, provavelmente ilustrando fases dos caminhos de muitos no processo psicoterapêutico.

Palavras-chave: Psicoterapia fenomenológico-existencial, Luto, Sofrimento emocional, Vivência.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**ATENDIMENTO MULTIPROFISSIONAL A CRIANÇAS COM MICROCEFALIA: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB OLHAR DA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL**

Caroliny Barbosa de Farias
UFRN/FACISA

Isabelly Cristina Soares de Oliveira
UFRN/FACISA

Em decorrência do surgimento do vírus Zika (ZIKV) no Brasil, houve uma alta prevalência de casos de microcefalia e/ou alterações do sistema nervoso central em bebês. Tais alterações neurológicas comprometem diferentes áreas funcionais: motora, sensorial, perceptiva, proprioceptiva, linguística, cognitiva, emocional e social. Para tanto, tornam-se necessários esforços em nível de intervenção precoce sobre as crianças acometidas. Nessa direção, este trabalho consiste em descrever a experiência com um grupo de crianças com microcefalia associada a Síndrome Congênita do ZIKV e seus cuidadores, em equipe multiprofissional, com destaque para a atuação da Psicologia sob o enfoque fenomenológico-existencial. As ações interdisciplinares acontecem duas vezes por semana na Clínica Escola de Fisioterapia da FACISA, e reúne 05 crianças participantes. Práticas de estimulação sensório-motora com vista a que as crianças, conforme seu ritmo, pudessem agir sobre o seu mundo, a partir do que lhes é próprio. Nesse cenário, o outro é imprescindível para o processo de saúde-doença, tendo a figura dos cuidadores como principais responsáveis por oferecer um mundo interativo e com sentidos para as crianças. Assim, o trabalho de estimulação permite minimizar impactos relacionados ao desenvolvimento da criança, fortalece os vínculos e gera sensibilização dos pais, familiares e cuidadores sobre as potencialidades da criança que precisa ter respeitado seu ritmo funcional. O papel interativo no cuidado é ressaltado no acompanhamento, “cuidado” esse que expressa a característica ontológica da existência de já ser, desde sempre, abertura de mundo, independente de uma condição de síndrome. Dessa forma, o grupo trabalha com discussões acerca das dificuldades que a família possa enfrentar com o acometimento da deficiência, oferecendo apoio, orientações e promovendo, assim, a melhor qualidade de vida da criança. Enquanto existente, a criança com microcefalia tem necessidades específicas e lida com um horizonte restrito que deve ser aberto, livre e inclusivo para explorar suas possibilidades de poder-ser. Nesse sentido, a psicologia fenomenológica-existencial tem muito a contribuir a partir da tentativa de compreender o que a criança com microcefalia apresenta em seu mundo.

Palavras-chave: Microcefalia, Criança, Equipe Multiprofissional, Fenomenologia-existencial.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

ESPAÇO URBANO, IDEAL DO EU, DIFERENÇA E ALTERIDADE

Washington Ramos dos Santos Junior
Universidade de São Paulo/Universidade Estadual do Centro-Oeste

Este trabalho tem por objetivo contar o processo de evolução urbana da Barra da Tijuca e compreender como se constituiu a subjetividade dos seus moradores. Datam da década de 1960 os primeiros projetos de ocupação de toda a Baixada de Jacarepaguá, durante um momento de profundas transformações, no Brasil e na cidade do Rio de Janeiro. Para ‘racionalizar’ essa ocupação, foi chamado o mesmo urbanista de Brasília e, embora o Plano Lucio Costa não mencione a palavra condomínio, essa foi a forma que se consolidou na moradia do bairro desde a década de 1970. O condomínio se tornou o modelo desejado de moradia e, ao longo do tempo, esteve associado ao consumo e à idealização, marcas da forma construída no bairro, uma vez que há diversos shoppings e a cenografia se tornou uma referência em alguns empreendimentos. Essa idealização está presente tanto no discurso de moradores quanto no estereótipo criado para eles, o do emergente, novo-rico. Contudo, o comportamento desses emergentes muitas vezes se confunde com o da chamada elite tradicional moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro. Talvez percebamos uma distinção cultural na classe alta e na classe média, de um ideal europeizado para um ideal americanizado. A subjetividade da Barra da Tijuca assumiu a forma do condomínio, que decorre fundamentalmente do Ideal do eu regressivo que propicia a relação imaginária especular do sujeito com o outro, uma relação reflexiva que anula a diferença, dando origem à mimese e ao narcisismo das pequenas diferenças. Assim, propomos que a alteridade é justamente propiciada pela distância entre Ideal do Eu e Eu ideal, já que, se esta for ilusoriamente preenchida, o sujeito sequer é capaz de vislumbrar a diferença, uma vez que subordina o Outro ao seu discurso (emergente, novo-rico etc). Nesse sentido, por um lado, o comportamento do morador da Barra da Tijuca tende a anular a diferença, uma vez que busca a fusionalidade com o do morador da Zona Sul; e, por outro, ao assumir um Ideal do eu regressivo, cuja identidade está fundamentada no grupo, tende a anular a alteridade.

Palavras-chave: Espaço urbano, Ideal do Eu, Barra da Tijuca, Diferença, Alteridade.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

IDEAL DO EU E MITOLOGIA: CRONOS, BABEL, ULISSES

Washington Ramos dos Santos Junior
Universidade de São Paulo/Universidade Estadual do Centro-Oeste

Neste trabalho, propomos a vinculação do Ideal do Eu a dois mitos, o de Cronos e o de Ulisses, com o objetivo de avaliar processos psíquicos de individuação e de amadurecimento. A existência de duas gerações divinas antes da ordem definitiva do universo trazida por Zeus, pelos olímpicos, representantes da terceira geração, decorre, acreditamos, da temporalidade que culminará no patriarcado representado por este. Na primeira geração, o filho castra o pai; na segunda, o pai engole, castra, fusiona os filhos – cabe ressaltar aqui que estamos tratando da mesma entidade mitológica, Cronos, que personifica tanto o filho libertador quanto o pai castrador. Se em um primeiro momento acreditamos tratar-se de um estratagema da Grande Mãe para subordinar marido e filho à sua vontade, já que eles permaneciam no ventre de Geia (indiferenciação; retorno ao útero materno), no segundo momento propomos tratar-se de falta de castração do próprio Cronos, que, ao se fundir aos filhos, não encontra limites a si próprio, e Zeus encarna, justamente, esse destronamento, essa castração. No primeiro momento, temos o Ideal do Eu regressivo que se funde à mãe; no segundo momento, temos o Ideal do Eu regressivo que coloca o sujeito na posição de poder absoluto (negação da alteridade), como no caso, por exemplo, do líder da grande massa – a única substituição possível para a onipotência infantil é a de reinar. Ulisses é por nós vinculado a um Ideal do Eu maturativo, já que o herói não abdica do desejo de retornar a Ítaca, mas se vê, no percurso, permanentemente obrigado a lidar com a diferença e a alteridade; aliás, devemos ressaltar que é justamente o reconhecimento da alteridade, do Outro, que possibilita a trajetória de Odisseu. Por fim, cabe ressaltar que no mito de Babel a autopercepção como povo escolhido por Deus possibilita o processo de individuação dos judeus, funcionando possivelmente como uma identidade entre Eu ideal e Ideal do Eu.

Palavras-chave: Ideal do Eu, Cronos, Babel, Ulisses, Mitologia.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA COM CRIANÇAS EM ACOLHIMENTO
INSTITUCIONAL: ATRAVESSAMENTOS FENOMENOLÓGICOS POSSÍVEIS**

Ingrid de Carvalho Lavor
UFRN

A pesquisa surge da problemática das histórias de vida das crianças no acolhimento institucional, marcadas por rupturas e descontinuidades, que demarca a criança como sujeito menos ouvido nesse contexto. Assumimos o olhar dos estudos interdisciplinares da infância, aproximando-se da sociologia da infância, que defende a criança como ponto de partida para investigações científicas. A pesquisa visa compreender de que forma as crianças significam a experiência do acolhimento institucional em suas histórias de vida, antes do acolhimento, durante a experiência e suas expectativas futuras de vir-a-ser após essa experiência. É um estudo qualitativo, compreensivista, na perspectiva metodológica da abordagem (auto) biográfica, que entende que o narrativo é a forma de discurso que mantém a relação mais direta com a temporalidade da existência humana. Contamos com a participação de 6 crianças na unidade de acolhimento II, de 7 a 13 anos, em Natal-RN. Etapas em campo: a) Observação participante; b) “Conversas com as crianças”: momentos mediados por recursos lúdicos co-construídos: a) “Caixinha de memórias” referente as experiências anteriores; b) HQ – História em quadrinhos, no tocante ao estar em acolhimento; c) “Cartas para o futuro” que se refere ao projetar-se no tempo. Somando-se a esses, também foram escritas cartas para o juiz da vara de infância, como fechamento. Após etapa em campo, trabalhamos com as narrativas a partir de uma análise temática de conteúdo, estabelecendo a composição de algumas categorias temáticas decorrentes de unidades de sentido. Para este trabalho, no entanto, fizemos um recorte e as reorganizamos de modo a dialogar com a fenomenologia existencial, destacando cinco grandes temas: “relações de cuidado”, “habitar”, “pessoalidade, autonomia e oportunidades” “voz e direito a participação”, “a criança como ser-no-mundo”. Por fim, destacamos a capacidade da criança de falar sobre si e a importância de pesquisas realizadas com elas e não apenas sobre elas, além da relevância de estudos que possibilitem para a criança, organizar suas histórias de vida, a despeito do caos que possa se estabelecer nos mais diversos contextos que habitam. Defendemos aqui, portanto, a possibilidade de poder-ser pertencente a infância e às crianças.

Palavras-chave: Criança, Acolhimento institucional, Histórias de vida.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**REFLEXÕES DA OBRA O ESTRANGEIRO À LUZ DA PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL HEIDEGGERIANA**

Lucas Matheus de Lima Silva
Universidade Potiguar

Maria Eduarda Delgado Silva
Universidade Potiguar

Délio Henrique Delfino de Oliveira
Universidade Potiguar

Este estudo apresenta uma análise fenomenológico-existencial da obra *O Estrangeiro* do autor franco-argelino Albert Camus. O livro foi publicado no ano de 1942 e até o momento desperta fascínio e interesse de quem o lê. Esta obra conta a história de Mersault, um funcionário de escritório, que um dia após o enterro de sua mãe, que foi presenciado com certa indiferença, encontra e enamora-se de uma ex-colega de trabalho. Ao longo da trama ele compromete sua liberdade ao ser preso devido a um assassinato que cometera, crime esse que ocorre por ter se envolvido em uma vingança de um desenlace amoroso de seu amigo Raymond. Explicando o que lhe motivou a cometer o ato, afirma ter sido devido ao forte sol que fazia no dia em questão. Após ser condenado a ter sua cabeça cortada em praça pública, Mersault passa por uma série de questionamentos sobre sua existência. Partindo dessa síntese literária, este estudo tem por objetivo compreender o Dasein enquanto ser de abertura que exerce o ser-aí junto aos outros e lançado no mundo. Para isso, pretende-se discutir os aspectos da propriedade e impropriedade nos modos de se relacionar no ser-com; compreender a noção de cuidado heideggeriano enquanto modo de exercer o existir; refletir o ser-para-morte como abertura para angústia, sofrimento existencial e outras possibilidades do Dasein. Para o pensamento heideggeriano, o existir do Dasein está em jogo a partir do momento em que ele é lançado no mundo, sendo assim, são variados os modos de estabelecer as relações sociais e vivenciar os desdobramentos do como este ente escolhe cuidar do seu existir. Mersault vive a sua história em indiferença e isso provoca o leitor, pois em alguns momentos ele rompe com comportamentos e padrões que são consideradas fundamentais na sociedade, como o lidar com a morte e sentimentos dos outros. Conclui-se que analisar uma obra literária permite compreender alguns aspectos do Dasein, pois o personagem Mersault é convocado a refletir o seu ser e suas possibilidades para o existir, em alguns momentos de angústia, e isso permite a expansão da compreensão do humano para outras possibilidades do ser.

Palavras-chave: Cuidado, Estrangeiro, Heidegger, Literatura, Ser-no-mundo.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**UM ENCONTRO COM O AUTISMO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA CONTADA SOB O
ENFOQUE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

Isabelly Cristina Soares de Oliveira
UFRN

O autismo é um transtorno grave e crônico que compromete o desenvolvimento psiconeurológico, social e linguístico de uma criança e se manifesta tipicamente antes do terceiro ano de vida. Embora cada caso seja único, a criança com transtorno de espectro autista (TEA) normalmente apresenta reações anormais a sensações como ouvir, ver, tocar e sentir. A relação da pessoa com o mundo começa pela percepção, os sentidos. Geralmente, uma criança com autismo não responde e não interage, e essa inexpressividade dificulta a apreensão de suas emoções. Torna-se necessário promover possibilidades de interação entre o mundo da criança autista e o mundo que a cerca. Para tanto, a compreensão fenomenológica dos sentidos e significados busca entender essa relação. O estudo trata de um relato de experiência de uma estagiária de Psicologia ao longo de acompanhamento interprofissional infantil, com uso de práticas de estimulação sensorial fundamentada no olhar fenomenológico-existencial. Foram realizados 05 encontros com uma criança de 4 anos, cujo nome fictício optou-se por Olívia. Os atendimentos aconteceram em diversos settings, como a Clínica Escola de Fisioterapia da FACISA, sala de ludoterapia do Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA) e o jardim. A criança chega ao serviço acompanhada da mãe cujas queixas foram choro intenso sem motivo, o comportamento agressivo, dificuldade de interação com outras crianças e comprometimento na comunicação. A partir da necessidade de compreender os sentidos para o aparecimento de tais fenômenos, foi realizado um acompanhamento por equipe multiprofissional, com destaque a prática clínica fenomenológica-existencial. Os atendimentos consistiram em oferecer estímulos ao seu brincar, como objetos de diferentes texturas, formatos, sons, cores, elementos da natureza no setting, facilitando a interação dos sentidos da criança autista por meio do brincar. Respeitando as suas necessidades sensoriais, os estímulos disponíveis permitiram a criança experienciar novas possibilidades no seu campo existencial, por meio de um mundo permissivo e aberto para a criança com deficiência ser aquilo que ela é. Nesse sentido, foi imprescindível dedicar um olhar para as potencialidades da criança, desvinculando de noções determinísticas que a restringem, mas voltando-a ao seu poder-ser, de modo a ajudá-la a superar dificuldades e desenvolver novas habilidades.

Palavras-chave: Autismo, Atendimento infantil, Estimulação sensorial, Fenomenologia-existencial.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

VIVÊNCIAS DE ESTAGIÁRIOS SOBRE A PRÁTICA DE FISIOTERAPIA
NEUROFUNCIONAL

Nadini Brandão de Sousa Takaki
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)
Bolsista (PUC-Campinas)

Vera Engler Cury
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

A relação profissional-paciente possui diversas facetas que interferem na adesão ao tratamento e no prognóstico do quadro clínico. A Fisioterapia Neurofuncional é uma área de atuação voltada à prevenção e ao tratamento de disfunções do Sistema Nervoso que apresenta peculiaridades no que se refere ao manejo e contato com o paciente por parte do fisioterapeuta. O objetivo deste estudo foi apreender fenomenologicamente os significados atribuídos por estagiários de Fisioterapia à atuação em Neurologia. Foram realizados encontros intersubjetivos com seis estagiários do terceiro ao quinto ano da graduação. Os encontros tiveram duração média de 1h30 e ocorreram nas dependências de um ambulatório de Fisioterapia em horários previamente agendados com os participantes. Após cada encontro, a pesquisadora registrava suas impressões imediatas e este material deu origem a narrativas compreensivas. Ao final, foi elaborada uma narrativa-síntese que visou captar os elementos invariantes da experiência investigada. Foram percebidas dificuldades no que se refere ao manejo do paciente e, principalmente, a comunicação com este. Embora sintam-se afetivamente sensibilizados e comprometidos com seus pacientes, os estagiários vivenciam ambivalência ao desempenhar funções que extrapolam o papel do fisioterapeuta. Percebem o peso da responsabilidade que lhes cabe em relação à preservação da saúde e da qualidade de vida dos pacientes, além de terem que comunicar o prognóstico e prestar orientações ao paciente e a seus familiares. A prática da fisioterapia na área neurológica é vivenciada pelos estagiários como uma experiência muito angustiante em função de sentimentos de impotência diante da aparente ausência de resultados positivos ou até pela piora do quadro clínico, nos casos de doenças degenerativas. Eles tendem a associar suas intervenções de um modo geral como reabilitadoras, mas nesses casos isto não acontece. A dificuldade em aceitar os limites impostos pela condição do paciente é significada como fracasso profissional, pois a formação do fisioterapeuta está pautada no modelo médico que prioriza a cura. Este estudo apontou a necessidade de reformulações na formação a fim de ampliar o cuidado em saúde para além de uma visão reabilitadora e que leve em consideração os aspectos emocionais envolvidos na relação com os pacientes.

Palavras-chave: Pesquisa fenomenológica, Narrativas, Relação profissional-paciente, Fisioterapia neurofuncional.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

SESSÃO TEMÁTICA – PRÁTICAS FENOMENOLÓGICAS, VIOLÊNCIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

ATENDIMENTO A MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: A EXPERIÊNCIA DE PROFISSIONAIS DE UM CREAS

Patrícia Regina Bueno Incerpe
Faculdades Integradas Einstein de Limeira

Vera Engler Cury
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

A violência contra a mulher é considerada uma questão de saúde pública e de direitos humanos e trata-se de um fenômeno que atinge um número considerável de indivíduos e famílias, gerando alta demanda de atendimento. Embora as discussões e as medidas de proteção e tratamento tenham se intensificado, a violência contra a mulher ainda permanece como um fenômeno invisível e subnotificado. Diante desse cenário, esta pesquisa objetivou compreender a experiência de profissionais que atendem mulheres em situação de violência em um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Consistiu-se em uma pesquisa qualitativa de natureza fenomenológica embasada nos princípios formulados pelo filósofo alemão Edmund Husserl. A pesquisadora realizou encontros dialógicos individuais com seis participantes, que incluíram psicólogas e assistentes sociais, todas mulheres. Os encontros foram iniciados com uma questão norteadora relacionada ao tema da pesquisa, possibilitando às participantes discorrer livremente sobre suas próprias experiências. Após cada encontro, a pesquisadora construiu uma narrativa compreensiva a partir das suas impressões sobre a experiência de cada participante. Concluída esta etapa, foi elaborada uma narrativa síntese contendo os elementos significativos da experiência como um todo, a fim de se aproximar da estrutura essencial do fenômeno. Os elementos constituintes da experiência em pauta foram os seguintes: (1) as participantes percebem que alguns profissionais da rede de atenção à mulher reproduzem atitudes preconceituosas que contribuem para a vitimização das usuárias; (2) as participantes não se percebem como protagonistas nas tomadas de decisão por parte da instituição e, em decorrência, sentem-se frustradas e impotentes; (3) as participantes desenvolvem atitudes de empatia e identificam-se pessoalmente com as histórias vividas pelas mulheres em situação de violência e (4) nos atendimentos às mulheres, as participantes sentem-se solitárias em função da rede de atendimento não se mostrar efetiva na prática; apesar disto, valorizam o trabalho que desenvolvem. Ressalta-se a importância de estudos interdisciplinares que busquem compreender a experiência de profissionais, usuárias e autores de violência, no cotidiano das diversas instituições que compõem a rede de assistência à mulher em situação de violência, de forma a possibilitar a superação dos problemas apontados nesta pesquisa e o aperfeiçoamento das políticas públicas.

Palavras-chave: violência contra mulher, fenomenologia, narrativas, psicólogos, assistentes sociais



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

FENOMENOLOGIA CRÍTICA - SAÚDE MENTAL, INFÂNCIA E JUVENTUDE

Heloisa Yzumida
Sedes Sapientiae

Maíra Mendes Clini
Sedes Sapientiae

Lívia Mandes Miyasato
Sedes Sapientiae

Daniele Elisa França Jardim
Sedes Sapientiae

Rafael Yoles
Sedes Sapientiae

A partir da experiência de coordenação de grupo de adolescentes em um CAPS Infanto- Juvenil, o presente trabalho se propõe a refletir sobre o fazer do psicólogo enquanto uma prática político-social. O serviço de saúde, no qual tal experiência se dá, compõe a rede de atenção psicossocial, estando, portanto, alinhado a diretrizes e princípios do SUS e da Reforma Psiquiátrica Brasileira. O aporte teórico que sustenta tal reflexão é a Fenomenologia Existencial Hermenêutica, concebendo esta necessariamente como Fenomenologia Crítica, à medida que se propõe a desenvolver toda e qualquer reflexão a partir do contexto latino-americano, dos atravessamentos micro e macro políticos que compõe a saúde mental no Brasil. No grupo de adolescentes, temas como: a questão de gênero, a questão racial, a loucura enquanto estigma, a doença mental e o diagnóstico constituindo a identidade, o estreitamento dos espaços habitados no presente e das possibilidades de futuro, a violência que permeia o cotidiano são levantados pelos usuários. Junto aos adolescentes, engendram-se reflexões disparadas pelos temas, os quais são sustentados pelos coordenadores imbuídos da postura e compreensão de que o horizonte clínico constitui-se pelo fazer político e de que desvelar a rede de significados que compõe os fenômenos os tornam um verbo. A fenomenologia crítica, apresenta-se, portanto, como um território fértil, por onde o cuidado em saúde mental pode se dar, de modo a desabsolutizar corpos, histórias e tempos.

Palavras-chave: Saúde mental, Infanto-juvenil, Fenomenologia crítica



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**FENOMENOLOGIA CRÍTICA – REFLEXÕES PARA O ENFRENTAMENTO E
ACOLHIMENTO DE QUESTÕES RELACIONADAS AO RACISMO**

Daniele Elisa Silva Brito
Instituto Sedes Sapientiae

Maíra Mendes Clini
Instituto Sedes Sapientiae

Luis Eduardo França Jardim
Instituto Sedes Sapientiae

Heloísa Yzumida
Instituto Sedes Sapientiae

Rafael Yoles
Instituto Sedes Sapientiae

Sob a ótica da fenomenologia existencial heideggeriana, pretende-se refletir sobre questões relacionadas ao fenômeno do racismo. Teremos como foco central o relato de experiência de uma intervenção para o enfrentamento e acolhimento de uma situação de racismo, associado a outras violências, realizada pelo coletivo IFE-coletivo que promove intervenções psicoeducativas coordenado por uma psicóloga fenomenóloga, em uma escola da rede pública de ensino na cidade de São Paulo. Serão apresentadas reflexões sobre o contexto nacional do fenômeno do racismo, a necessidade de se desenvolver uma postura antinatural diante do mito da democracia racial, além de pensar sobre a experiência ôntica dos entes em paralelo ao conceito de lugar de fala. A partir do exposto, espera-se contribuir para possibilitar que a temática do racismo deixe de ser negligenciada por essa área do saber, uma vez que se observa a escassez de produções científicas e discussões acadêmicas nesse sentido por parte da psicologia fenomenológica, e, indo além, apresentar a inegável necessidade de letramento racial para profissionais atuantes em qualquer área da Psicologia, que precisam entender que o racismo é inerente a existência de brasileiros negros e só com essa compreensão é que se pode acolher as mazelas causadas por este tipo de violência.

Palavras-chave: Racismo, Fenomenologia, Escola, Enfrentamento, Acolhimento.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**FENOMENOLOGIA CRÍTICA: A CLÍNICA COMO PRÁTICA POLÍTICO-SOCIAL A
PARTIR DE EXPERIÊNCIAS NO PERÍODO DAS ELEIÇÕES**

Rafael Yoles
Instituto Sedes Sapientiae

Lívia Mendes Miyasato
Instituto Sedes Sapientiae

Luís Eduardo França Jardim
Instituto Sedes Sapientiae

Maíra Mendes Clini
Instituto Sedes Sapientiae

Batsheva Aschermann Siqueira
Instituto Sedes Sapientiae

A partir das obras de Martin Heidegger e Hannah Arendt, e contribuições de outros autores da fenomenologia, o presente trabalho tem como objetivo a reflexão sobre o espaço terapêutico clínico como espaço político-social. O período de eleições, que vivemos no Brasil em 2018, se apresentou de modo significativo na clínica, aparecendo como tema comum no relato de pacientes, sempre permeado pela atmosfera político-social em jogo naquele momento e reverberando de modo singular em cada um. Situação vivida como ameaça do lugar social, da segurança, das relações pessoais, das relações familiares, em que sentimentos como solidão, injustiça, medo, tão presentes no cotidiano da clínica, apareceram marcados pela questão do que essas eleições representaram. A partir das narrativas de pacientes adultos em atendimentos clínicos durante esse período, somos convocados a uma reflexão acerca da política na terapia fenomenológica e hermenêutica, trazendo contribuições para a atuação do psicólogo clínico. A clínica fundamentada a partir deste referencial nos aparece como necessariamente e radicalmente um espaço político-social. O paciente que chega não está descolado de um mundo político-social, bem como o terapeuta e o próprio lugar da terapia, que por ser um espaço de compreensão inevitavelmente abarca também a compreensão da postura política. A transformação da compreensão de si e de mundo é também a transformação da ação no mundo.

Palavras-chave: Fenomenologia crítica, Psicologia clínica, Política, Martin Heidegger, Hannah Arendt.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**NÃO É PORQUE SOMOS HOMENS QUE NÃO PODEMOS CUIDAR: REFLEXÕES
FENOMENOLÓGICAS SOB A ADOÇÃO HOMOAFETIVA**

Gessica Raquel Clemente Rodrigues
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

Ana Andréa Barbosa Maux
Unifacex

Geovânia da Silva Toscano
UNESP

Na atualidade, há um crescente surgimento de arranjos familiares que não se fundamentam mais no modelo tradicional de família biológica, heterossexual, monogâmica, hierárquica e nuclear. Este é o caso das famílias homoafetivas, que apesar de existirem como relação desde a antiguidade, só ganharam o status de família recentemente. A pesquisa aqui apresentada buscou compreender e refletir sobre a adoção de filhos por casais homoafetivos. Fizeram parte da pesquisa três casais homoafetivos masculinos. O caminho tomado para o processo de construção e análise das entrevistas realizadas foi por meio do método fenomenológico, mais especificamente, pela utilização do círculo hermenêutico compreensivo do filósofo Heidegger, partindo da percepção prévia, fazendo o recorte do olhar, a partir da visão prévia e elaborando novas compreensões a partir da concepção prévia. No tocante aos resultados obtidos, um que emergiu de forma expressiva em todas as entrevistas foi o questionamento dos “papéis de gênero” engendrada na experiência dessas famílias, no processo de assumirem o papel de pais, ficou nítida a necessidade de abandonar as concepções socialmente construídas, de que certas tarefas e cuidados eram primordialmente femininos. Não havendo uma mulher para se encaixar nesse padrão, eles precisaram abandonar o lugar de “provedor” e se debruçar sobre todas as necessidades biológicas, materiais, físicas, sociais e afetivas de seus filhos. Dessa forma, se descobriram novos pais e compreenderam que maternar não é algo exclusivo das figuras femininas. Nessa direção, tal experiência colocou os colaboradores diante do que Heidegger denomina de angústia, a qual é constituinte da existência do Dasein como ser-no-mundo. Nela, segundo esse filósofo, o homem se sente dominado por uma estranheza, que é como um sentir-se fora de casa. E é também nesse estranhamento que o homem é provocado a revisar o estar-no-mundo e que, no caso dos entrevistados, possibilitou reflexão sobre sua existência enquanto pais. Por fim, percebeu-se que essa possibilidade de constituição familiar, apesar da realidade fática, ainda é alvo de questionamentos, pois rompe com noções cristalizadas a respeito dos papéis de gênero.

Palavras-chave: Adoção, Homoafetividade, Círculo hermenêutico.



SOFRIMENTO, EXISTÊNCIA E LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE

**PÓS-ABRIGAMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: UMA
COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA**

Kadidja Suelen de Lucena Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Elza Dutra
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ana Karina Silva Azevedo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

As mulheres em situação de violência e ameaça de morte na cidade de Natal-RN podem contar com a possibilidade de proteção na Casa-Abrigo Clara Camarão. Este local é responsável por acolher essas mulheres, por tempo limitado, e de maneira sigilosa. Atualmente, a maior parte dos agressores são pessoas próximas a elas e que praticam a violência dentro das suas próprias casas, o que torna esse espaço um importante local de proteção. O momento de pós-abrigamento, na cidade de Natal, se inicia quando as mulheres saem da Casa-Abrigo e retornam para seus locais de origem. Diante desse contexto é possível questionar: como é sair da condição de abrigo após denunciar seu agressor? Quais são as implicações existenciais para as mulheres que passaram por essas experiências? Partindo destes questionamentos, este trabalho buscou compreender, a partir da fenomenologia-existencial heideggeriana, a experiência de mulheres que sofreram violência doméstica e estão em situação de pós-abrigamento na cidade de Natal-RN. Foram realizadas duas entrevistas-narrativas com mulheres no período de pós-abrigamento, as quais foram transcritas e interpretadas a partir da fenomenologia heideggeriana. Heidegger entende homem e mundo como cooriginários, para ele estamos sempre em relação com os outros, pois somos ontologicamente ser-com, portanto ao olharmos para a construção do ideal de mulher das participantes desta pesquisa nos aproximamos de um contexto que exige dela uma adequação a um modelo idealizado de comportamento de esposa e mãe sempre submissa, inclusive em uma relação violenta. Esse controle do outro sob a vida das mulheres aparece dentro dos relacionamentos abusivos, mas também, dentro da assistência recebida pela mulher no período de abrigo e continua no pós-abrigamento. A assistência recebida por essas mulheres está em consonância com o que Heidegger chama de Era da Técnica, na qual o homem se relaciona com o seu meio e os outros como reserva de recursos a ser explorado. Ao se depararem com uma assistência que ainda apresenta falhas ao tentar lhes garantir segurança e com a pressão do seu meio para que correspondam ao ideal de mulher, as participantes desta pesquisa relataram continuar se sentindo desalojados no período de pós-abrigamento.

Palavras-chave: Violência contra a mulher, Fenomenologia heideggeriana, Pós-abrigamento.